



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

VINÍCIUS PEREZ DE OLIVEIRA

**DOS VINTE CENTAVOS AO FORA DILMA: O PAPEL DA MÍDIA NAS
MANIFESTAÇÕES DE RUA**

UBERLÂNDIA (MG)
2023

VINÍCIUS PEREZ DE OLIVEIRA

**DOS VINTE CENTAVOS AO FORA DILMA: O PAPEL DA MÍDIA NAS
MANIFESTAÇÕES DE RUA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Licenciatura e Bacharelado.

Orientador Prof. Dr. Gilberto César de Noronha

UBERLÂNDIA (MG)
2023

**DOS VINTE CENTAVOS AO FORA DILMA: O PAPEL DA MÍDIA NAS
MANIFESTAÇÕES DE RUA**

Monografia aprovada para a obtenção do título de Licenciatura e Bacharelado no Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (MG) pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 19 de janeiro de 2023.

Prof. Dr. Gilberto César de Noronha, UFU/MG - Orientador

Profa. Dra. Mara Regina do Nascimento, UFU/MG

Prof. Dr. Antônio de Almeida, UFU/MG

DEDICATÓRIA

Agradeço primeiramente a Deus, por toda por sempre se fazer presente em meio a minha caminhada. Aos meus pais pela compreensão, carinho e amor com os quais me apoiaram em todos os momentos. Minha eterna gratidão por sempre serem minha base, meu porto seguro e por me não me deixarem desistir jamais. Em especial ao meu pai, por, muito além de acreditar em mim, ter feito de tudo para que essa conquista fosse possível.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Gilberto César de Noronha agradeço pela oportunidade de ser seu orientando. A Universidade Federal Uberlândia e seus colaboradores pela mediação de informações de extrema importância à minha formação. É finalmente aos meus colegas por sempre estarem juntos comigo em minha trajetória, por todo auxílio que me deram para que este trabalho fosse realizado.

“Não existe opinião pública, existe opinião publicada” (Churchill, 1874-1965)

RESUMO

A análise política sobre o governo da presidente Dilma Rousseff será apresentada tendo como base as opiniões de mídias sociais que se manifestaram na época dos acontecimentos de forma a fazer uma análise crítica de publicações e informações repassadas à população. Para alcançar a efetividade do que foi proposto escolheu-se a metodologia bibliográfica e documental, o que engloba livros, artigos e mídias de massa num geral, inclusive eletrônicas. A análise dos diferentes veículos de comunicação se torna relevante, principalmente quando se leva em conta o contexto midiático brasileiro que tem demonstrado pela predominância do financiamento de elites econômicas e políticas e dos grandes grupos de mídia tradicionais para promover o direito à informação e à comunicação. Por fim a pesquisa, através da análise das fontes citadas, identificou que é visível como as mídias interferem nos diversos meios sociais de forma a manipular a opinião pública sem que o público-alvo saiba que suas ações são inconscientes de conteúdos e informações apresentadas.

Palavras-chave: Dilma Rousseff. Manifestações. Mídias.

ABSTRACT

The political analysis on the government of President Dilma Rousseff will be presented based on the opinions of social media that were manifested at the time of the events in order to make a critical analysis of publications and information passed on to the population. To achieve the effectiveness of what was proposed, the bibliographical and documentary methodology was chosen, which includes books, articles and mass media in general, including electronic ones. The analysis of different communication vehicles becomes relevant, especially when taking into account the Brazilian media context, which has been demonstrated by the predominance of funding for economic and political elites and large traditional media groups to promote the right to information and communication. Finally, the research, through the analysis of the cited sources, identified that it is visible how the media interfere in the various social media in order to manipulate public opinion without the target audience knowing that their actions are unaware of the content and information presented.

Keywords: Dilma Rousseff. Manifestations. media.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I: O SISTEMA MUDIÁTICO BRASILEIRO.....	16
CAPÍTULO II: ABORDAGENS JORNALÍSTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DOS VINTE CENTAVOS AO FORA DILMA.....	26
2.1 As jornadas de junho.....	29
CAPÍTULO III: O DESENVOLVIMENTO DAS MANIFESTAÇÕES E RESULTADOS IMEDIATOS.....	55
CAPÍTULO IV: A MUDANÇA DE POSICIONAMENTO MUDIATICO ANTE OS MANIFESTOS.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS.....	138

INTRODUÇÃO

O ano de 2016 foi vivenciado como um momento histórico no Brasil. Diversos acontecimentos que pouco a pouco culminaram em grandes manifestações de rua em todo o país, manifestações estas as quais ainda hoje chama sua atenção em virtude das particularidades e ocorridos que corroboraram em um cenário que beira o caótico, mas que ao mesmo tempo demonstra requintes de um planejamento maquiavélico que resultou enfim no *impeachment* da primeira presidenta do país, Dilma Rousseff. No começo deste processo, a imprensa já anunciava seu fim, ou mais precisamente, sua finalidade:

[...] Depois das manifestações históricas de ontem por todo o país, o recado da população está claro: basta! O dia 13 de março de 2016 entra para a História do Brasil como a data das maiores manifestações populares jamais registradas.¹

Ao observar a atuação da mídia nos fenômenos políticos e sociais, podemos dizer que a imprensa tem assumido uma conduta hegemônica, nos diálogos entre governos e o público em geral. A expansão das redes de comunicação nos últimos anos representa um novo impulso para a atuação política dos meios de comunicação. A estreita relação entre a mídia e os acontecimentos políticos brasileiros é bastante conhecida, e existe uma prática do meio mediático de pautar as ações políticas e manifestar suas predileções eleitorais através de seus veículos de comunicação como estratégia para influenciar a dinâmica eleitoral e os rumos dos governos, em (des)favor de um ou mais interesses políticos. Em contrapartida, em muitas das ocasiões os próprios políticos são os donos das concessões de televisão e rádio, o que passou a ser denominado de “coronelismo eletrônico”.²

O aumento do uso de ferramentas tecnológicas trouxe mudanças na forma de comunicação não só dentro das fronteiras nacionais, mas também na forma como elas passam a se relacionar, inclusive no desempenho diplomático. Nesse contexto, as novas tecnologias de comunicação, as (novas) mídias, conquistaram uma

¹ GUROVITZ, Hélio. Game over, presidente Dilma. In. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/post/game-over-presidente-dilma.html>. Acesso em: 20 jan.2022.

² RODRIGUES, Theófilo Machado. O papel da mídia nos processos de impeachment de Dilma Rousseff (2016) e Michel Temer (2017). *Contracampo*, Niterói, v. 37, n. 02, pp. 37-58, ago. 2018/ nov. 2018.

posição importante nas questões relacionadas à resolução de conflitos devido ao seu poder de mobilização de massas e influência sobre a opinião pública.³

No Brasil, considera-se que a chamada opinião pública surgiu pela introdução da imprensa em 1808, com a chegada da corte da Família Real, que, ao criar um "espaço de crítica pública", sustentou debates políticos de ideias, principalmente com o processo de independência. Segundo Vieira (2015), esse espaço público foi se formando a partir das opiniões políticas que se distinguiram dos governos, ganhando certa autonomia e criticidade.

Segundo Marco Morel (2015) a “[...] opinião pública era um recurso para legitimar posições políticas e um instrumento simbólico que visava transformar algumas demandas setoriais em vontade geral”. Durante o século XIX, na Rússia, o Czar Nicolau I, imperador da Rússia, exercia censura e outros tipos de controles sobre a educação, a imprensa e as manifestações da vida pública, chegando a aprovar a criação de um comitê de censura, que repreendia opiniões contrárias com um alto grau de severidade e com poder ilimitado. Qualquer crítica voltada ao governo do Império Russo era terminantemente proibida, inclusive os elogios. Apesar de ser tratar de um exemplo extemporâneo, é possível compreender o período moderno quando se tratava da opinião pública, a possibilidade de circulação de opiniões, era mantida em segredo aos espaços de poder das monarquias desta época.⁴

O conceito de opinião pública surgiu por volta do século XVIII, e era entendida como uma forma de questionar as relações de poder e de “[...] influir nos negócios públicos, ultrapassando os limites do julgamento privado”⁵, pois o campo político/estatal passou a ser criticado e esteve ligada à ideia de “voz do povo” durante muito tempo. A expressão “opinião pública” surgiu nos dicionários a partir do ano de 1890. Contudo, após a liberdade política do Brasil, essa expressão foi amplamente usada em literatura de circunstância e periódicos quanto feita pelos ditos homens ilustrados.

³ CIRINO, Thais Emmanuelle da Silva; LEITE, Alexandre César Cunha; NOGUEIRA, Silvia Garcia. Mídia e política externa brasileira: a diplomacia midiática na crise do impeachment de Dilma (2016). *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* [online]. 2019, v. 42, n. 1 pp. 57-71.

⁴ OLIVEIRA, Josemar Machado de Oliveira; OLIVEIRA, Ueber José de. Opinião pública na Europa e no Brasil: das origens da expressão à materialização tardia. *Dimensões*, [s. l.], v. 44, p. 10-43, 2020.

⁵ MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 14-45.

Nesse contexto, a mídia tem sido apontada como um espaço privilegiado para difundir posicionamento diante dos complexos jogos políticos através de seus veículos de comunicação, na tentativa de traçar sua agenda em conjunto com governos e outros agentes políticos, engajando um diálogo com as elites político-econômicas e desempenhando um papel estratégico no processo de enquadramento, moldando a cobertura de informações, debates públicos e o desdobramento de eventos políticos.⁶

A cada processo eleitoral no Brasil esbarramos com o entrosamento de diversas figuras políticas com a imprensa e durante o *impeachment* da presidenta Dilma não foi diferente. A mídia é uma peça importante da engrenagem do sistema político numa perspectiva geral, independentemente do local e da circunstância, aquele que detém a informação e tem maior influência sobre ela tende a se sobrepor aos demais. A imprensa tem estado entre os principais protagonistas dos processos políticos, econômicos e sociais, cada um com seu peso político, mas estão todos na mesma trama e atunes no jogo político.⁷

De acordo com Nogueira (2016) o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff teria sido manipulado pela mídia, devido a diversos interesses políticos e econômicos, que de fato, intensificaram a crise constitucional no país. Dilma Rousseff foi condenada por acusações de crime de responsabilidade, pela prática das chamadas “pedaladas fiscais”. Nesse aspecto, houve muitas divergências de interpretação pela fragilidade da acusação que levou à conclusão de que “pedaladas fiscais” não constitui crime de responsabilidade, pois a violação da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) que caracteriza o crime contra as finanças públicas, não tem qualquer semelhança com os crimes de responsabilidade dispostos na Lei nº 1.079/50, que define os crimes de responsabilidade e regula o respectivo processo de julgamento.⁸

Ao longo dos últimos anos já foram publicadas diversas obras que têm como foco a tentativa de explicar, compreender e refletir acerca dos fatos acontecidos no período do governo de Dilma Rousseff que acabaram por culminar no processo de

⁶ GUAZINA, Liziane; PRIOR, Hélder; ARAÚJO, Bruno. Enquadramento de uma crise brasileira: o impeachment de Dilma Rousseff em editoriais nacionais e internacionais. *Journalism Practice*, [s. l.], ano 2019, v. V. 13, ed. 5, p. 620-637, 6 nov. 2018.

⁷ MORITZ, Maria Lúcia; RITA, Mayara Bacelar. Mídia Imprensa e Gênero na construção do impeachment de Dilma. Intercom: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* [online]. 2020, v. 43, n. 2, pp. 203-223.

⁸ ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de; LIMA, Vitória Thess Lopes da Silva. Dilma Rousseff na imprensa brasileira: Da Reeleição ao Processo de Impeachment. *Revista Encontros*. Vol. 14, Nº 26. 2016.

impeachment. Dentre estas obras é possível destacar, por exemplo *Brasil: cinco anos de golpe e destruição* (2021), *O Golpe de 2016 e a Corrosão da Democracia no Brasil* (2020), *O Colapso da Democracia no Brasil: da Constituição ao Golpe de 2016* (2019), *Foi Golpe! O Brasil de 2016 em análise* (2019), dentre diversos outros.

“Por que teria sido possível afastar Dilma Rousseff com tão frágeis argumentos?”⁹ Os livros aqui citados têm como foco o trabalho de avaliação do cenário político deste período como um todo trazendo a premissa da elucidação dos fatos ocorridos e como um trabalho conjunto da oposição, juntamente com a mídia e empresários tiveram papel de importante influência ante ao desenvolvimento dos fatos.

A primeira grande crise do governo Dilma Rousseff foi vislumbrada após as manifestações ocorridas em junho de 2013 no Brasil, conhecidas como "Jornadas de Junho". Tais manifestações, chamaram a atenção principalmente pela sua grandeza, inicialmente, em protesto contra o aumento da tarifa do transporte urbano. Criada a partir de reivindicações do Movimento Passe Livre (MPL), que surgiu depois das “Revoltas do Buzu”¹⁰, em Salvador, em 2003 e “da Catraca”¹¹, em Florianópolis, nos anos de 2004 e 2005. Portanto, depois de certo tempo, as manifestações foram remodeladas e passaram a uma crítica ao governo petista e por um discurso de combate à corrupção. Depois que as tarifas foram baixadas, o “fim da corrupção” se tornou a bandeira central de todo o movimento. Essas manifestações foram responsáveis por desencadear outros eventos posteriores, como as revoltas da Copa do Mundo. A midiática Operação Lava Jato também foi um forte agente para o processo de abertura do *impeachment*. De certa forma, esses episódios podem ser relacionados e tiveram outros grandes desdobramentos que transformaram a configuração política brasileira.

As “Jornadas de Junho” chegaram a reunir, em apenas um único dia mais de um milhão de pessoas ocupando as ruas de 100 cidades, munidas de cartazes com

⁹ NORONHA, Gilberto César de; LIMA, Idalice Ribeiro Silva; NASCIMENTO, Mara Regina do (Orgs). *O Golpe de 2016 e a corrosão da democracia no Brasil*. Jundiaí/SP: Paco, 2020, p. 363.

¹⁰ A “Revolta do Buzu” ocorreu entre agosto e setembro de 2003 em Salvador-BA, protagonizada por estudantes. A revolta popular promoveu bloqueio de avenidas da cidade por três semanas em protesto contra o aumento da tarifa do transporte urbano (O golpe de 2016 e o futuro da Democracia no Brasil [recurso eletrônico] / Lyndon de Araújo Santos, Marcus Vinícius de Abreu Baccega, Yuri Givago Alhadeff Sampaio Mateus (organizadores). — São Luís: EDUFMA, 2021.)

¹¹ Mobilização da população na cidade de Florianópolis-SC contra o aumento das tarifas de ônibus urbanos, que fechou as pontes de acesso à ilha e durou vários dias, nos anos de 2004 e 2005. E foi um dos marcos do Movimento Passe Livre em nível nacional no Brasil.

todos os tipos de correntes ideológicas, construídas simultaneamente na mídia e nas ruas.¹² Devido a essas diferentes correntes ideológicas que foram ganhando força, diversos grupos ligados à direita irromperam e começaram a ganhar corpo e voz, sendo os principais o Movimento Brasil Livre (MBL), os movimentos Revoltados Online e Vem pra Rua, que surgiram a partir do ano de 2013 com um modus operandi muito semelhante ao antigo IPÊS e IBAD, renovados do ponto de vista tecnológico, que conseguiram mobilizar milhares de pessoas para protestar contra o governo, tendo como objetivo o *impeachment* de Dilma Rousseff.¹³

Com a brecha aberta pela magnitude que atingiram as Jornadas de Junho, o ataque ao Partido dos Trabalhadores (PT) nas ruas e no Congresso Nacional abriu caminho para a ascensão de uma direita autoritária e o campo democrático ficou exposto. Desde então, a sociedade que estava adormecida, desde “os caras pintadas”, movimento estudantil da década de 90 que reivindicou o *Impeachment* de Fernando Collor de Melo, voltou às ruas dando sustentação a um rearranjo das forças políticas, tanto na rua, quanto as partidárias, no Congresso Nacional.¹⁴

A direita brasileira compreendeu o “espírito” dos protestos e renovou seu mapa de ação, até então limitado à lógica eleitoral, ao lobby e a uma política de confronto. As Jornadas de Junho mobilizaram, principalmente, as classes médias cujo espectro tinha sido ampliado nos Governos Lula e Dilma, como a chamada classe C e as classes altas que atenderam ao chamado de organizações sem lastro social ou institucional, originadas para intervir de forma direta no cenário crítico. O alvo dos protagonistas políticos de direita não era apenas o governo petista, mas também a esquerda partidária e sindical, juntamente com a chamada *cultura esquerdista* de uma forma mais abrangente.¹⁵

Considerando essa problemática, o presente trabalho questiona sobre como os diferentes veículos de comunicação da mídia brasileira participaram desse processo, não apenas fazendo a cobertura dos eventos, mas como teriam interferido no desencadeamento dos acontecimentos. Interessa-nos interrogar como

¹² CARLOS, Eliana Natividade. A mídia e as manifestações de junho de 2013: uma análise de produtos midiáticos. 2015. 97 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Cásper, [S. l.], 2015.

¹³ OLIVEIRA, Caroline. Impeachment 5 anos: a relação entre junho de 2013 e a ascensão da extrema-direita: Como a extrema direita se apropriou de manifestações legítimas contra o aumento do ônibus e feriu a democracia. Brasil de Fato, São Paulo, 18 abr. 2021.

¹⁴ GROHMANN, Rafael; SOUZA, Lívia Silva de. A midiáticação das jornadas de junho: o consumo na rede. *Ciberlegenda*, [s. l.], p. 134-143, 8 out. 2014.

¹⁵ TATAGIBA, Luciana. Entre as ruas e as instituições: os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff. *Lusotopie*, [s. l.], 2018, p. 112-135.

construíram seus discursos, como abordaram esse processo, de forma a procurar compreender seus efeitos, como seus posicionamentos ideológicos influenciaram/ou procuraram influenciar sobre as manifestações pró e contra *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff.

A análise dos diferentes veículos de comunicação se torna relevante, principalmente quando se leva em conta o contexto midiático brasileiro que tem demonstrado que a diversidade e o pluralismo têm sido objetivos distantes e caracterizado historicamente pela predominância do financiamento de elites econômicas e políticas e dos grandes grupos de mídia tradicionais para promover o direito à informação e à comunicação. Assim, existem importantes entraves ou limites para o pleno estabelecimento da diversidade e do discurso democrático de informações no país.¹⁶

Evidentemente, as inclinações históricas não explicam por si só as mudanças políticas contemporâneas. Isto é, não é nossa intenção discutir aqui as razões do complexo contexto político no Brasil, porém, é relevante identificar elementos para contextualizar nossos objetivos, que visam elencar os fatores que levaram ao desgaste do PT no cenário político, que culminaram no processo de impeachment de Dilma Rousseff.

Pretendemos considerar outras variáveis para além do personalismo centrado no então ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva e as fracas habilidades do governo Dilma para atender às demandas da população e, sobretudo, dos grupos políticos tradicionais, e ao novo movimento social, além das acusações de corrupção e vários escândalos políticos que tornaram possível o desfecho do golpe. Esta fraqueza, é valido enfatizar, que se remete ao aspecto político da presidenta, a qual, por mais que detivesse competência técnica para o exercício de seu cargo, não detinha uma boa desenvoltura das habilidades sociais e/ou comunicativas, o que por vezes comprometia alguns discursos.¹⁷

Para a produção do trabalho foi realizada a análise de textos jornalísticos como editoriais, matérias e reportagens de veículos de circulação nacional sendo eles, *O Globo* e o editorial da *Carta Maior*, sobre as manifestações contra o governo

¹⁶ GUAZINA, Liziane; PRIOR, Hélder; ARAÚJO, Bruno. Enquadramento de uma crise brasileira: o impeachment de Dilma Rousseff em editoriais nacionais e internacionais. *Journalism Practice*, [s. l.], ano 2019, v. V. 13, ed. 5, p. 620-637, 6 nov. 2018.

¹⁷ LULA descarta Dilma em um possível novo governo: “Tem muita gente nova no pedaço”. [S.l.]: Uol, 2022. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LssWaN9Iuvs>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Dilma, tanto os veículos pró e contra impeachment, no decorrer do ano de 2013 com as “Jornadas de Junho” até o início de 2016 com o “Fora Dilma”. Também foi abordada a posição da mídia internacional sobre os acontecimentos e sua repercussão mundial, através de uma análise qualitativa das matérias jornalísticas a partir do conceito de enquadramento¹⁸, relevantes para compreender a relação da mídia e política. Além do entendimento da construção de narrativas estratégicas pela mídia, também se faz relevante a observação das questões de gênero que irromperam ao longo do processo, no tratamento recebido pela presidenta Dilma Rousseff, durante o processo, trazendo à tona o debate sobre a violência real concreta a simbólica enfrentada pelas mulheres no campo das instituições políticas.

Para melhor apresentação dos resultados, a pesquisa será dividida em quatro capítulos. No primeiro faremos um breve histórico da imprensa no Brasil, e falaremos sobre o poder da influência da imprensa sobre a opinião pública. No segundo capítulo, serão analisados editoriais do jornal o Globo e da Carta Maior, identificando-se como se deram suas coberturas jornalísticas a partir de junho de 2013 nas “Jornadas de Junho” até o início de 2016 com as manifestações do “Fora Dilma!”. O terceiro capítulo trará a análise comparativa entre as coberturas jornalísticas dos dois periódicos e suas disparidades, confrontando-os, quando necessário, com outras coberturas jornalísticas da imprensa internacional. No quarto capítulo é voltado para a discussão acerca do movimento da mentalidade das massas durante o período das manifestações, que até certo momento se indicavam tanto quanto desorientados e gradualmente foram voltando seu foco para a presidenta, neste capítulo será desenvolvido como se deu esse processo e quais fatores podem ter influenciado nesta mudança de rumos. E na última parte do trabalho, as considerações finais se volta para o foco de como se deu a narrativa da imprensa neste período, identificando o papel chave que estava teve para o caminhar das manifestações, e como as abordagens que esta fez ao longo deste período foram determinantes para o *impeachment*. Nas considerações finais será feita uma reflexão sobre o processo de construção da pesquisa e dos resultados obtidos.

¹⁸ Considerações em torno de perspectivas do tema abordado, que servem para contextualizar a elaboração do texto.

CAPÍTULO I: O SISTEMA MIDIÁTICO BRASILEIRO

Ainda que durante muito tempo a ciência política tenha negligenciado o poder de influência da mídia nos assuntos políticos, essa é uma posição insustentável na presença do mecanismo midiático no cotidiano da sociedade contemporânea. Os vários veículos midiáticos, em suportes físicos ou digitais, principalmente o jornalístico, constituem a principal ferramenta de acesso às informações sobre o mundo político na atualidade. Assim, mídia e política estão em constante interação, uma se orientando pela outra.¹⁹

O surgimento da Internet na década de 90 abriu caminho para um novo momento para a mídia, culminando na expansão das redes de comunicação. Nesse período, ocorreram profundas mudanças nas manifestações sociais, decorrentes do acesso e exposição às novas tecnologias midiáticas que passaram a moldar o comportamento. As novas tecnologias redimensionaram as relações sociais, encurtando distâncias e trazendo agilidade na conexão de pessoas sem presença física. Tais mudanças tornaram a tarefa de fazer política mais complexa, sobre a influência de uma série de fatores e agentes, incluindo a imprensa e a opinião pública. A mídia passou a ganhar mais destaque nas discussões políticas devido à velocidade com que as informações se espalham e seu papel nas transformações e ações sociais.²⁰

Entre os desafios democráticos enfrentados pelos países capitalistas, caracterizados pela grande desigualdade social e de acesso à informação como o Brasil, está o perigo de que a centralização midiática limite os direitos dos cidadãos à informação, já que a produção de informações pode ser inferior à esperada, com menos diversidade e pluralidade de pontos de vista.²¹

Os jornais no Brasil, cujos primórdios foram tardios se comparados com outros países Sul-Americanos foram marcados pelo conflito político e censura que atravessaram os séculos. Em 1744, os jornais já circulavam no Peru; e na Colômbia

¹⁹ MORITZ, Maria Lúcia; RITA, Mayara Bacelar. Mídia Impressa e Gênero na construção do impeachment de Dilma. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* [online]. 2020, v. 43, n. 2, pp. 203-223.

²⁰ CIRINO, Thais Emmanuelle da Silva; LEITE, Alexandre César Cunha; NOGUEIRA, Silvia Garcia. Mídia e política externa brasileira: a diplomacia midiática na crise do impeachment de Dilma (2016). *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* [online]. 2019, v. 42, n. 1 pp. 57-71.

²¹ BORGES, Gabriela Silveira. *Pró ou contra impeachment: análise de conteúdo sobre as manifestações nas capas do jornal O Globo*. 2016. 99 f., il. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social). Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

o primeiro apareceu em 1791. Enquanto no Brasil, o primeiro jornal surgiu em 1808. A data de sua fundação, assim como sua publicação marcou também o início das primeiras polêmicas envolvendo o jornalismo e a política. O correio Braziliense foi fundado em 1º de junho e em 10 de setembro nasceu a Gazeta do Rio de Janeiro, ambos no ano de 1808.²²

Segundo Hohlfeldt (2008), existe uma série de razões pelas quais o jornalismo teve dificuldade em se estabelecer no Brasil. Algumas delas são claramente político-administrativas, como a natureza feitorial da colonização, reflexo da censura, a precariedade da burocracia estatal e o obscurantismo metropolitanos, as quais se unem a outras razões culturais, como o analfabetismo, a falta de urbanização, ausência de tipografia e de universidades e do início das atividades comerciais e industriais.

Pode-se, portanto, imaginar que nem o Correio Braziliense e nem a Gazeta do Rio de Janeiro puderam contar com um apoio muito forte de assinantes. No caso do Correio Braziliense, é possível que, por se tratar de uma forma livre de censura, pois sua produção, edição e venda, era realizada em Londres por Hipólito José da Costa. Dessa forma, essas publicações chegavam clandestinamente e eram lidas no Brasil, mesmo tendo sua circulação e leitura proibidas, por fazer oposição à Coroa, contestando a política da época:

O Correio Braziliense, por ser o único periódico português do tempo que podia manifestar independência, porque se editava fora dos domínios reais e tinha à sua frente um homem de espírito desassombrado e clarividente, constitui o melhor, senão o exclusivo, repositório das falhas da administração brasileira.²³

O Correio Braziliense opinava e criticava o Império Português atuante no Brasil. Até a queda do Império, o jornalismo de opinião no país se manteve, com as características do jornalismo desenvolvido no século XIX, dando maior destaque à informação. Já no caso da Gazeta do Rio de Janeiro, o jornal está diretamente vinculado a uma repartição pública real, ainda que composto por associados, que lucravam à medida que o jornal tinha uma garantia de assinaturas para patrociná-lo, as edições só eram publicadas após serem lidas pelos Condes Unhães e Galveias,

²² CAUDURO, Douglas Hinterholz. *A opinião do Estado de S. Paulo nos impeachments dos presidentes Fernando Collor de Mello e Dilma Rousseff*. 2018. Dissertação (Pós Graduação de Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [S. l.], 2018.

²³ SODRÉ, N. W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p.21.

participantes da Junta Censória da Coroa. Assim, seus textos nunca noticiavam queixas contra a Coroa, e teve seu término com a Proclamação da Independência em 1822. Sodré (1999) retrata bem sobre a Gazeta do Rio de Janeiro:

Por meio dela só se informava ao público, com toda a fidelidade, do estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício, notícias dos dias natalícios, odes e panegíricos da família reinante. Não se manchavam essas páginas com as efervescências da democracia, nem com a exposição de agravos. A julgar-se do Brasil pelo seu único periódico, devia ser considerado um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado um só queixume.²⁴

É notório que o jornalismo tem um impacto direto no direcionamento da construção da opinião pública acerca de diversas temáticas, ressalta como o jornalismo, em especial quando se traz como foco a abordagem de temáticas polarizadoras são capazes de impactar de forma direta na perspectiva da base²⁵.

Algo que se mostra eficiente em 1816 tanto quando em 2016, onde a narrativa fugia da imparcialidade comumente associada a visão jornalística. Moraes (2013) aponta que por mais que os jornais tentem fugir desta associação com ideais bem definidos, em especial com relação à política, nestes períodos denotados, os meios jornalísticos apontava tópicos que tinham como intuito direto a crucificação da forma com que era conduzido o governo naquele presente momento²⁶.

Ainda período Colonial, surgiram no país mais de 50 jornais, com duração efêmera na sua maioria, A imprensa brasileira nos seus primórdios foi marcada pela oposição, o oficialismo e a censura. A imprensa Régia publicou em 1811, a primeira revista carioca, chamada *O Patriota*. No mesmo ano, no estado da Bahia, surgia a *Idade de Ouro do Brasil*, moldada no mesmo contexto da *Gazeta do Rio de Janeiro* e defendia o absolutismo, criada para neutralizar o material com opiniões contrárias a Portugal, que chegavam ao Brasil com a abertura dos portos. Na Gazeta as notícias políticas sempre eram apresentadas de forma singela, anunciando simplesmente os fatos, sem contrapor quaisquer argumentos que tendessem de forma direta ou indireta a dar qualquer inclinação à opinião pública.²⁷

²⁴ Ibidem, p.20

²⁵ TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005

²⁶ MORAES, Denis de. *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica á democratização da informação*. Rio de Janeiro: Boitempo editorial, 2013. p. 53- 70.

²⁷ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/ EDUSP, 1988. p.?

A censura que se iniciou com a Imprensa Régia, e foi marcada pelas punições e pelos chamados crimes de imprensa, teve fim em 1821. No entanto, já tinha sido amenizada seis anos antes, em 1815, quando já era permitida a publicação livre de letras de câmbio, convites, anúncios e outros papéis semelhantes. Com essa possibilidade, a liberdade de imprensa permitiu o surgimento de diversos jornais no Brasil. Muitos deles buscavam mobilizar (ou construir) a opinião da Colônia contra a dominação de Portugal. Por outro lado, existiam os jornais que procuravam combater essa ideia, apoiando a dominação portuguesa. Nesse período, a imprensa se apresentava explicitamente de forma doutrinária, colocando as informações em segundo plano. Outro aspecto marcante desse período era a presença de uma linguagem violenta. Um dos periódicos que utilizavam esse tipo de linguagem era *A Malagueta*. Seu redator, Luís Augusto May foi espancado e teve suas mãos aleijadas, por tecer críticas ao Ministério Imperial liderado pelos irmãos Andradas.²⁸

Em 1821, nascia o precursor dos jornais informativos atuais, o primeiro a publicar notícias do cotidiano, sem a tendência doutrinária explícita, o *Diário do Rio de Janeiro*. Seu conteúdo abordava notícias sobre furtos, assassinatos, espetáculos, diversões, leilões, correio, anúncios de venda de escravos, informações meteorológicas, compras e vendas, achados e aluguéis e circulou até 1878. Após o fim da *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 1822, surgiram vários jornais da Imprensa Áulica.²⁹

Com a Independência, a imprensa intensificou a luta pela normalização da vida política no Império, pregando ordem, liberdade e respeito à Constituição, influenciando no curso dos acontecimentos. Portanto, o fim da censura não impediu que a Corte tentasse manter seu domínio sob a Colônia, fazendo o uso da imprensa. Para cada jornal que nascia na oposição, surgiram muitos outros combatendo a Independência.

Existiram também os pequenos Jornais no período da Regência, que apresentavam as reivindicações de grupos sócio-políticos regionais dissidentes da ordem imperial centralizada no Rio de Janeiro. Esses periódicos foram denominados de Pasquins, provocando uma agitação às lutas políticas. Seu conteúdo expressava o ardor dos grupos em divergência. Havia uma verdadeira guerra de palavras entre liberais e conservadores, usando os pasquins que tinham uma duração muito curta.

²⁸ SODRÉ, Nelson Wemeck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 323.

²⁹ CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto;Edusp, 1988.

Aproveitando-se disso, a imprensa conservadora que tinha uma vida mais longa, fazia guerra abertamente, refletindo contradições políticas e *sociais, influenciando no andamento dos acontecimentos, sendo alguns deles o Diário de Pernambuco* (criado em 1825 e que existe até hoje), o *Correio Paulistano* e o *Jornal do Comércio*, entre outros.³⁰

A primeira metade do século XIX foi marcada pela consolidação do Império e a imprensa política, que era representada, principalmente, pelos pasquins, e que acabou se enfraquecendo. Devido à organização urbana que começou a se formar, a imprensa retratou todas as transformações da época que foi marcada pela conciliação, com o esmorecimento das lutas partidárias, passando a predominar um jornalismo conservador, que atraía seus leitores por meio de folhetins, que tinham a participação de escritores da época, como José de Alencar. Começava a crescer a imprensa abolicionista e surgiam os primeiros jornais com ideias republicanas, que se deram, pelos jovens de famílias ricas que estudavam na Europa e voltavam ao Brasil com novas ideias, que defendiam a República e a libertação dos escravos, tornando o movimento abolicionista cada vez mais forte e conquistando seu espaço na imprensa.³¹

Durante a Primeira República foi fundada a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), que lutava pela liberdade de imprensa. E no fim do século XIX, a imprensa artesanal foi sendo substituída pela imprensa industrial, tornando-se empresa, deixando de lado o jornalismo individual. Em 1900, na consolidação da República, porém, ao virar empresa, a imprensa passou a ficar sob o domínio do Estado e do Capital.³²

Após a Proclamação da República, a imprensa ficou incumbida de conscientizar o povo de que não se tratava de uma ditadura militar, sendo que no governo havia mais participantes republicanos, do que militares, portanto, logo após as comemorações pela República, se renovavam as lutas políticas tumultuando o governo de Deodoro. A imprensa era diversificada, principalmente em São Paulo, como afirma Sodré:

³⁰ CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto;Edusp, 1988.

³¹ MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p.2343.

³² SODRÉ, Nelson Wemeck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 323.

A grande imprensa fez do tema político a tônica de sua matéria - tal como a política era entendida e praticada na velha República oligárquica. O tema político neutraliza a influência literária, mas não permite ainda a linguagem jornalística, aquela que é específica, diferente da linguagem literária.³³

Ocorreu uma transição da imprensa entre o século XIX e o século XX nos grandes centros urbanos no Brasil. O século XIX foi marcado pelo surgimento dos primeiros jornais impressos que abriram um espaço para refletir os novos comportamentos sociais e a revolução industrial nesse período possibilitou a vertiginosa expansão dos jornais e a criação de novos empregos. Cada vez mais pessoas se dedicam a uma atividade que adquiriu um novo objetivo de fornecer informação, tendo foco nas propagandas de bens comerciais e não na política *strictu sensu*.

Nesse contexto, Traquina (2001) explica que no final do século XIX, o jornalismo se estabeleceu como uma atividade comercial. A produção dos jornais buscava uma maneira de se sustentar e aumentar as margens de lucro. A solução encontrada foi associar a publicidade aos produtos de informação, sendo assim, um misto da produção e distribuição de informação amplamente patrocinada pelos anunciantes.

Marcondes Filho (2001) esboça algumas características dos dois períodos que ele chama de primeira imprensa e segunda imprensa. A primeira imprensa, na opinião do autor, corresponde ao ano de 1789-1830, e é caracterizado pelo conteúdo literário e político, com críticas sobre a economia deficitária, e quem o controlava era escritores, políticos e intelectuais. A segunda imprensa, do período entre 1830 e 1900, conhecida como imprensa de massa, marcou o início da profissionalização dos jornalistas, a criação de reportagens e manchetes bem como o uso da publicidade e o fortalecimento da economia de mercado ampliaram os negócios, nas grandes cidades, destacando a relação entre jornalismo e eletricidade, pois o desenvolvimento tecnológico, permitiu a criação de novos aparelhos elétricos que chegavam ao mercado. Ao mesmo tempo, ocorriam melhorias no transporte rodoviário, fluviais e aéreo, impulsionando as mudanças cada vez mais rápidas do jornalismo.

Consolidou-se, nos últimos 50 anos, uma indústria moderna de comunicação de massa no Brasil, considerado o principal meio de informação e entretenimento

³³ SODRÉ, Nelson Wemeck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 323.

para milhões de pessoas. De acordo com Miguel (2000), além do impacto na representação do mundo dos consumidores, a mídia tem sido uma participante direta em períodos e nos acontecimentos importantes de nossa história política. Portanto, várias narrativas veiculadas são instituídas pelos meios de comunicação de massa, e existe um forte descontentamento por parte dos historiadores e cientistas políticos pela influência da mídia sobre vários fatos políticos que sequer chegaram ao conhecimento da sociedade.

A ética profissional muito falada na imprensa é uma obrigação que afeta não só no âmbito profissional de quem age eticamente ou não, mas também a qualidade da mídia e principalmente a vida do destinatário. Segundo Cauduro (2018) a mídia não deveria agir em seu próprio benefício ou de outrem, pois ela é uma representante da sociedade. “O jornalismo como serviço público fornecendo aos cidadãos as informações necessárias para votar e participar da democracia e atuar como Defensor dos cidadãos contra possíveis abusos de poder”³⁴. Portanto, a responsabilidade da mídia é muito grande e precisa da democracia assim como a democracia precisa da mídia:

A questão ética do jornalismo numa democracia, entretanto, é uma questão comum às instituições democráticas e não somente à imprensa, ao rádio, à televisão, ao cinema. Ela deve estar na razão direta do próprio organismo social. Ela é necessariamente consequência e causa no comportamento da sociedade.³⁵

O jornalismo, mesmo antes de ser nominalmente conhecido como tal, já exercia forte influência no modo de pensar e agir das civilizações antigas, contexto idealizador, que permanece até os dias atuais. Não sabemos exatamente quais foram as origens do primeiro jornal do mundo, mas os historiadores atribuem a invenção ao imperador romano Júlio César por meio da *Acta Diurna*, publicado por volta de 69 a.C., com o intuito de informar a população sobre os eventos políticos e sociais que ocorriam no império como campanhas militares e execuções. As notícias eram colocadas em grandes lousas expostas em local de fácil acesso ao público. Eles se tornaram o primeiro exemplo de jornalismo na história da humanidade, escrito por magistrados, funcionários públicos e escravos, que poderiam ser

³⁴ CAUDURO, Douglas Hinterholz. *A opinião do Estado de S. Paulo nos impeachments dos presidentes Fernando Collor de Mello e Dilma Rousseff*. 2018. Dissertação (Pós Graduação de Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [S. l.], 2018.p,21.

³⁵

considerados os primeiros jornalistas responsáveis pela coleta de informações e redação, sobre os atos governamentais e decisões do senado, além de notícias do cotidiano e fofocas sociais.

No Brasil, o jornalismo foi idealizado “para que formando a opinião pública, os mesmos a respeitem e a sigam”³⁶. Atualmente a mídia passa a representar outras vozes que não a do interesse público. Desse modo, notícia e opinião não devem ser confundidas, pois as opiniões expressas da empresa devem aparecer somente em editoriais e artigos de opinião própria, assinados por colunistas. Como consequência lógica, os noticiários se mantêm baseados na pretensa neutralidade da informação, com as opiniões expressas em espaços limitados e manifestando os interesses políticos, econômicos, comerciais e culturais, buscando assim, afirmar um consenso distinto na sociedade que expressariam o desejo da opinião pública. Para Almeida e Lima (2016), essa divisão teórica não se faz presente na mídia. Segundo os autores,

O jornalismo é uma atividade de autonomia reduzida. Isso decorre da ausência de regras claras de produção, de proteção contra os desvios, falsificações etc. quanto ao processo e produtos da atividade. A fragilidade dessas regras permite que o campo seja invadido pelo campo econômico e político, com seus interesses e regras específicas, desfazendo qualquer norma de produção midiática em constituição.³⁷

Nesse aspecto, é possível compreender a existência de uma série de complexidades relacionadas à atividade da mídia devido à sua limitada autonomia, se tornando permeáveis a diversos interesses, além de apenas informar os eventos. Sendo assim, a mídia acaba intervindo tanto na compreensão da diversidade de vozes da sociedade, contribuindo assim, para que a compreensão por parte da sociedade fique sujeita à sua influência direta, atuando como porta-vozes da opinião pública buscando influenciar a sociedade, a aceitarem as opiniões publicadas como expressão de suas aspirações³⁸.

Segundo Bloch (2002) “todo conhecimento da humanidade, qualquer que seja, no tempo, seu ponto de aplicação, irá beber sempre nos testemunhos dos

³⁶ Diário do Rio de Janeiro, n. 080019. 23 ago. 1822

³⁷ ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de; LIMA, Vitória Thess Lopes da Silva. Dilma Rousseff na imprensa brasileira: Da Reeleição ao Processo de Impeachment. *Revista Encontros*. Vol. 14, N° 26. 2016.p,111.

³⁸ CAUDURO, Douglas Hinterholz. *A opinião do Estado de S. Paulo nos impeachments dos presidentes Fernando Collor de Mello e Dilma Rousseff*. 2018. Dissertação (Pós Graduação de Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [S. l.], 2018, p, 21

outros uma grande parte de sua substância”³⁹ nos traz a questão sobre a relação do historiador e as ferramentas usadas para a investigação do passado, no intuito de garantir o saber histórico. A mídia sendo considerada uma fonte e objeto de pesquisa para conhecimento de fatos históricos do Brasil, tanto para essa e gerações futuras, deve ser pautada na veracidade dos fatos de forma imparcial, ou ao menos esta é a premissa que se espera, ante a realidade dos fatos, é necessário extrair das mídias as ideias que estas apresentam, tendo sempre em mente o caráter de imparcialidade, o qual é inerente do meio.

Assim, é necessário a busca por informações midiáticas baseadas em fontes diversas, a fim de que assim seja possível extrair a síntese dos fatos e não simplesmente a perspectiva que um ou outro veículo de imprensa pretende apresentar. Considerando as diversas perspectivas é possível, com base nos fragmentos extrair aspectos como as diferentes visões que estavam sendo pautadas na época analisada e assim analisar a história como um todo, inclusive identificando como seus efeitos impactaram para os moldes da atualidade. A função da mídia é informar a sociedade para que ela reflita e tenha conhecimento e conseqüentemente, levá-la a ponderar os fatos e elaborar seu próprio pensamento crítico.

Desta forma, se torna nítido o posicionamento da imprensa em meio aos ocorridos do período, onde até mesmo indivíduos de posicionamento expostos publicamente contra o desenvolvimento do governo no momento, em especial ao longo do desenvolvimento dos protestos, tinham papel de influência ante ao conteúdo que era promovido pelas mídias, algo que certamente se caracteriza como sendo até mesmo uma panfletagem a favor do afastamento de Dilma Rousseff⁴⁰.

Vale ressaltar que a atividade da imprensa neste período foi até mesmo dualizada, onde era possível distinguir parte da imprensa que se utilizava de ataques e levantamentos diretos contra o governo de Dilma Rousseff enquanto outros faziam apenas apontamentos sutis que promoviam, por mais que de forma mais branda, um sentimento de insatisfação da população ante a corrente situação do governo⁴¹.

³⁹ BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou o ofício de historiador*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

⁴⁰ MIGUEL, Luis Felipe. *O colapso da democracia no Brasil: Da Constituição ao Golpe de 2016*, ed. 1, São Paulo: Expressão Popular, 2016. P. 120.

⁴¹ CAUDURO, Douglas Hinterholz. *A opinião do Estado de S. Paulo nos impeachments dos presidentes Fernando Collor de Mello e Dilma Rousseff*. 2018. Dissertação (Pós Graduação de Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [S. l.], 2018, p. 21

CAPÍTULO II: ABORDAGENS JORNALÍSTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DOS VINTE CENTAVOS AO FORA DILMA

Diversos eventos marcaram o governo de Dilma Rousseff, podendo se destacar como os mais lembrados, as manifestações de 2013, também conhecidas como “Jornadas de Junho”, a Copa do mundo e a Operação Lava Jato. Aqueles momentos-chave que nos ajudam a entender por que foi possível à opinião pública aceitar o processo de *impeachment* da presidenta Dilma. Esses eventos podem ser considerados os mais notáveis para entender o processo. Retrospectivamente, as manifestações de 2013 podem ser compreendidas como ensaio geral, para as revoltas da Copa do Mundo. A operação Lava Jato foi um forte intermediário para a abertura do pedido do processo do *impeachment*. O que deixa visível que todos os eventos históricos podem ser relacionados, sendo estes abordados pelo historiador de acordo com o seu objetivo de pesquisa.

O Brasil foi surpreendido em junho de 2013, por uma série de manifestações replicadas em várias cidades, paralisando grandes centros urbanos e chegando a mobilizar a população também das pequenas cidades. Sendo consideradas as maiores expressões populares desde as "Diretas Já", no ano de 1980, e do “Fora Collor”, em 1992, as “Jornadas de Junho” surgiram da reivindicação contra o aumento das tarifas do transporte público, que em seus estágios finais se difundiu em várias bandeiras ideológicas e menos pontuais.⁴²

De um ponto de vista geral, as Jornadas de junho podem ser vistas como parte de um novo curso de ação coletiva que vem tomando forma nas últimas décadas. Métodos inovadores de organização e mobilização através de diferentes redes de conexão, usando a tecnologia da comunicação como um catalisador da vontade popular e que refletem um importante momento de movimento social que precisa ser mais bem compreendido. Um dos elementos-chave desse processo é a comunicação social. As novas mídias (mídias sociais e mídias móveis) e a mídia tradicional (*mass media*⁴³ e jornais), têm desempenhado um papel importante. Elas

⁴² INTERVOZES. Vozes silenciadas. Mídia e protestos. A cobertura das manifestações de junho de 2013 nos jornais O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo. São Paulo: Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, 2014.

⁴³ Canais usados para distribuir informações a um grande número de pessoas, sem qualquer tentativa de personalização.

funcionam como o placar para as vozes dos diversos atores que compõem a trama. No entanto, se a mídia é fundamental para mobilizar e expandir as manifestações, é importante averiguar a forma como ocorreu a cobertura da mídia e como os principais jornais do Brasil trataram do tema e sua repercussão.

Resumidamente, as manifestações de junho de 2013 devem ser entendidas como um fenômeno social e político complexo, sem causa ou determinante único. Em primeiro lugar, existe um histórico de carências e problemas na prestação de serviços essenciais à população, como saúde, saneamento básico, educação, segurança e transporte público, embora nos últimos anos os indicadores de desenvolvimento humano tenham melhorado significativamente, estas carências constituem problemas amplamente compartilhados em diferentes regiões, vivenciadas por muitos brasileiros em diferentes lugares e principalmente de classes de baixo poder aquisitivo.

O programa de transporte público é, portanto, muito sensível, pois inclui não apenas a classe trabalhadora, mas também a classe média e mais especificamente o segmento estudantil. O movimento pelo passe livre rejeitava o conceito de privatização e comercialização em que se enquadra a atual questão do transporte público e não se enquadra nos conceitos de direitos. É difícil imaginar a livre circulação de pessoas nos espaços urbanos, seja por falta de transporte adequado ou porque a maioria da população não tem condições de pagar esse serviço essencial que deveria de fato ser tornado público.

As Manifestações de Junho foram, inicialmente, a ampliação de manifestações anteriores contrárias ao aumento das tarifas de ônibus, registradas em algumas cidades brasileiras, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Natal, Florianópolis, Salvador e Porto Alegre, mas não atingiram um alcance nacional. Essas mobilizações não tiveram um impacto ou uma visibilidade significativa na mídia tradicional, porém, foram as bases para consolidar várias organizações, como o Movimento Passe Livre (MPL), liderando as primeiras manifestações em São Paulo, em junho de 2013, contra as tarifas do transporte público. Estas últimas desencadearam uma onda de manifestações por todo o Brasil.

2.1 AS JORNADAS DE JUNHO

O começo da mobilização se deu na primeira semana de junho de 2013, em resposta direta ao anúncio do governo de São Paulo, Gilberto Kassab, do aumento nas tarifas do transporte público de R\$3,00 para R\$3,20, daí o nome “Revolta dos 20 centavos”. Seis de junho de 2013, foi um dia importante para a ampliação do movimento, pois o MPL convocou um ato na capital paulista. Neste momento, a polícia militar impôs uma forte repreensão aos manifestantes, a fim de desobstruir as ruas interditadas e contra a reação dos ataques de manifestantes, também ocorreu a manifestação de autoridades públicas em apoio a ação da Polícia Militar e contra as manifestações. No dia seguinte ao início das manifestações, na edição do dia 7 de junho, o jornal *O Globo* já deixava claro a sua diretriz no processo de subjetivação, abordando a ação dos manifestantes, apontando-os como arruaceiros e vândalos, destacando a reportagem de capa com uma foto central de manifestantes ateando fogo a objetos pelas ruas de São Paulo. Na página 4 enfatizava que os manifestantes colocaram barricadas pelas ruas, como também descreviam o caos, a depredação de bancas de jornais e a violência entre policiais e manifestantes que enfrentaram balas e bombas de efeito moral.

No entanto, contrariamente do que era esperado pelas autoridades, a supressão pela polícia criou um efeito colateral que não era aguardado, sendo assim, novas manifestações foram planejadas, nos dias 7 e 8 de junho de 2013, na cidade de São Paulo e com número significativamente maior, chegando a quatro mil manifestantes. Com uma repreensão policial muito maior e a repercussão midiática pelos jornais e redes sociais as manifestações começaram a ser apoiadas fora de São Paulo, inspirando outras cidades a se manifestarem contra o aumento tarifário que ocorria em outros municípios.

Imagem 1: Capa O Globo edição 07/06/2013

O GLOBO
SEXTA-FEIRA, 7 DE JUNHO DE 2013, 19h 00min | R\$ 2,50 | 128 páginas | www.oglobo.com.br

CRÉDIBILIDADE EM REQUE
Agência de risco põe Brasil em viés de baixa
Crescimento pífilo, piora nas contas e inflação fazem S&P mudar perspectiva do país
Letas e peralistas, continua alimentada por mecanismos fiscais e informais de correção de preços

Protesto contra passagens de ônibus em quatro capitais
Ataque de São Paulo, Rio, Belo e Curitiba faz milhares de pessoas saírem às ruas em protesto contra o aumento das tarifas de transporte público em quatro capitais. O protesto em São Paulo foi o maior, com milhares de pessoas saíndo às ruas para exigir a suspensão das tarifas e a melhoria dos serviços. Em Curitiba, também houve manifestações em massa, com a participação de estudantes e trabalhadores. Em Belo Horizonte e Rio de Janeiro, os protestos também foram significativos, com milhares de pessoas saíndo às ruas para exigir a suspensão das tarifas e a melhoria dos serviços.

Feministas criticam 'bolsa estupro'
Feministas criticam o termo 'bolsa estupro', usado por alguns políticos para se referirem ao aumento da violência sexual. Elas afirmam que o termo é ofensivo e que a violência sexual não é apenas uma questão de gênero, mas também uma questão de classe e de raça. Elas também criticam a falta de políticas públicas para combater a violência sexual e a falta de apoio às vítimas.

Protesto contra reajuste de tarifas acaba em confronto em SP e no Rio
Também houve manifestações em Natal e Goiânia; dois ficaram feridos
Manifestações em São Paulo e Rio de Janeiro contra o reajuste de tarifas de transporte público acabaram em confrontos com a polícia. Em São Paulo, milhares de pessoas saíram às ruas para protestar contra o aumento das tarifas e a falta de investimento no transporte público. Em Rio de Janeiro, também houve manifestações em massa, com a participação de milhares de pessoas. Em Natal e Goiânia, também houve manifestações, com dois manifestantes ficando feridos.

Atuação administrativa
RS 3,6 milhões para ministros
Ministros receberam R\$ 3,6 milhões em honorários por serviços prestados em 2012, segundo o relatório de gastos do governo federal. O valor é considerado alto em comparação com outros ministros e com o valor recebido em anos anteriores.

Fita e colchete
Fita mais e colchete mais
Aumento de vendas de fita adesiva e colchete de espuma em lojas de materiais de construção. O aumento é atribuído ao crescimento da construção civil e ao aumento da demanda por produtos de construção.

Telemóveis
Governo Obama vigia telefones e internet
O governo dos Estados Unidos está monitorando telefones e internet de cidadãos estrangeiros, segundo um relatório divulgado pelo Congresso. O relatório afirma que o governo está usando programas de vigilância para obter informações sobre a atividade de cidadãos estrangeiros.

Troféu cristão
Santos soltos após 100 dias
Dois santos católicos foram libertados após 100 dias de cativeiro em uma ilha no Brasil. Os santos foram encontrados por pescadores locais e foram libertados sem incidentes.

ENTREVISTA
Esther Williams, atriz, aos 91 anos
A atriz Esther Williams, conhecida por seu papel em 'The Seven Year Itch', comemora 91 anos de idade. Ela fala sobre sua carreira e sua vida pessoal.

ROMANÇO
UM ROMANCE COM NOTAS MUSICAIS
O romance 'Um Romance com Notas Musicais' de Fernando Sabido é lançado. O livro narra a história de um músico que se apaixona por uma mulher.

Ciência
LUTANA MATERNIDADE
A ciência investiga os efeitos da LUTANA na maternidade. O estudo indica que o uso de LUTANA pode aumentar o risco de parto prematuro e de baixo peso ao nascer.

DOUOR
MULHERES PARTEM PARA O ATAQUE
Mulheres estão se tornando mais agressivas em relação ao trabalho. O estudo indica que as mulheres estão se tornando mais assertivas e menos tolerantes em relação ao trabalho.

Coluna
A responsabilidade do voto
A participação do ministro Lula Roberto Barreto na previsão de inflação não é mais maior do que a participação de outros ministros. Isso sugere que a responsabilidade do voto é compartilhada por todos os ministros.

STF decide manter crime impune
O Supremo Tribunal Federal decidiu manter o crime de corrupção passiva impune. A decisão foi baseada no argumento de que a Constituição não prevê a punição para esse crime.

Me web
O Me web é um novo aplicativo para o celular. Ele permite que os usuários compartilhem informações e se conectem com outros usuários.

Atuação administrativa
RS 3,6 milhões para ministros
Ministros receberam R\$ 3,6 milhões em honorários por serviços prestados em 2012, segundo o relatório de gastos do governo federal. O valor é considerado alto em comparação com outros ministros e com o valor recebido em anos anteriores.

Fita e colchete
Fita mais e colchete mais
Aumento de vendas de fita adesiva e colchete de espuma em lojas de materiais de construção. O aumento é atribuído ao crescimento da construção civil e ao aumento da demanda por produtos de construção.

Telemóveis
Governo Obama vigia telefones e internet
O governo dos Estados Unidos está monitorando telefones e internet de cidadãos estrangeiros, segundo um relatório divulgado pelo Congresso. O relatório afirma que o governo está usando programas de vigilância para obter informações sobre a atividade de cidadãos estrangeiros.

Troféu cristão
Santos soltos após 100 dias
Dois santos católicos foram libertados após 100 dias de cativeiro em uma ilha no Brasil. Os santos foram encontrados por pescadores locais e foram libertados sem incidentes.

ENTREVISTA
Esther Williams, atriz, aos 91 anos
A atriz Esther Williams, conhecida por seu papel em 'The Seven Year Itch', comemora 91 anos de idade. Ela fala sobre sua carreira e sua vida pessoal.

ROMANÇO
UM ROMANCE COM NOTAS MUSICAIS
O romance 'Um Romance com Notas Musicais' de Fernando Sabido é lançado. O livro narra a história de um músico que se apaixona por uma mulher.

Ciência
LUTANA MATERNIDADE
A ciência investiga os efeitos da LUTANA na maternidade. O estudo indica que o uso de LUTANA pode aumentar o risco de parto prematuro e de baixo peso ao nascer.

DOUOR
MULHERES PARTEM PARA O ATAQUE
Mulheres estão se tornando mais agressivas em relação ao trabalho. O estudo indica que as mulheres estão se tornando mais assertivas e menos tolerantes em relação ao trabalho.

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130607/07/06/2013>

No sábado, dia 8, *O Globo* cobriu a manifestação ocorrida no dia 7 de junho, em sua edição, intitulada "Grupo interdita ruas em novo dia de tensão em SP", no subtítulo, é evidenciada a fala do governador do estado de São Paulo Geraldo Alckmin (PSDB) afirmando que "o vandalismo dos manifestantes era uma prática 'inaceitável'", já podendo observar o começo da produção da sensação de insegurança, ao dar ênfase ao relativo vandalismo acerca das reivindicações dos manifestantes. No início, a reportagem se esforça para anunciar a desmobilização afirmando que o movimento tinha uma quantidade menor de manifestantes em relação ao dia anterior, mencionando que havia cerca de cinco mil pessoas. No entanto, conforme pode-se observar a reportagem anterior, do dia 7, do mesmo jornal, mencionava que as manifestações tinham entre duas e quatro mil pessoas. Por mais que seja difícil confiar na exatidão dos números registrados esse detalhe chama a atenção pela falta de coerência em relação as reportagens do jornal. Era

mais um desejo de que as manifestações diminuíssem do que uma demonstração de fidelidade aos acontecimentos.

Ainda na mesma página, abordando o contexto das manifestações, outra reportagem com o seguinte texto: “Após protestos coordenados, a ABIN⁴⁴ eleva risco para grandes eventos”⁴⁵. O que é lido no texto que é a agência que aumenta o risco da "Perspectiva de segurança" sem detalhar o significado dessa informação, simplesmente jogando no texto as preocupações na combinação dos movimentos com partidos políticos e com a UNE (União Nacional dos Estudantes), com uma clara desconexão entre o conteúdo da reportagem com seu título.

Pode-se perceber pela análise dos dois primeiros dias de cobertura das manifestações pelo *O Globo*, há uma estratégia de poder, claramente reforçando a desqualificação do movimento que, segundo o jornal, orientava-se por uma concepção utópica, por pleitear medidas inalcançáveis no período, com a “tarifa zero” no transporte público.

⁴⁴ Agência Brasileira de Inteligência, órgão da Presidência da República, responsável por fornecer ao presidente da República e a seus ministros informações e análises estratégicas necessárias ao processo de decisão, segundo seu site institucional.

⁴⁵ No mesmo período das Jornadas de Junho ocorria no Brasil a Copa das Confederações, evento organizado pela FIFA e preparatório para a Copa do Mundo, que ocorreria no ano de 2014.

Grupo interdita ruas em novo dia de tensão em SP

Para governador, vandalismo em ação contra reajuste é 'inaceitável'

Trancho Heuer
trancherh@oglobo.com.br

do novo Manifestantes e policiais voltaram a entrar em confronto na noite de ontem, em mais um episódio de Movimento Passe Livre (MPL) contra o aumento de valor das tarifas de transporte público em São Paulo, mas em proporções menores do que nos episódios da noite de quinta-feira. Cerca de 5 mil pessoas ocuparam as ruas próximas de uma das principais vias da cidade, a marginal Rubens de Moraes Neto.

Policiais usaram bombas de gás lacrimogêneo para dispersar a parte central da via e perto do fim do túnel para tentar dispersar os manifestantes. O objetivo era evitar que fossem pela segunda vez ocupada a central de São Paulo, a Avenida Brigadeiro Luís Lima. No entanto, o grupo dribrou a barreira policial por suas laterais, ou mesmo terminou de forma pacífica no mesmo local onde havia sido iniciado, no Largo da Batata, movimentando a parada de ônibus. Uma pessoa ficou ferida na cabeça por causa de um choque provocado por uma das bombas.

Algumas placas de construção de obras foram picadas com mensagens dizendo que a passagem de trens e metrô, que passou de R\$ 3 para R\$ 3,20, era mais cara que um fim de tarde. No maior parte do tempo a polícia acompanhava manifestantes de bicicleta, com lanternas em motocicletas e um helicóptero. No início do protesto, com modo de tábua, alguns comerciantes chegaram a fechar as portas dos estabelecimentos. Um novo protesto está marcado para o fim de tarde da próxima terça-feira, novamente na região da Avenida Paulista.

ENQUETE OCULTOS ATOS DE VANDALISMO A demanda principal do movimento, que surgiu em 2004, em Santa Catarina, a partir de uma briga sucedida durante partidas de futebol de rua, é considerada ilegítima até mesmo para alguns de seus integrantes: transporte público gratuito para todos, incluindo o passeio de quem o dirige, ou transporte deveria estar equiparado a outros serviços públicos oferecidos em São Paulo. Apesar de contar com alianças de partidos e organizações de esquerda, o grupo se apresenta como "espontâneo e independente". Hoje está organizado pela principal capital do país.

Receitas sociais, como Facebook e Twitter, são usadas como ferramenta de mobilização; apenas a página do grupo da capital paulista já possui mais de 12,5 mil pessoas. Antes do protesto de ontem, o grupo promovia uma esquete para decidir se deveria haver ou não vandalismo na rua. A opção mais votada foi "sem vandalismo, se a polícia age a gente ganha e diverge se rejeita". Quando não está envolvido na organização do protesto, o MPL promove encontros em escolas e paróquias. Nas críticas ao tratamento desigual que os mercados e o objeto da briga. — "O ônibus não é tratado da mesma forma que o metrô, assim como os passageiros de ônibus são tratados de maneira diferente dos de metrô e do trem", diz estudante de história da USP Caio Martins, de 15 anos, um dos líderes do movimento na capital paulista.

Outros, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, condenado a prisão por um caso de corrupção, ou o ministro da Justiça, Alexandre de Moraes, são considerados "inaceitáveis". Não é possível aceitar a dependência do transporte público e a prioridade para a população — disse.

Sob os protestos do dia anterior, o Metrô estimou em R\$ 71 mil os prejuízos causados por atos de vandalismo.



Protesto. Grupo ocupa rua pela Marginal Pinheiros, na Zona Oeste, em nova ação contra reajuste

Após protestos coordenados, Abin eleva risco para grandes eventos

Relato é feito diariamente por agentes infiltrados em ações populares convocadas pela internet

Aeróbico Wassneck
wasneck@oglobo.com.br

Bolletta da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), estirado após as manifestações de protesto em quatro capitais brasileiras contra o aumento de passagens de ônibus, elevou o risco dos grandes eventos, do ponto de vista da segurança. Tanto para os jogos da Copa das Confederações quanto para a visita do Papa Francisco ao Rio, durante a Jornada Mundial da Juventude. Os filhos do movimento, identificados nas redes sociais, passaram a ser monitorados, assim como possíveis vínculos de seus simpatizantes e partidos políticos.

O relato é feito diariamente por agentes infiltrados em manifestações populares. O grupo acompanha eventos convocados pela internet. Até mesmo pequenas reuniões em bares e restaurantes.

No Rio, a manifestação na Avenida Presidente Vargas, na hora do rush do fim de tarde, foi convocada pelo Fórum de Linhas contra o Aumento das Passagens, listado no Facebook desde 24 de outubro de 2012. Foi logo após o anúncio de que se passagens dos ônibus no Rio iam ser reajustadas, e que acabou não acontecendo.

Em 2012, um major médico do Exército, que atua em São Paulo, contou-se com seu computador, mas não o momento não havia perdido o controle de propagandas.

Em 2012, um major médico do Exército, que atua em São Paulo, contou-se com seu computador, mas não o momento não havia perdido o controle de propagandas.

Juíza é assassinada em fórum de MT

Ex-marido, foragido, é o principal suspeito de ter cometido o crime

Assessoria Cultural Perro
perro@oglobo.com.br

crime Uma juíza foi assassinada ontem em dois tiros dentro de seu gabinete, no Fórum de Alto Taquari, a 479 quilômetros ao sul de Goiânia. Classificada em Chaves de Melo, de 42 anos, estava como magistrada desde junho de 2012. Seu ex-marido, o enfermeiro Bráulio Roberto Oliveira Lima, é o principal suspeito. O crime aconteceu no final da manhã. Segundo testemunhas, ele chegou ao fórum por volta das 11h.

Com breve acesso ao gabinete, entrou sem ser incomodado. Segundos depois, servidores ouviram discussões e disparos. Ele deixou o prédio correndo. Um segurança chegou ao fórum da cidade, mas não conseguiu entrar no gabinete.

Classificado em Chaves de Melo, de 42 anos, estava como magistrada desde junho de 2012. Seu ex-marido, o enfermeiro Bráulio Roberto Oliveira Lima, é o principal suspeito. O crime aconteceu no final da manhã. Segundo testemunhas, ele chegou ao fórum por volta das 11h.

Com breve acesso ao gabinete, entrou sem ser incomodado. Segundos depois, servidores ouviram discussões e disparos. Ele deixou o prédio correndo. Um segurança chegou ao fórum da cidade, mas não conseguiu entrar no gabinete.

Classificado em Chaves de Melo, de 42 anos, estava como magistrada desde junho de 2012. Seu ex-marido, o enfermeiro Bráulio Roberto Oliveira Lima, é o principal suspeito. O crime aconteceu no final da manhã. Segundo testemunhas, ele chegou ao fórum por volta das 11h.

Com breve acesso ao gabinete, entrou sem ser incomodado. Segundos depois, servidores ouviram discussões e disparos. Ele deixou o prédio correndo. Um segurança chegou ao fórum da cidade, mas não conseguiu entrar no gabinete.

Classificado em Chaves de Melo, de 42 anos, estava como magistrada desde junho de 2012. Seu ex-marido, o enfermeiro Bráulio Roberto Oliveira Lima, é o principal suspeito. O crime aconteceu no final da manhã. Segundo testemunhas, ele chegou ao fórum por volta das 11h.

Com breve acesso ao gabinete, entrou sem ser incomodado. Segundos depois, servidores ouviram discussões e disparos. Ele deixou o prédio correndo. Um segurança chegou ao fórum da cidade, mas não conseguiu entrar no gabinete.

Feder Judiciário por mais dias. Bráulio trabalha como enfermeiro no Hospital Municipal de Alto Taquari. Funcionários ouviram pelo GLOBO dizerem que ele é uma pessoa tranquila. Uma funcionária do setor de enfermagem, que não quis ser identificada, relatou que na noite de quinta-feira Bráulio deveria ter cumprido seu plantão. Ele chegou ao hospital por volta das 18h, mas, alegando ao sul de Goiânia, classificada em Chaves de Melo, de 42 anos, estava como magistrada desde junho de 2012. Seu ex-marido, o enfermeiro Bráulio Roberto Oliveira Lima, é o principal suspeito. O crime aconteceu no final da manhã. Segundo testemunhas, ele chegou ao fórum por volta das 11h.

Testemunhas ouviram, antes dos disparos, uma discussão entre a vítima e o ex-marido dentro do gabinete no Fórum da cidade

Até um helicóptero foi enviado. Acertou-se que Bráulio seja encontrado em uma rua às margens do Rio Araguaia.

Este é o segundo assassinato em um magistrado de Mato Grosso desde 1989. Naquele ano, o juiz Leopoldo Marques do Amaral, que atuava no Vale de Estrelas de Goiás, foi encontrado morto na região de Conceição, Paraná. Ele morreu após a denúncia de sentenças no Tribunal de Justiça, desembargador Orlando Perri, decretou a prisão de

Rapaz é morto a tiros em área de lanchonete em SP

Polícia suspeita que assassinato possa ter sido motivado por briga em boate

Além disso Um rapaz de 18 anos morreu ontem após ser baleado no estacionamento do McDonald's na esquina da Rua Tereza Maria com a Avenida Rebouças, em Pinheiros, área nobre de São Paulo. As primeiras informações apontam que Diego Roberto Casas estava no carro quando foi abordado por um criminoso. Ele teria sido baleado no peito.

A polícia apura ainda se ele teria sido vítima de uma saída de banco, após ter sacado dinheiro em um caixa eletrônico que fica a 500 metros da lanchonete. Mas o crime pode ter ocorrido após uma briga em uma festa.

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130608>

A partir do dia 10 de junho 2013, as manifestações entram em uma fase de expansão para outras capitais, como o Rio de Janeiro. Em poucos dias, outras cidades também têm suas demonstrações contrárias, ganhando um foco nacional, só que agora não somente reivindicando o fim reajuste tarifário, mas pelo direito de uso ao transporte público. Conforme as manifestações iam aumentando, aumentavam também as ocorrências sobre as repressões policiais, passando a estampar as capas do O Globo por vários dias, sempre utilizando termos como "destrutivos", "vandalismo" e outras derivações para se referir aos manifestantes. A

grande mídia, em um claro propósito de atribuir um contexto político de desqualificação dos movimentos, chegando a ser mencionado de forma sutil a associação do MPL aos partidos de esquerda, sendo que o movimento era considerado independente, autônomo e horizontal, com o claro encorajamento dos leitores a associarem as manifestações aos partidos citados.

Ao relatar eventos no campo político, as informações podem ser destacadas e enquadradas de formas diferentes, dependendo da orientação política e ideológica da mídia. Isso pode ser observado na *Carta Maior* em seu autonomeado “O Portal da Esquerda”, ao abordar em seu editorial do dia 12 de junho, intitulada “A resposta é mais democracia”, sobre o elo histórico do Brasil e as manifestações. Escrevia-se que supor que elas seriam somente pelo aumento da tarifa de transportes público seria pura ingenuidade, mas era o estopim do saldo de perdas e danos ao longo da história do Brasil. O texto também ressaltava o relativo aumento abusivo das tarifas e a tragédia estrutural da cidade de São Paulo, e que o estabelecimento da ordem não se daria na base de cassetetes e pedradas, o que na verdade era o caminho para um desastre.

Ainda no editorial, a Carta Capital saudava a vitória de Fernando Haddad em 2012 na eleição municipal e defendia que ele representava o resgate para a democracia na reconstrução de São Paulo, marcando um momento progressista, diante da deriva em que se encontravam os serviços e espaços públicos de elites predadoras, tornando a cidade de São Paulo o produto mais representativo do capitalismo neoliberal brasileiro.

Imagem 3: Edição Carta Maior 12/06/2013.



Fonte: Carta Maior (2013)

As manifestações foram reprimidas violentamente pela polícia no dia 12 de junho de 2013, atos destacados e condenados duramente pelos telejornais. Na mesma noite do dia 12, a edição do dia 13 d'O Globo não trouxe em sua capa qualquer manchete alusiva às manifestações. De acordo com essa técnica de fingir que nada acontece pode ser caracterizado como sendo uma omissão deliberada, neste sentido é possível afirmar que "(...) a omissão de liberada é uma forma de posicionamento, pois a ausência implica a presença do que se quer ocultar"⁴⁶.

⁴⁶ FONSECA, F. O Consenso Forjado. A grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2005

Imagem 4: Cobertura jornalística O Globo edição 13/06/2013 – página 1, 2 e 3.

No entanto, as páginas 3, 4 e 5 da sessão “País” da edição do dia 13 de junho, trataram inteiramente sobre o assunto. O direcionamento da cobertura do jornal ficou óbvia ao se ler a página 3, onde a reportagem fala sobre a ameaça do MPL parar mais uma vez os centros de São Paulo e Rio de Janeiro. O que pode ser observado é a tentativa do jornal, mais uma vez como instrumento de conhecimento e informação, atuando na lógica sobre as relações e do poder que este exerce sobre as massas, tentando reduzir o impulso e a potência do movimento.

Ainda na página 3, o jornal destacou que as manifestações provocavam “quebra-quebra” e que na noite anterior foram as mais violentas da cidade de São Paulo e danificaram 85 ônibus que tiveram as janelas quebradas e foram alvo de pichações. No entanto, apesar de todo o destaque da violência dos manifestantes e dos danos que alegam ter infligido ao sistema de transporte público, a empresa de transporte público da cidade de São Paulo, esclareceu que a operação permaneceu normal no dia seguinte.

Em um período de menos de 24 horas os veículos foram consertados, o que mostra uma grande disparidade entre o que o jornal relata e o que aconteceu na realidade, evidências claras para criar uma sensação de insegurança. Toda a reportagem confirmava que a escolha dos alvos pelos manifestantes era simbólico e representava os emblemas contra os quais os diversos movimentos que se incorporaram às manifestações lutavam. É importante salientar a opinião formal do jornal, que enaltece a democracia como o “regime das liberdades” e apoia e legitima o uso da força policial pelo Estado contra os manifestantes, denominados pelo jornal como anarquistas e vândalos.

Na página 4 da mesma edição do dia 13 de junho, a reportagem afirma que alguns participantes do MPL estavam ligados a movimentos estudantis e a partidos de esquerda, como se caracterizasse uma conduta ilícita, narrado em um tom pejorativo pelo jornal, além das falas de representantes do governo federal e do estado de São Paulo, oponentes do cenário político nacional, ecoando as mesmas falas usadas pelos vários veículos de comunicação. No entanto é importante ressaltar que a mobilização citada era contra os governos locais e não contra o Governo de Dilma Rousseff. A página 5 concentra-se nas manifestações que

ocorreram no Rio de Janeiro, e que parte dos manifestantes foram recrutados pelas redes sociais, sem se preocupar em explicar como seria possível o recrutamento pela internet. Também voltou à questão dos vínculos com partidos políticos de esquerda e da revolta provocada pela juventude da classe média, que não perderia nada com o aumento das tarifas.

Em 14 de junho de 2013 o jornal noticiava em sua manchete principal, o agravamento dos "confrontos" entre policiais e manifestantes em São Paulo e o aumento no número de prisões ocorrido no dia 13. A notícia enfatizava o fato de que os manifestantes mais uma vez quebraram as janelas de agências bancárias e vandalizaram prédios públicos. Pela primeira vez, desde que a cobertura começou a ser feita, o jornal tratava da brutalidade e a violência da polícia militar em seus esforços para controlar as manifestações. A capa da edição mostra duas fotos que retratam o contraste violento da polícia contra os manifestantes. Percebe-se que com as fotos escolhidas para ilustrar a capa do jornal a narrativa ganhou um tom diferente do que vinha sendo usado desde o início dos protestos, focando na ação violenta da Polícia Militar e não nos atos de vandalismo dos manifestantes.

Imagem 5: Capas O Globo edições 14/06 e 15/06/2013.



Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130614>
<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130615>

Na edição de 14 de junho de 2013 da imagem apresentada aparece numa charge de chico, quadrinista popularmente conhecido por compor charges que buscam tecer críticas a diversos agentes de influência na sociedade brasileira, mas em especial, na esfera política. A charge trata de uma manifestação ocorrida devido aos últimos acontecimentos, procurando sugerir que ela estava preocupada com o índice de violência durante as manifestações contrárias a seu governo. No entanto ficou visível que se tratava de uma jogada estratégica política dos partidos contrários ao seu que tentavam, naquele momento, associar seu governo às questões até então relacionadas a decisões de governos locais.

Por sua vez, a edição do dia 15 de junho de 2013, do jornal O Globo trazia uma análise das manifestações ocorridas nos quatro dias anteriores. A capa da edição destacou que o prefeito da cidade de São Paulo, Fernando Haddad (PT), tinha convocado os manifestantes para uma reunião para negociarem e ainda

noticiou a ação desastrosa da Polícia Militar, coordenada pelo então governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB). Nas páginas 3, 5 e 8 da edição, enfatizava-se a tentativa de diálogo entre Fernando Haddad e manifestantes, dando ênfase às ações opostas do governador, que optou pela atuação violenta da polícia contra os manifestantes, demonstrando claramente, a contraposição entre o PT e o PSDB, disputa que ainda dividia o Brasil desde as eleições presidenciais de 1994 até aquele momento. A violência policial atingia até mesmo jornalistas que cobriam as manifestações e a reportagem trazia as declarações das entidades de jornalismo condenando a violência policial, até mesmo contra os voluntários de uma organização não-governamental (ONG), que prestava atendimento a pessoas feridas durante as manifestações.

Noticiava ainda a repercussão dos flagrantes da ação violenta da Polícia Militar nas redes sociais. Destacou as ações de vandalismo ocorridas na manifestação do Rio de Janeiro, e que a maioria dos manifestantes era composta por estudantes, e outra parte por militantes de partidos de esquerda, demonstrando mais uma vez que, naquele momento, a imprensa fazia a associação dos manifestantes a partidos políticos de esquerda, como uma estratégia de desqualificar o movimento. Destacou também a liminar concedida ao governador de Minas Gerais, Antônio Anastasia (PSDB), que impedia as manifestações, o bloqueio do trânsito e ao acesso aos serviços públicos durante o evento da Copa das Confederações, indo contra o princípio da liberdade de manifestação garantido na Constituição Federal.

É importante mencionar também como se deu alguns debates sobre o aspecto da “liberdade de expressão”, que foi alvo de debate neste período. O que teve maior destaque por sua vez se tratou do julgamento realizado pela STF que teve o parecer de oito votos a dois na improcedência da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 5136, que fora proposto pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) alegando inconstitucionalidade no 1º do artigo 28 da Lei 12.663/2012 (Lei Geral da Copa), que trata da liberdade de expressão nos locais oficiais de competição⁴⁷.

⁴⁷ COAD. **Mantido dispositivo da Lei Geral da Copa sobre liberdade de expressão**. Disponível em: <https://coad.jusbrasil.com.br/noticias/125578604/mantido-dispositivo-da-lei-geral-da-copa-sobre-liberdade-de-expressao>. Acesso em: 24 dez. 2022.

Segundo o que era proposto pelo partido, este paragrafo ia de contraponto direto com a proposição constitucional, criando medidas que limitavam a liberdade de expressão, toda via, a prerrogativa se mostrará futuramente algo que notoriamente se fundamentava na promoção da possibilidade do desenvolvimento de manifestações publicas em especial de concepção política e ideológica.

Imagem 6: Cobertura jornalística O Globo edição 15/06/2013.

15/06/2013 PAIS 3 15/06/2013

Chamado ao diálogo

Após violência policial, Haddad chama movimento; Alckmin defende ação da PM

Seus Assessor
Tarciso Wey
@tarcisowey

Um dia depois de enfrentar mais uma noite de violência urbana, o governador Haddad chamou ao diálogo os manifestantes que se reuniram no Centro de São Paulo. Ele afirmou que a Polícia Militar não usou força excessiva e que a situação não é insuperável. O governador também afirmou que a situação não é insuperável e que a situação não é insuperável.

Seus Assessor
Tarciso Wey
@tarcisowey

Um dia depois de enfrentar mais uma noite de violência urbana, o governador Haddad chamou ao diálogo os manifestantes que se reuniram no Centro de São Paulo. Ele afirmou que a Polícia Militar não usou força excessiva e que a situação não é insuperável. O governador também afirmou que a situação não é insuperável e que a situação não é insuperável.

Associações de jornalistas condenam a atuação da PM

Órgãos internacionais estão preocupados com a chegada de correspondentes para a Copa

Seus Assessor
Tarciso Wey
@tarcisowey

Um dia depois de enfrentar mais uma noite de violência urbana, o governador Haddad chamou ao diálogo os manifestantes que se reuniram no Centro de São Paulo. Ele afirmou que a Polícia Militar não usou força excessiva e que a situação não é insuperável. O governador também afirmou que a situação não é insuperável e que a situação não é insuperável.

Fotógrafo baleado no olho por policial pode perder visão

Seus Assessor
Tarciso Wey
@tarcisowey

Um dia depois de enfrentar mais uma noite de violência urbana, o governador Haddad chamou ao diálogo os manifestantes que se reuniram no Centro de São Paulo. Ele afirmou que a Polícia Militar não usou força excessiva e que a situação não é insuperável. O governador também afirmou que a situação não é insuperável e que a situação não é insuperável.

Nhenhenhém de Brasília

FORA RASTOS MORENO

DILMA E O NAVEGAR É PRECISO

Um dia depois de enfrentar mais uma noite de violência urbana, o governador Haddad chamou ao diálogo os manifestantes que se reuniram no Centro de São Paulo. Ele afirmou que a Polícia Militar não usou força excessiva e que a situação não é insuperável. O governador também afirmou que a situação não é insuperável e que a situação não é insuperável.

Caras-de-mau

Um dia depois de enfrentar mais uma noite de violência urbana, o governador Haddad chamou ao diálogo os manifestantes que se reuniram no Centro de São Paulo. Ele afirmou que a Polícia Militar não usou força excessiva e que a situação não é insuperável. O governador também afirmou que a situação não é insuperável e que a situação não é insuperável.

Alfabeto

Um dia depois de enfrentar mais uma noite de violência urbana, o governador Haddad chamou ao diálogo os manifestantes que se reuniram no Centro de São Paulo. Ele afirmou que a Polícia Militar não usou força excessiva e que a situação não é insuperável. O governador também afirmou que a situação não é insuperável e que a situação não é insuperável.

Posto montado em ONG atendeu 50 feridos

Um dia depois de enfrentar mais uma noite de violência urbana, o governador Haddad chamou ao diálogo os manifestantes que se reuniram no Centro de São Paulo. Ele afirmou que a Polícia Militar não usou força excessiva e que a situação não é insuperável. O governador também afirmou que a situação não é insuperável e que a situação não é insuperável.

TENSÃO URBANA

Em 1956, confusão em ato da UNE contra reajuste

Entidade criticava aumento de bondes; ato lembrará hoje

Um dia depois de enfrentar mais uma noite de violência urbana, o governador Haddad chamou ao diálogo os manifestantes que se reuniram no Centro de São Paulo. Ele afirmou que a Polícia Militar não usou força excessiva e que a situação não é insuperável. O governador também afirmou que a situação não é insuperável e que a situação não é insuperável.

Segurança será reforçada perto de estádios

Em Brasília, manifestantes queimam pneus e bloqueiam trânsito

Um dia depois de enfrentar mais uma noite de violência urbana, o governador Haddad chamou ao diálogo os manifestantes que se reuniram no Centro de São Paulo. Ele afirmou que a Polícia Militar não usou força excessiva e que a situação não é insuperável. O governador também afirmou que a situação não é insuperável e que a situação não é insuperável.

Ruralistas fazem protestos em rodovias de seis estados

Manifestações provocam congestionamentos, mas sem incidentes

Um dia depois de enfrentar mais uma noite de violência urbana, o governador Haddad chamou ao diálogo os manifestantes que se reuniram no Centro de São Paulo. Ele afirmou que a Polícia Militar não usou força excessiva e que a situação não é insuperável. O governador também afirmou que a situação não é insuperável e que a situação não é insuperável.

A edição ainda faz um resumo de sua cobertura jornalística sobre as manifestações até aquele momento na página 18, salientando, que o jornal não aplaudia as manifestações ou focava nas intenções eleitorais que acontecem nas ruas, e que é, indiscutivelmente o centro do descontentamento das manifestações. A posição oficial do jornal era, claramente, contra as manifestações, chamando novamente os manifestantes de vândalos, anarquistas e rebeldes sem causa. Ao falar sobre as ações violentas da polícia, entra em contradição com as denúncias retratadas nas reportagens anteriores, legitimando o uso da força e todo “aparato bélico”, para a detenção ilegal de vários manifestantes, práticas comuns no período da ditadura, o que é proibido na lei atual.

Imagem 7: Página 18 - O Globo edição 15/06/2013.

18 | O GLOBO
15 de junho de 2013

O GLOBO

Opinião

A volta das manifestações de rua

O “El País” jornal da Espanha, país que, em função de sua situação, se encontra em estado permanente de manifestações, registra, ao publicar um editorial no Rio em São Paulo, que o Brasil se desmantela com esse tipo de expressão política. Os autores do texto não são de sua cidade, mas de uma cidade em que organizações sindicais e acadêmicas se manifestam em obediência à decisão do legislativo. Alguns desses organizadores, ocupados pelas greves, estão de férias, prometendo de futuro público, sempre em nome do “Brasil” e “Brasil”, um Brasil que se encontra em estado de corrupção e de pobreza, mas que não se desmantela com esse tipo de expressão política. Os autores do texto não são de sua cidade, mas de uma cidade em que organizações sindicais e acadêmicas se manifestam em obediência à decisão do legislativo. Alguns desses organizadores, ocupados pelas greves, estão de férias, prometendo de futuro público, sempre em nome do “Brasil” e “Brasil”, um Brasil que se encontra em estado de corrupção e de pobreza, mas que não se desmantela com esse tipo de expressão política.

Liberdade de reunião e de expressão é direito garantido ao brasileiro. Mas passagens e similares têm de ser comunicadas previamente às autoridades

esqueça... alguns grupos de partidos representados no Congresso... “Tudo isso em nome da liberdade, anarquistas e rebeldes em grandes manifestações de rua e em manifestações espontâneas por todo o Brasil. No entanto, em nome da liberdade de expressão e de reunião, o governo de Dilma Rousseff, por meio de decretos, proíbe manifestações de rua e reuniões públicas sem a comunicação prévia às autoridades. É um absurdo!”

Conflito sírio reflete guerra entre sunitas e xiitas

A necessidade que impõe Bashar Assad, sucessor de seu pai, a Síria, a se tornar uma república, e não uma monarquia, é o que o presidente Obama fez quando decidiu aumentar o apoio aos rebeldes sírios. Mas isso não foi suficiente para derrotar Assad, e os rebeldes não conseguiram controlar a maioria do território sírio. A Síria é um país dividido, com uma população de 22 milhões de habitantes. A maioria dos sírios são sunitas, mas há uma minoria xiita. O conflito sírio reflete a guerra entre sunitas e xiitas. A Síria é um país dividido, com uma população de 22 milhões de habitantes. A maioria dos sírios são sunitas, mas há uma minoria xiita. O conflito sírio reflete a guerra entre sunitas e xiitas.

Plano de fundo é disputa de poder entre os aliados da Irã, por isso, os monarcas da Arábia Saudita, Irã e Síria, não se comunicam

plano de fundo é disputa de poder entre os aliados da Irã, por isso, os monarcas da Arábia Saudita, Irã e Síria, não se comunicam. O plano de fundo é disputa de poder entre os aliados da Irã, por isso, os monarcas da Arábia Saudita, Irã e Síria, não se comunicam.

Uma crise de representação

Lá pela metade do século 20, por volta dos anos 1960, surgiu uma nova forma de representação política. O novo modelo de representação política surgiu por volta dos anos 1960, por volta dos anos 1960, surgiu uma nova forma de representação política. O novo modelo de representação política surgiu por volta dos anos 1960, por volta dos anos 1960, surgiu uma nova forma de representação política.

A resposta à crise da democracia representativa não pode ser a manutenção que elimina a liberdade de escolha

Ninguém mais se sente representado. Os políticos não são mais os representantes do povo. A resposta à crise da democracia representativa não pode ser a manutenção que elimina a liberdade de escolha.

Cláudio Diogenes

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130615>

Na capa da edição do dia 16 de junho de 2013, do jornal O Globo, um domingo, não houve nenhum destaque sobre as manifestações. Mas na lateral da capa, uma reportagem com o título: “Tensão Urbana”, destaque para as reportagens sobre o tema dentro do jornal. Na página 4, da seção “País”, o colunista Merval Pereira começava desacreditando as lutas, chamando os protestos de difusos e que as reivindicações sobre o aumento das tarifas do transporte público seria apenas pretexto para a manipulação política de grupos anárquicos e radicais. Posteriormente, na página 5, da mesma sessão, foi noticiado que as manifestações em Belo Horizonte, contaram com a presença de cerca de 8.000 manifestantes, apesar da liminar, ressaltando a manifestação pacífica, sem confronto entre manifestantes e policiais.

Imagem 8: Página 5 - O Globo edição 16/06/2013.



Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130616>

Durante este período das manifestações houve algo que se mostrou como ponto de forte destaque ao redor de todo o país. Parte dos manifestantes utilizavam a máscara adotada pelo grupo ciber-ativista denotado como *Anonymous*, bem como é possível visualizar na Imagem 08.

Esta máscara por sua vez é mais popularmente conhecida em função de sua inspiração direta no filme “V de Vingança” lançado em 2006. Mas ainda antes disto, este símbolo tinha surgido no início da década de 80, como composição da obra *graphic novel* intitulada da mesma forma que o filme, “V de Vingança”. Tal obra trouxe uma perspectiva de uma personagem denominada como *Guy Fawkes* que na obra desempenha um papel fundamental em cena que reúne diversas pessoas em protesto por uma causa que o grupo julgava justa na trama.

[...] a sequência final em que aparecem milhares de cidadãos reunidos vestidos como “V” e usando essa máscara. Isso é o Anonymous: pessoas anônimas reunidas com um mesmo propósito, de lutar pelo que consideram justo — seus direitos, por sua liberdade (especialmente a de expressão) — e se opor contra a opressão injusta exercida por governos e organizações.⁴⁸

Nesta perspectiva surge então o significado do uso da máscara pela população neste período. Uma ideia que se difundiu pela internet e teve um valor simbólico análogo ao proposto pela história na qual a máscara teve como base. As pessoas reunidas de forma anônima, acreditam estar todas, independentemente de suas identidades, lutando por algo que julgam como o correto e justo.

Assim acabou por se difundir ainda mais a imagem da máscara da *Anonymous* que passou a ser identificada por todos como um símbolo da luta pelo que era correto no período, no caso, algo fomentado pela mídia se mostrava como sendo a retirada da presidenta Dilma Rousseff.

Na página 6, foi entrevistada uma universitária e integrante do MPL, chamada Mayara Vivian. O jornal dá ênfase à profissão de garçoneiro da universitária, destacando isso no subtítulo e na legenda da foto da reportagem, em uma clara tentativa de desqualificar a estudante considerada pelo jornal, como uma das líderes do movimento, o que foi negado pela jovem ao destacar um dos aspectos mais importantes das Jornadas de Junho: a despersonalização do movimento. Na reportagem, Mayara Vivian dizia que o que motivava as pessoas a aderirem aos movimentos reivindicatórios, era a aposta nessa luta, como uma forma de ter uma cidade mais justa e fazer valer seus direitos, explicando a caracterização da política das ações do MPL, em uma das poucas oportunidades em que os manifestantes tiveram voz na imprensa.

⁴⁸ Trabalho apresentado no DT 06 – Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

‘Podemos ser qualquer pessoa’, diz organizadora de movimento

Universitária e garçonete ajuda a definir rumo de manifestantes

THIAGO HERDY
thiago.herdy@sp.globo.com.br

-SÃO PAULO. Quando O GLOBO pediu à estudante de Geografia da USP e garçonete Mayara Vivian, de 23 anos, uma entrevista sobre sua atuação no Movimento Passe Livre (MPL), ela propôs um acordo: não queria que o texto fosse focado em seu perfil, mas no grupo que representa.

— Podemos ser qualquer pessoa, são as posições políticas do movimento que constroem as coisas desse jeito. Uma pessoa, sozinha, não faz uma manifestação — diz a jovem, destinatária final das mensagens pelo telefone que definiam para que lado os atos que pararam São Paulo pela redução da tarifa do transporte deveriam seguir.

Em contato direto com o negociador do MPL que fica sempre junto ao comando da polícia, Mayara não gosta de ser tratada como líder e lembra que, por princípio, as funções no MPL não são fixas, para evitar o que chamou de “alienação das funções”, conceito que está na boca do grupo:

— Uma coisa é você ser referência, outra coisa é você ser liderança. Não tô nem um pouco a fim de liderar alguém. As pessoas se apropriam da luta delas, o que é o correto, não precisam ficar esperando alguém dizer o que fazer — diz a jovem, citando uma característica que explica a dinâmica dos protestos em São Paulo, na medida em que permite a auto-organização dos manifestantes a cada tentativa de repressão e dispersão dos grupos.

Na última sexta-feira, ela se sentia sortuda por não ter sido presa ou ter se ferido no ataque de bombas de gás e tiros de borracha da polícia, que havia reprimido a quarta manifestação do grupo no centro da cidade no dia anterior. No bar onde trabalha, na Vila Madalena, dividia o tempo entre o atendimento aos clientes e rápidas checagens no telefone, que não parava de tocar.



Mayara. Estudante de Geografia da USP, que trabalha como garçonete, é uma das organizadoras

— A gente tá gastando uma fortuna de crédito de telefone, todo mundo fica me ligando e não consigo retornar, tenho que ligar a cobrar — contou, entre uma ligação do senador Eduardo Suplicy (preocupado com a dimensão tomada pelos protestos do grupo) e um convite para participar do programa “Encontro com Fátima Bernardes” (ela declinou).

O núcleo duro de organização do MPL conta com jovens de mesmo perfil de Mayara — são estudantes ou ex-estudantes da USP, da área de Ciências Humanas, entre 18 e 30 anos. Mas, para ela, quem está nas ruas não é apenas o movimento.

— As 20 mil pessoas que estão ali são estudantes, trabalhadores, pessoas que estão desempregadas, que apostam nessa luta como uma forma de ter uma cidade mais justa e alcançar seus direitos — argumenta a jovem, que é paulistana, saiu de casa

aos 15 anos, traz no corpo cicatrizes de confrontos com a polícia em manifestações anteriores do MPL e um número indefinido de tatuagens (“após a quinta a gente para de contar”).

E quem comete os atos de violência em protestos liderados pelo MPL?

— O movimento não é violento. Existem atos isolados de violência e eles não nos representam — afirma Mayara, que acredita instigar na sociedade o desejo de apoio ao lado mais fraco no momento em que a polícia reprime as manifestações.

— Qual violência é pior? Os jovens assassinados na periferia de São Paulo que ninguém está nem aí? Ou uma pessoa que bota fogo em um saco de lixo indignado por ter levado pancada da polícia? — pergunta a jovem, que compara os atos de São Paulo a eventos como a Primavera Árabe e a luta por direitos trabalhistas, “por interferir nos interesses de pessoas que têm poder”. ●

Fonte: <https://acervo.globo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130616>

No dia 17 de junho de 2013, o jornal lançou luz sobre a repressão policial contra a manifestação realizada próximo ao estádio do Maracanã, local de uma partida de futebol pela Copa das Confederações, destacando que a manifestação foi pacífica, porém a Polícia Militar agiu violentamente, usando bombas de gás lacrimogênio e balas de borrachas contra os manifestantes. Ainda na mesma edição, na página 3, salienta que haveria novas manifestações ao longo da semana, portanto, devido à repercussão negativa das ações militares, o governo de São Paulo não colocaria a tropa de choque frente às manifestações e que brasileiros estavam indo às ruas em apoio às manifestações nos Estados Unidos e na Europa, e que uma rede formada por advogados estava se reunindo para libertar manifestantes presos com apoio jurídico.

O GLOBO

SEGUNDA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 2013 R\$11,00000 - N.º 23018

Flávia Marinho (1974-1992) — (1994-2001) Roberto Marinho

RIO DE JANEIRO oglobo.com.br

Esportes de hoje

A força das mulheres cariocas

Quase metade dos atletas do Rio (46,2%) é formada por mulheres, mostra uma pesquisa do Instituto Pereira Passos que teve como base os Jogos Olímpicos de 2008 e 2016. Os atletas também são atletas que em quatro das cinco modalidades de esportes olímpicos que o Rio vai sediar em 2016, há uma maior presença feminina do que em 2008.

Esportes de amanhã

Elitoprotátil com soco chinês

Sua evolução de crescimento com os impactos da China e a sua inserção na política, o Brasil quer ser o primeiro a ser reconhecido e a ser reconhecido, o Brasil quer ser o primeiro a ser reconhecido e a ser reconhecido.

Grupo X

O GLOBO entrou sobre empresas de Eike

Em reportagem em clima de tensão sobre o Grupo X, O GLOBO entrou sobre empresas de Eike.

Revista na Turquia

Manifestações dividem Istambul

Após o ataque a um ônibus de manifestantes da Turquia, o governo Erdogan diz que não se trata de uma manifestação pacífica.

Letras e filosofia

Literas viram alvo de críticas

Expositores e monitores do Rio de Janeiro mudaram os moldes da exposição da cidade. Para eles, a quantidade e a qualidade da produção não mantêm um bom nível.

SEGUINDO CABDENO

MÚLTIPLA ESCOLHA

Ele vai ser o melhor de TV e o melhor de rádio. Ele vai ser o melhor de TV e o melhor de rádio.

DIGITAL & MÍDIA

CONTRA TARIFA DOIS CHIPS

Para fugir das contas altas de celular, os usuários devem considerar o uso de dois chips.

MEMÓRIA DE MESTRE YODA

Replay e muito a lido.

PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Professores de matemática do Rio de Janeiro.



São Paulo - Manifestantes em São Paulo. **Organização** - Estudantes reunidos no MSP confirmam planos e cartazes que veiculam a transformação de vaga na Lagoa da Botoca, na região de Pinheiros.

Nova onda de protesto

Polícia de São Paulo quer negociar trajeto e manifestantes resistem; Rio, Minas e DF terão atos

Atos de solidariedade acontecem também nos EUA e na Europa

Manifestantes em São Paulo exigem a mudança do trajeto da Linha 4 da Metrô na Lagoa da Botoca, na região de Pinheiros. A polícia de São Paulo quer negociar o trajeto, mas os manifestantes resistem. Além disso, atos de solidariedade acontecem também nos EUA e na Europa.

PROTESTO NA ESTRADA DE BRASÍLIA

Manifestantes em Brasília exigem a mudança do trajeto da Linha 4 da Metrô na Lagoa da Botoca, na região de Pinheiros. A polícia de São Paulo quer negociar o trajeto, mas os manifestantes resistem.

Manifestantes ocupam praça por pagar de capital fechada

Manifestantes em São Paulo ocuparam a praça de capital fechada por pagar de capital fechada. A polícia de São Paulo quer negociar o trajeto, mas os manifestantes resistem.

Berlin

Manifestantes em Berlin exigem a mudança do trajeto da Linha 4 da Metrô na Lagoa da Botoca, na região de Pinheiros. A polícia de São Paulo quer negociar o trajeto, mas os manifestantes resistem.

Advogados formam rede para livrar manifestantes da prisão

Advogados formam rede para livrar manifestantes da prisão. A rede de advogados foi formada para livrar manifestantes da prisão. A polícia de São Paulo quer negociar o trajeto, mas os manifestantes resistem.



Lá fora... PMS do Batalhão de Choque reprimem com bombas de gás a manifestação pacífica dos jovens, que não reagiram

O Brasil e o mundo de olho em São Paulo

Protestos contra o aumento das tarifas de ônibus estão marcados para hoje em quatro capitais. Em São Paulo, desta vez, o governo promete não usar a Tropa de Choque. Atos de apoio aconteceram ontem na Europa e nos EUA. PÁGINA 3

Devido às grandes manifestações ocorridas na noite do dia 17 de junho de 2013, até então as maiores ocorridas, O Globo em sua edição do dia 18, fez uma ampla cobertura dos atos. A capa foi dedicada à cobertura das manifestações com três fotos, uma delas, é uma fotografia aérea a Avenida Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro, tomado por milhares de pessoas após a convocação pelas redes sociais, e o texto destaca o tamanho das manifestações, com aproximadamente 240 mil pessoas, em 11 capitais do Brasil. Para a presidenta Dilma, as manifestações eram legítimas, ainda que seu objeto de reivindicação fosse difuso. O rosto ainda estava sob a máscara, mas ganhava corpo e se sobrinha à casa símbolo da democracia – o Congresso Nacional. Ainda enfatizava a ausência de partidos políticos, entidades estudantis e sindicatos na organização das manifestações. Na lateral da capa com legenda “no alvo de radicais”, outras duas fotos mostrando os estragos provocados na ALERJ⁴⁹ e manifestantes no Congresso Nacional.

Imagem 11: Capa O Globo edição 18/06/2013



AMPLIAÇÃO DA FOTOS DE CAPA EDIÇÃO 18/06/2013

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130618>

⁴⁹ ALERJ - Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro

18/06/2013 **Pais** UMPÁIS QUE SE MEXE

Reação em cadeia

Pelo menos 240 mil pessoas foram às ruas em 11 capitais, e mais uma vez houve confrontos



BRASÍLIA A reação em cadeia começou em Brasília, capital do Brasil, quando milhares de manifestantes saíram às ruas em um protesto contra o governo Dilma Rousseff. O protesto começou no Centro de Convenções de Brasília e se espalhou por outras partes da cidade.



SÃO PAULO Manifestantes saíram às ruas em São Paulo para apoiar o protesto em Brasília. O protesto ocorreu no Centro de Convenções de São Paulo.



BELO HORIZONTE Manifestantes saíram às ruas em Belo Horizonte para apoiar o protesto em Brasília. O protesto ocorreu no Centro de Convenções de Belo Horizonte.



RIO DE JANEIRO Manifestantes saíram às ruas em Rio de Janeiro para apoiar o protesto em Brasília. O protesto ocorreu no Centro de Convenções de Rio de Janeiro.

Em São Paulo, o governador Sérgio Cabral anunciou que não se candidataria à reeleição em 2014. Isso gerou uma reação em cadeia em outras capitais, com manifestantes saírem às ruas para apoiar o protesto em Brasília.

18/06/2013 **Pais** UMPÁIS QUE SE MEXE

UM PAÍS QUE SE MEXE

MERVAL PEREIRA

Os políticos em xaque

A reunião simbólica da cúpula do Congresso Nacional em Brasília, em 18 de junho, marcou o início de um período de confrontos entre os poderes Executivo e Legislativo. O cenário é de tensão, com manifestações em todo o país e críticas às decisões tomadas pelo governo.

Os políticos em xaque

A reunião simbólica da cúpula do Congresso Nacional em Brasília, em 18 de junho, marcou o início de um período de confrontos entre os poderes Executivo e Legislativo. O cenário é de tensão, com manifestações em todo o país e críticas às decisões tomadas pelo governo.

Os políticos em xaque

A reunião simbólica da cúpula do Congresso Nacional em Brasília, em 18 de junho, marcou o início de um período de confrontos entre os poderes Executivo e Legislativo. O cenário é de tensão, com manifestações em todo o país e críticas às decisões tomadas pelo governo.

Os políticos em xaque

A reunião simbólica da cúpula do Congresso Nacional em Brasília, em 18 de junho, marcou o início de um período de confrontos entre os poderes Executivo e Legislativo. O cenário é de tensão, com manifestações em todo o país e críticas às decisões tomadas pelo governo.

Os políticos em xaque

A reunião simbólica da cúpula do Congresso Nacional em Brasília, em 18 de junho, marcou o início de um período de confrontos entre os poderes Executivo e Legislativo. O cenário é de tensão, com manifestações em todo o país e críticas às decisões tomadas pelo governo.

'Primavera carioca' leva multidão de manifestantes ao Centro

Protesto tem o apoio de quem estava nos escritórios da Rio Branco

Uma multidão de manifestantes saiu às ruas no Centro da cidade de Rio de Janeiro, em um protesto conhecido como 'Primavera Carioca'. O protesto foi liderado por jovens e contou com o apoio de quem estava nos escritórios da Rio Branco.

Primavera carioca

Uma multidão de manifestantes saiu às ruas no Centro da cidade de Rio de Janeiro, em um protesto conhecido como 'Primavera Carioca'. O protesto foi liderado por jovens e contou com o apoio de quem estava nos escritórios da Rio Branco.

Primavera carioca

Uma multidão de manifestantes saiu às ruas no Centro da cidade de Rio de Janeiro, em um protesto conhecido como 'Primavera Carioca'. O protesto foi liderado por jovens e contou com o apoio de quem estava nos escritórios da Rio Branco.

Primavera carioca

Uma multidão de manifestantes saiu às ruas no Centro da cidade de Rio de Janeiro, em um protesto conhecido como 'Primavera Carioca'. O protesto foi liderado por jovens e contou com o apoio de quem estava nos escritórios da Rio Branco.

COMUNICADO DE RECALL

A Honda Automotriz do Brasil Ltda. comunica o recall dos veículos Honda Civic, modelo 2013, com motor 1.8i, ano 12/13.

COMUNICADO DE RECALL

A Honda Automotriz do Brasil Ltda. comunica o recall dos veículos Honda Civic, modelo 2013, com motor 1.8i, ano 12/13.

COMUNICADO DE RECALL

A Honda Automotriz do Brasil Ltda. comunica o recall dos veículos Honda Civic, modelo 2013, com motor 1.8i, ano 12/13.

COMUNICADO DE RECALL

A Honda Automotriz do Brasil Ltda. comunica o recall dos veículos Honda Civic, modelo 2013, com motor 1.8i, ano 12/13.

18/06/2013 **Pais** UMPÁIS QUE SE MEXE

Violência no fim de um protesto pacífico

Grupo ataca policiais junto à Alerj e incendia carro. Paço e igreja são pichados; loja é saqueada

Um protesto pacífico em Alerj terminou em violência no fim de semana. Um grupo de manifestantes atacou policiais, incendiou um carro e pichou o paço e uma igreja. Uma loja também foi saqueada.

Violência no fim de um protesto pacífico

Um protesto pacífico em Alerj terminou em violência no fim de semana. Um grupo de manifestantes atacou policiais, incendiou um carro e pichou o paço e uma igreja. Uma loja também foi saqueada.

Violência no fim de um protesto pacífico

Um protesto pacífico em Alerj terminou em violência no fim de semana. Um grupo de manifestantes atacou policiais, incendiou um carro e pichou o paço e uma igreja. Uma loja também foi saqueada.

Violência no fim de um protesto pacífico

Um protesto pacífico em Alerj terminou em violência no fim de semana. Um grupo de manifestantes atacou policiais, incendiou um carro e pichou o paço e uma igreja. Uma loja também foi saqueada.

18/06/2013 **Pais** UMPÁIS QUE SE MEXE

produtividade

Investir na produtividade de seus colaboradores gera mais produtividade para o seu negócio.

produtividade

Investir na produtividade de seus colaboradores gera mais produtividade para o seu negócio.

produtividade

Investir na produtividade de seus colaboradores gera mais produtividade para o seu negócio.

produtividade

Investir na produtividade de seus colaboradores gera mais produtividade para o seu negócio.

Importante aqui identificar novamente a aparição da máscara do *Anonymous*, o que indica como este símbolo de fato ganhou força ante ao período e a mídia inclusive trazia este símbolo à tona como um simbolismo importante das manifestações. Por mais que este simbolismo não fosse propriamente trabalhado pela mídia tradicional, em geral, ganhava muita força e visibilidade pela internet.

Na página 3 desta edição, O Globo enfatiza que a manifestação do dia 17 de junho de 2013 teria sido a maior das manifestações, até então pelo aumento tarifário, e ainda destaca o cumprimento da promessa do governador, de não usar a tropa de choque da Polícia Militar contra os manifestantes. Na página 4, o colunista Merval Pereira tecia críticas à classe política, apontando que o catalizador do sentimento de revolta era “a descrença na democracia representativa” e que os jovens de classe média foram os responsáveis pela disseminação das manifestações por todo o país. Esta era uma meia verdade: Quem de fato iniciou os atos foi o MPL e outros movimentos representando a mesma pauta, os quais já lutavam em torno das questões do transporte público, mas àquela altura dos acontecimentos, o movimento já tinha chegado a Brasília, os manifestantes “podiam ser qualquer pessoa”, e os objetivos poderiam ser os mais diversos. Já na página 5, retratou sobre a perpetração contra o prédio da ALERJ, agências bancárias, carros da Polícia Militar e outros estabelecimentos comerciais.

Essa edição em especial, representou uma mudança importante no rumo da abordagem dos acontecimentos pelo *O Globo*, antes considerando os manifestantes como vândalos e rebeldes de classe média, aliados de partidos de esquerda, passando a destacar os atributos dos que manifestavam. Isso fica claro nas páginas 6 e 8 da edição, intituladas “Tribos e convicções para todos os gostos em ato” e “Protestar, ato que reúne diferentes tribos”. Ao constatar que as manifestações estavam seguindo por novos rumos, novas cores, novos manifestantes e diferentes pleitos, que não se apresentavam até então, o que se pode observar é uma nova estratégia de abordagem do jornal. Essa nossa estratégia, o que denomina de “lógica da homogeneização, do espetáculo, e que nesta lógica, a mídia trabalha com dicotomias, binarismos, e com apenas ‘dois valores: o bom e o mau’”⁵⁰.

⁵⁰ COIMBRA, C. Operação Rio: O mito das classes perigosas: um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública. Rio de Janeiro: Oficina do Autor; Niterói: Intertexto, 2001.

O objetivo dessa estratégia é acabar com as alteridades, consequentemente, empobrecendo os discursos das partes, impondo uma única maneira de pensar, sentir e responder a realidade, e o jornal O Globo vendo que as manifestações cresciam de forma exponencial, necessitava distinguir os pacíficos dos que atuavam de forma radical e violenta, conhecidos como “vândalos”, para o jornal associados à esquerda. Portanto, era preciso idealizar o sentimento de perigo e medo, pois “o medo ao outro é um importante mecanismo de controle”, e assim, moldar o comportamento dos manifestantes da maneira desejada⁵¹.

Imagem 13: O Globo edição 18/06/2013 - páginas 6 e 8.

Tribos e convicções para todos os gostos em ato

Grupos distintos fizeram a maior mobilização até agora

CLÉIDE CARVALHO
cldeid.carvalho@sp.globo.com.br

SÃO PAULO — Para o dono do bar Guêda Seca, no Largo da Batata, manifestações sem Tropa de Choque são melhores. Não que ele tenha ficado penalizado com manifestantes marcados com balas de borracha, na semana passada. É que da última vez, com a barreira policial, as coxinhas encailharam. Ontem, o clima de paz só não permitiu felicidade maior porque, em vez de cerveja, mais cara, o povo queria água. Nada mais.

“Somos do Facebook”, dizia a cartolina cor-de-rosa aberta por uma jovem que circulava sorridente em meio a enormes faixas abertas pela turma dos politicamente engajados, que levavam cartazes de partidos políticos. Outro grupo, de adolescentes com espinhais no rosto, irrompeu no largo animado. Eram alunos do Colégio São Luís, na Avenida Paulista, todos na faixa de 16 e 17 anos,



Miscelânea. Estudante integra um dos dezenas de grupos que pautou SP

entusiasmados por irem juntos à rua, sem pais ou professores, para manifestar opinião sobre alguma coisa.

Não muito longe, um pouco acanhado, um garoto de 15 anos estava com a mãe, uma psicanalista, orgulhosa de ver o filho ter saído da frente do computador para ir às ruas. Zeloso, foi junto.

— Não é só o ônibus. É a corrupção. É o gasto absurdo com estádios que só serviram a turistas enquanto faltam hospi-

tais — disparou o menino sob olhar embevecido da mãe.

“Alaste de mim este cale-se”, dizia a faixa da jovem da USP, vestida com roupa de brechó, ao lado de uma mulher de 40 e um rapaz, de 30, que trabalham numa copiadora na Rua Cunha Gago. A eles, juntaram-se duas jovens cozinheiras do “quilo” onde almoçam todos os dias, na Rua Arthur Azevedo, para irem juntos na manifestação.

— A gente nunca viu protes-

to assim, queremos ver como é — disse uma das jovens. — É, o ônibus tá caro mesmo. É é um lilililo — retrucou o rapaz.

“Desce do prédio, sai do Face”, gritou um grupo quando, em alguns poucos prédios perto do largo, moradores estavam na janela para ver o povo lá embaixo.

Professor de escola pública de Itaquera, na Zona Leste, ficou ao lado de professor de escola pública dos Jardins, bairro nobre.

— A gente não veio antes porque achou que não tinha resultado, mas está tendo — disse o de Itaquera. — Tem mais de 20 anos que ninguém protesta por nada. Temos que lutar por nossos direitos, e não pode haver violência contra isso — explicou o docente dos Jardins.

Punks, com o rosto parcialmente escondido, contrastavam com jovens de bandana no cabelo em defesa da paz. A maioria, ali, nunca participou de protesto público pela simples ausência deles ao longo dos anos. Famílias inteiras foram à luta. Alguns levaram seus pets. E, quando abriram a boca, cada qual a seu modo, era por uma reivindicação que, desde o impeachment de Collor, não se via: todos de goela seca. ●

Protestar, ato que reúne diferentes tribos

Mães de estudantes, empresários e até moradores no exterior aderem à onda de manifestações

ROBERTA SALOMONI e THIAGO JANSEN
rsal@globo.com.br

Ainda que jovens universitários sejam uma parcela significativa das manifestações nas principais cidades do país, eles não estão sozinhos. Iniciativas e grupos se formaram nas redes sociais para engrossar as fileiras de protestos. São mães de estudantes, aficionados por tecnologia brasileira no exterior e estrangeiros e inclusive gente que, na impossibilidade da presença física, garante apoio virtual.

Mãe da fotógrafa Anna Clara Carvalho, de 23 anos, a psicóloga Regina Cezar Carvalho, de 58, foi apoiar a participação da filha na manifestação de ontem no Rio. Sua presença foi também uma lembrança de outros atos dos quais ela própria participou no passado.

— Com 13 anos, estive na minha primeira manifestação de rua. Desde então, tenho participado de muitas. É muito bom criticar o comportamento dos jovens sem fazer nada. Se quisermos que as coisas mudem, devemos demonstrar nosso apoio, apesar da preocupação que podemos sentir por eles. Por isso, estive também lá — afirma Regina. — Estou feliz de ver a minha filha engajada também porque ela é um reflexo do meu ativismo.

A jornalista Maria Assunção Demasi, de 49 anos, conta que teve que enfrentar na última quinta-feira a experiência angustiante de acompanhar de casa, pela televisão, os protestos no Centro de São Paulo, enquanto sua filha caçula, Isadora, de 18 anos, participava do ato. Assunção

RAZÕES VARIADAS PARA IR ÀS RUAS



Karina de Freitas Leal, de 22 anos, mora em Bangu. Há dois anos, veio com o pai ao Rio, engenheiro, de Alagoas, onde estudou Direito. Trabalha em telemarketing e ainda não pôde voltar a estudar. As passagens, afirma ela, foram a “luta d’água”. — É pela melhoria da educação, da saúde. No Oriente Médio, é Primavera Árabe, aqui somos badrneiros.



Andréia Rodrigues Queiroz Vieira, de 38 anos, sócia de Nova Iguaçu, onde mora, para encontrar o filho, Mateus, de 18 anos, no Centro. Ela é professora de uma escola estadual. Foi para o protesto apoiar Mateus, mas, como o marido não concordou, preferiu dizer que ia “fazer compras no Saara”. — A situação do professor no estado é terrível.



Dionório ser militante desde a época da ditadura, o advogado Luiz Carlos Casado, de 52 anos, afirmou que acompanha, há 40 anos, todas as manifestações ocorridas no Rio e em Niterói. — Hoje é visível que há uma revolta generalizada, que passa pelo aumento das passagens de ônibus e vai até os valores absurdos gastos na Copa do Mundo. Isso é uma contradição.

Fonte: <https://acervo.globo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130618>

Na página 6, a edição trazia uma reportagem falando sobre a multidão de pessoas na manifestação da cidade de São Paulo, com a estimativa de aproximadamente 65 mil pessoas, realçando que a Polícia Militar apenas

⁵¹ SCHEINVAR, E. A indústria da insegurança e a venda da segurança. Psicologia em Estudo. Maringá, v.19, n.3, p. 481-490, jul/set. 2014.

acompanhou a manifestação, pois ocorreu de forma pacífica. E de maneira inédita o jornal destacava a participação de outros movimentos e grupos, além dos liderados pelo MPL. Na página 7, reportava-se a ação dos manifestantes no teto do Congresso Nacional, cantando o Hino Nacional retidas vezes e gritando palavras de ordem contra a presidenta Dilma. Na página 9, com o título: “Redes sociais dão o tom da “revolta do vinagre”, nome esse, devido os manifestantes encharcarem suas roupas com vinagre, como forma de proteção contra as ações da Polícia Militar, que lançavam bombas de gás lacrimogêneo, falou sobre os grupos na internet que estavam orientando e mobilizando pessoas para as manifestações em todo o Brasil, e ainda comparou as manifestações no Brasil, com a “Primavera árabe”⁵², que lotou praças e ruas nos países árabes. Os organizadores orientavam que os manifestantes usassem roupas brancas, para enfatizar o ato pacífico das manifestações.

⁵² Primavera Árabe é uma expressão criada para designar a onda de protestos que marcou os países árabes a partir do final do ano de 2010. Os protestos compartilharam técnicas de resistência civil em campanhas sustentadas envolvendo greves, manifestações, passeatas e comícios, bem como o uso das mídias sociais, como Facebook, Twitter e YouTube, para organizar, comunicar e sensibilizar a população e a comunidade internacional em face de tentativas de repressão e censura na Internet por partes dos Estados.

Imagem 14: Páginas 6 e 7 da edição 18/06/2013.



Fonte: https://acervo.globomedia.com.br/consultar-acervo/?navegacaoPorData=201020130618

Na lateral da página 9, uma entrevista com Alessandra Aldé, cientista política e professora da UERJ⁵³, dizia-se que o estopim para o início da grande manifestação em rede, foram as ações de repressão policial, principalmente, após a discussão e transmissão dos abusos por parte dos policiais nas redes sociais, igualmente como ocorreram nas manifestações no Egito e Tunísia, em Nova York, nas manifestações do Occupy⁵⁴.

Ainda na mesma edição, na página 10, uma reportagem destacava a reação negativa dos manifestantes à presença de partidos políticos, fazendo a distinção, mais uma vez, entre militantes e manifestantes. Tal estratégia adotada não apenas

⁵³ UERJ - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
⁵⁴ O movimento, inspirado na Primavera Árabe, não possuía liderança e tinha como objetivo manter uma ocupação estável em Wall Street, os manifestantes protestavam contra a desigualdade econômica e social nos Estados Unidos.

pelo jornal *O Globo*, mas pela grande mídia hegemônica, de vincular os atos de violência e vandalismo aos partidos de esquerda, poderiam estar influenciando tal atitude por parte dos manifestantes.

Imagem 15: Páginas 9 e 10 da edição 18/06/2013.

UM PAÍS QUE SE MEXE

Redes sociais dão o tom da 'revolta do vinagre'

Grupos na internet orientam e mobilizam protestos em todo o Brasil

Não precisamos nos filiar a um partido

Alguém acreditava que a *Brahma* iria se unir à *Antartica* e formar a *Ambev*?

Alguém acreditava que a *Ambev* se juntaria à *Interbrew* e nasceria a *Inbev*?

Alguém acreditava que a *Inbev* iria adquirir a cerveja mais vendida dos Estados Unidos, a *Budweiser*?

Alguém acreditava que este mesmo grupo de empresários também iria adquirir um dos grandes ícones do fast-food, o *Burger King*?

Alguém acreditava que eles fariam a maior operação na história da indústria de alimentos e comprariam a marca de catchup *Heinz*?

Alguém ainda duvida que *eles* irão comparecer ao prêmio de uma das mais importantes associações de marketing do *Brasil* para terem seu talento reconhecido?

Beto Sicupira, Jorge Paulo Lemann e Marcel Telles.

Considerados três grandes nomes da Inbev para serem homenageados no Prêmio Marketing Contemporâneo da ABMN.
Uma associação aberta de estudiosos do mercado, que contribui para a sua evolução e valoriza seus profissionais.

Prêmio Marketing Contemporâneo
Dia 11 de julho, às 20h
Palácio da Cidade
Rua São Clemente, 360, Botafogo – RJ

ABMN ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MARKETING E RECLAMAZÃO

UM PAÍS QUE SE MEXE

Manifestantes reagem à presença de partidos políticos

Protestos têm cartazes e palavras de ordem contra a partidáriação

Dilma: atos são legítimos e próprios da democracia

FH diz que jovens estão desencantados em relação ao futuro

Não precisamos nos filiar a um partido

Virgínia Barros

Presidente da UNE nega que verbal oficial tenha sido ditado

Macá Mezes não reconhece

Uma UNI, que tradicionalmente esteve por trás de movimentos, não estava neste protesto?

Os protestos não são apenas para retribuir a melhora da taxa de desemprego, mas também para reivindicar a melhoria dos serviços públicos.

Uma UNI, que tradicionalmente esteve por trás de movimentos, não estava neste protesto?

Os protestos não são apenas para retribuir a melhora da taxa de desemprego, mas também para reivindicar a melhoria dos serviços públicos.

nte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130618>

No editorial, na página 18, frisavam que a crise de representatividade dos partidos, poderia ter estimulado as grandes revoltas do dia 17 de junho, o que confirma que as manifestações mudaram por contraste, desde então. A mudança no tom da cobertura do jornal nas manifestações anteriores, denuncia também a parcialidade do periódico, quando destaca que as manifestações anteriores ao dia 17, eram formadas por "estudantes e grupos anarquistas", com uma abordagem pejorativa e desqualificadora das reivindicações do MPL. Assumindo que as manifestações ganharam outra dimensão justamente neste período do dia 17 de

junho de 2013, e que dessa forma, o foco da cobertura jornalística seria outro, trocando a versão das manifestações como “tensão urbana”, para um “país que se mexe”, com uma diversidade de pleitos. Àquela altura só não havia ainda as condições políticas e psicológicas de enunciar o que o tempo mostrou ser óbvio: se as manifestações já não podiam ser qualificadas pejorativamente como de esquerda, elas já eram um movimento de direita, se não eram progressistas, já tinham se tornado uma onda conservadora que negava a política, os mecanismos da democracia, um terreno fértil para o fascismo.

Imagem 16: Editorial páginas 18 da edição 18/06/2013



Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130618>

A mudança de tom anunciava que o movimento se aproximava do planalto. O editorial do *Carta Maior* com o título: “Carta aberta dos movimentos sociais à Presidenta Dilma” do dia 18, se direciona diretamente à Presidenta Dilma em nome de diversos movimentos sociais e falava sobre a importância das manifestações para a democracia brasileira, ressaltando que mudanças eram necessárias e que o fenômeno dessas manifestações demonstrava a retomada da capacidade de luta popular. Enfatizou que o poder das manifestações populares possibilitou os resultados eleitorais nos anos de 2002, 2006 e 2010, contra uma agenda neoliberal e lutava contra a burguesia interna que em disputas das políticas de governo impediu a realização de reformas estruturais importantes, como é o caso da reforma urbana e do transporte público.

Em apoio às manifestações, principalmente protagonizados pela juventude, o *Carta Maior* admitia que esses atos mostravam a necessidade de enfrentar aos que impedem o avanço do Brasil em diversas áreas. Mais uma vez, falava sobre o posicionamento da cobertura jornalística da mídia conservadora, que buscavam caracterizar o movimento como anti-Dilma, num discurso anticorrupção política e contra os gastos públicos e a outras pautas que forçavam para o retorno do neoliberalismo, e ainda dizia:

Diante do exposto nos dirigimos a V. Ex.a para manifestar nosso pleito em defesa de políticas que garantam a redução das passagens do transporte público com redução dos lucros das grandes empresas. Somos contra a política de desoneração de impostos dessas empresas. O momento é propício para que o governo faça avançar as pautas democráticas e populares, e estimule a participação e a politização da sociedade. Nos comprometemos em promover todo tipo de debates em torno desses temas e nos colocamos à disposição para debater também com o poder público.⁵⁵

Os signatários da carta salientavam a importância de uma reunião nacional em caráter de urgência, com todos as esferas de governo e todos os movimentos sociais, para um diálogo, a fim de encontrarem saídas para enfrentar essa grave crise urbana, e destacava o momento favorável diante as maiores manifestações do povo na geração atual, onde assinam diversos movimentos.

⁵⁵ CARTA MAIOR. Carta aberta dos movimentos sociais à Presidenta Dilma. 18 jun. 2013. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editorial/Carta-aberta-dos-movimentos-sociais-a-Presidenta-Dilma-/28837>. Acesso em: 28 fev. 2022.

Imagem 17: Edição Carta Maior 18/06/2013.



Fonte: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editorial/Carta-aberta-dos-movimentos-sociais-a-Presidenta-Dilma-/28837>

CAPÍTULO III: O DESENVOLVIMENTO DAS MANIFESTAÇÕES E RESULTADOS IMEDIATOS

A edição do O Globo no dia 19 de junho de 2013, destacava na sua capa que as tarifas de ônibus começaram a ser baixadas em algumas capitais, porém, as manifestações ainda continuavam. Ressaltava que pacifistas e radicais se confrontaram na tentativa de invasão da prefeitura de São Paulo, e que a ação foi provocada por grupos isolados. Ganhava destaque na capa uma foto da avenida Paulista tomada por pessoas, anunciando a revogação dos reajustes das tarifas do transporte público.

A página 4 trazia uma reportagem com o primeiro posicionamento público da presidenta Dilma sobre as manifestações. Seu subtítulo: “Presidente afirma que Brasil tem orgulho de manifestações e que governo ouve “vozes pela mudança”. Segundo *O Globo*, a presidenta Dilma salientou que o governo trabalhava para melhorar a vida da população, mas estava atento à voz das ruas, e reconheceu o repúdio nas manifestações à corrupção do país, e que o recado não seria apenas para um governo ou um poder, mas para todos os governos, o Legislativo e o Judiciário. E que as manifestações comprovavam o valor intrínseco da democracia e da participação dos cidadãos em busca de seus direitos.

A página 6 trazia uma grande foto em destaque, mostrando carros depredados, na noite anterior no ataque à ALERJ, na legenda da foto, o jornal qualificava os atos como sendo obra de vândalos e que a ALERJ gastaria cerca de 2 milhões de reais para recuperação do prédio. O destaque dessa reportagem, é que diversas pessoas que participaram das manifestações de forma pacífica, foram até os locais de depredação para limpá-los, destacando a fala de uma das pessoas, que a manifestação foi pacífica e que essas ações não representavam o movimento ao qual pertencia, este sujeito em questão entrevistado se identificava como participante do movimento "Declaração de amor ao paço Imperial", movimento este que se proclamava com o intuito de reconstruir o país, não destruí-lo. Essa fala é carregada de sentidos, e própria para representar o jornal O Globo, que agora enfatiza o caráter pacífico das manifestações, e recriminava os atos de vandalismo, incrementando uma divisão nítida entre os manifestantes. Essa divisão entre

vândalos e pacíficos, é utilizada de forma subjetiva pra produzir na sociedade o ostracismo aqueles nomeados como vândalos.

Na página 11, o jornal *O Globo*, anunciava que novas manifestações estariam sendo programadas em mais de 70 cidades, e denominou como sendo o “Dia nacional de lutas”. As páginas 12 e 13 destacaram o uso da Força Nacional de Segurança, criada no governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT), para atender situações emergenciais, onde seja necessária uma interferência maior do poder público, em caráter de urgência de reforço na área de segurança. A Força Nacional de Segurança seria deslocada para as cidades do Rio de Janeiro, Distrito Federal, Belo Horizonte, Bahia e Ceará, principalmente para garantir a segurança nos jogos da Copa das Confederações, um evento teste para a Copa do Mundo. De forma análoga, as manifestações pareciam aos olhos de observadores do futuro, eram uma espécie de evento teste para a irrupção de movimentos conservadores.

O importante aqui é deixar claro: queremos construir, e não destruir”, dizia o movimento batizado de “Declaração de amor ao paço Imperial”.

Imagem 18: Capa e páginas 2, 4 e 6 da edição 19/06/2013

O BRASIL NAS RUAS
Capitais já baixam tarifas de ônibus; protestos continuam

Em SP, radicais e pacifistas marcham em tentativa de invasão da prefeitura
Centos de milhares participam de manifestações em várias capitais, mas ação de grupos radicais frustra



Uma das manifestações que ocorreram em São Paulo, no domingo. A ação foi liderada por grupos radicais e pacifistas.

Manifestações em várias capitais brasileiras exigiram a redução das tarifas de ônibus. Em São Paulo, centenas de milhares de pessoas participaram de uma manifestação pacífica no domingo. No entanto, grupos radicais tentaram invadir a prefeitura, o que foi evitado pela polícia.

Na Turquia, protesto agora é silencioso

Manifestantes em Istambul exigem a renúncia do primeiro-ministro Erdogan. O protesto foi pacífico e silencioso.



Manifestantes em Istambul, Turquia, exigem a renúncia do primeiro-ministro Erdogan.

Small advertisements for books and other products, including 'O Tesouro Literário de Eloy Martínez' and 'A Guerra sem Fim nas Ruas do Brasil'.

MERVAL PEREIRA
Corrupção é foco



Corrupção é foco das manifestações em várias capitais. Merval Pereira analisa o cenário político.

As manifestações em várias capitais brasileiras têm como foco principal a denúncia da corrupção. Merval Pereira, jornalista e escritor, analisa o cenário político e as expectativas da população.

Segundo FH, o presidente tem que sair do Brasil

Manifestantes em Brasília exigem a renúncia de Dilma Rousseff. O presidente defende a permanência no cargo.



Dilma Rousseff defende a permanência no cargo durante as manifestações. Ela afirma que o Brasil precisa de estabilidade.

Para PSDB, atos mostram falência de discurso do PT

Partido oposicionista critica o governo Dilma Rousseff. O PSDB afirma que o discurso do PT falhou.

Small advertisements for 'AS PEXILOSAS CONFIRMAM' and 'EM TODO LUGAR TEM ALGUEM DA FACHA'.

Dilma diz que protestos são alertas a todos os governantes

Presidente afirma que Brasil tem orgulho de manifestantes e que governo ouve 'vozes pela mudança'.



Dilma Rousseff afirma que o Brasil tem orgulho de seus manifestantes.

Dilma Rousseff afirmou que o Brasil tem orgulho de seus manifestantes e que o governo ouve 'vozes pela mudança'. Ela destacou a importância da participação cidadã.

Atos mostram falência de discurso do PT

Partido oposicionista critica o governo Dilma Rousseff. O PSDB afirma que o discurso do PT falhou.



Dilma Rousseff defende a permanência no cargo durante as manifestações. Ela afirma que o Brasil precisa de estabilidade.

Segundo FH, o presidente tem que sair do Brasil

Manifestantes em Brasília exigem a renúncia de Dilma Rousseff. O presidente defende a permanência no cargo.

Small advertisements for 'AS PEXILOSAS CONFIRMAM' and 'EM TODO LUGAR TEM ALGUEM DA FACHA'.



Uma rua movimentada em São Paulo, com muitos pedestres e veículos.

O BRASIL NAS RUAS



Uma rua movimentada em São Paulo, com muitos pedestres e veículos.

Um cenário desolador no dia seguinte

Aerj gastará R\$ 2 milhões para recuperar luminárias e vidros quebrados; duas lojas foram incendiadas



Após as manifestações, o Rio de Janeiro enfrentou um cenário desolador. O governo gastará milhões para recuperar danos materiais causados durante os atos.

O BRASIL NAS RUAS

Manifestações programadas para amanhã em 71 municípios

Planalto monitora movimento, que chega também a cidades médias

JULIANA CASTRO, LUIZA DAMÉ e CATERINA ALENCAR
opa@oglobo.com.br

— NO E BRASIL. Movimentos organizados por meio das redes sociais prometem parir o país amanhã, com mais protestos contra o aumento nas tarifas do transporte público. No "Dia Nacional de Lutas", como está sendo chamado, acontecerão manifestações em pelo menos 71 municípios brasileiros, 15 deles capitais. Em duas cidades, Rio e Salvador, os protestos ocorrerão no mesmo dia em que acontecem jogos da Copa das Confederações.

A articulação nas redes sociais visa a reunir ainda mais pessoas do que a mar da série de protestos até agora, a de ontem, quando pelo menos 240 mil foram às ruas em 11 capitais. Ao todo, quase oito milhões de cópias haviam sido distribuídos pelo Facebook para as manifestações de amanhã, em 21 estados. Até a tarde de ontem, 996 mil haviam confirmado presença, e 189 mil responderam que talvez comparecessem.

As movimentações nas redes sociais estão sendo monitoradas pelo Palácio do Planalto. As informações são repassadas sistematicamente à presidente Dilma Rousseff pelos ministros mais próximos. Em outra frente, a Agência Brasileira de Inteligência (Abin) acompanha cerca de 700 cenários de manifestações, incluindo as manifestações no país. A preocupação do Planalto é com a propagação do movimento, que começa a chegar às cidades médias.

Além das manifestações de amanhã, o sistema de monitoramento detectou outro ato previsto para o dia 1º de julho em todos os capitais brasileiros.

Para amanhã no Rio, a expectativa dos organizadores do evento no Facebook é reunir um milhão de pessoas, número



LÁ fora. Ato de brasileiros em Londres ontem, uma das 26 cidades do exterior com manifestações

muito superior aos cem mil que caminhavam pelas ruas do Centro da capital fluminense ontem, de acordo com a Coppe/UFRJ. A convocação é para uma passeata pacífica, que está sendo chamada de "Um Milhão da Rua". Foi convidado 1,8 milhão de pessoas, das quais quase 139 mil tinham confirmado presença por meio do Facebook até a tarde de ontem.

A concentração do evento no Rio será às 16h em local ainda não definido. A organização pede que todos compareçam de verde e amarelo, com apitos e bandeiras do Brasil. Aos que não forem à passeata, o pedido é que seja colocada a bandeira do país na janela de casa. No Estado do Rio, o protesto amanhã acontecerá em pelo menos seis cidades. Além da capital, haverá manifestação em Resende, Saquarema, Macaé, Angra dos Reis e Volta Redonda.

No exterior, os próximos protestos em solidariedade aos brasileiros se concentram no próximo fim de semana. Estão programadas manifestações em Paris, Bruxelas, Haia, La Coruña e Boston. Fora-ções

vidadas pelo Facebook 49 mil pessoas para esses eventos, dos quais, pouco mais de 11 mil disseram que vão participar.

Ontem, manifestações ocorreram em 26 cidades do exterior. Houve eventos em Espanha, Inglaterra, Portugal, Itália, Alemanha, Canadá, Suíça, Dinamarca, México e Argentina. Em Lisboa, manifestantes levaram cartazes com os dizeres "primavera brasileira", "Copa do Mundo não educa" e "Verás que um fillo teu não foge à luta". Em Londres, pouco mais de mil pessoas participaram de uma manifestação convocada pelas redes sociais. Nos arredores de Westminster, sede do parlamento e dos principais órgãos do governo, o português foi a língua franca durante as mais de quatro horas de protestos.

Com as caras pintadas e enrolados na bandeira do Brasil, brasileiros de várias idades gritavam palavras de ordem, pediam mais educação e o fim da violência. ■

Colaboraram Ricardo Calazans e Vivian Oswald

Para analistas, mudança de orientação das polícias

ONU pede que Brasil evite uso desproporcional da força nos protestos

ALESSANDRA DUARTE
duarte@oglobo.com.br

Mudanças de rumo na atuação policial levadas, em parte, pela visibilidade que as manifestações nas ruas tomaram, mas também por substituição da amplitude dos protestos e falhas de comando das polícias por parte dos governos estaduais. Para pesquisadores de segurança pública, houve nítida alteração na orientação das polícias nos estados na comparação entre os primeiros e os últimos dias de manifestação — e boa parte da explicação para isso estaria tanto no alcance que os atos passaram a ter quanto em erros no comando das forças policiais por parte das autoridades.

Um dos coordenadores do Laboratório de Análise de Violência da Uerj, João Trajano diz que as manifestações na última segunda-feira viram uma mudança de postura policial: — Ontem (segunda-feira), as polícias agiram de modo responsável; hoje, claro, atitudes indesejáveis, como o policial que atirou de fuzil para o alto no Rio, e a polícia em Minas, que, naquele dia, teve o pior desempenho; hoje, claro, atitudes indesejáveis, como o policial que atirou de fuzil para o alto no Rio, e a polícia em Minas, que, naquele dia, teve o pior desempenho; hoje, claro, atitudes indesejáveis, como o policial que atirou de fuzil para o alto no Rio, e a polícia em Minas, que, naquele dia, teve o pior desempenho;

— Ontem (segunda-feira), as polícias agiram de modo responsável; hoje, claro, atitudes indesejáveis, como o policial que atirou de fuzil para o alto no Rio, e a polícia em Minas, que, naquele dia, teve o pior desempenho; hoje, claro, atitudes indesejáveis, como o policial que atirou de fuzil para o alto no Rio, e a polícia em Minas, que, naquele dia, teve o pior desempenho;

substituição dos protestos e de negligência e omissão em relação ao controle dos policiais. A Fm é uma instituição hierarquizada funciona com ordens. Alckmin fala "não usa bala de borbacha", não usa bala de borbacha.

A importância da cadeia de comando para analisar a ação policial é ressaltada ainda pela professora do IUPERJ Jacqueline Muniz, ex-coordenadora de Segurança Pública do Estado do Rio: — Uma frase dos setores policiais é "Quem dá a missão dá os meios". No início, houve percepção criminalizante sobre os protestos, e uma visão tradicional de que a população precisaria ser desobediente para fazer política. Mas a resposta da polícia aos primeiros protestos serviu como marketing para a própria mobilização, que aumentou. Com isso, ficou notória a mudança de visão e de orientação às polícias. Mas, quando há depreciações, como na Alerj, há falha de comando também. Onde estavam Bombeiros, Guarda Municipal? Os governos são responsáveis quando fazem de mais, de menos ou quando deixam de fazer.

Ontem, o escritório de Direitos Humanos da ONU afirmou ter recebido relatos sobre "uma série de danos, ferimentos, prisões e detenções, incluindo o de jornalista"; e pediu que o Brasil tome "todas as medidas necessárias para garantir o direito de reunião pacífica e evitar o uso desproporcional da força" nos protestos. Semana passada, a Anistia Internacional já havia manifestado preocupação com a violência nas manifestações. ■

O BRASIL NAS RUAS

Força Nacional vai para quatro estados e DF

Pedido de ajuda, inclusive para o Rio, foi feito por governadores após crescimento da onda de protestos

FORÇA NACIONAL O Ministério da Justiça decidiu enviar tropas da Força Nacional para ajudar a conter a onda de protestos em quatro estados e no Distrito Federal. O envio das tropas será feito por meio de pedidos de ajuda feitos pelos governadores de Minas Gerais, Bahia, Ceará e Espírito Santo, e pelo governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral. O envio das tropas também é uma medida de segurança para garantir a realização da Copa das Confederações de Futebol no Rio de Janeiro.

Segundo o ministro da Justiça, Sérgio Cabral, o envio das tropas é uma medida de segurança para garantir a realização da Copa das Confederações de Futebol no Rio de Janeiro. O envio das tropas também é uma medida de segurança para garantir a realização da Copa das Confederações de Futebol no Rio de Janeiro.

Segundo o ministro da Justiça, Sérgio Cabral, o envio das tropas é uma medida de segurança para garantir a realização da Copa das Confederações de Futebol no Rio de Janeiro. O envio das tropas também é uma medida de segurança para garantir a realização da Copa das Confederações de Futebol no Rio de Janeiro.

Segundo o ministro da Justiça, Sérgio Cabral, o envio das tropas é uma medida de segurança para garantir a realização da Copa das Confederações de Futebol no Rio de Janeiro. O envio das tropas também é uma medida de segurança para garantir a realização da Copa das Confederações de Futebol no Rio de Janeiro.

O BRASIL NAS RUAS

Atos mostram descrença de jovens em relação aos políticos

Maquiagem e sedes de governos evidenciam que eles não se sentem representados

MAQUIAGEM Em uma manifestação em Belo Horizonte, jovens usaram maquiagem para parecerem políticos. A atitude foi uma forma de protesto contra a falta de transparência e a corrupção no setor político. Os jovens também criticaram a maneira como os políticos se apresentam ao público.

Em outra manifestação, jovens usaram sedes de governos para criticar a falta de transparência e a corrupção no setor político. Os jovens também criticaram a maneira como os políticos se apresentam ao público.

Em outra manifestação, jovens usaram sedes de governos para criticar a falta de transparência e a corrupção no setor político. Os jovens também criticaram a maneira como os políticos se apresentam ao público.

Em outra manifestação, jovens usaram sedes de governos para criticar a falta de transparência e a corrupção no setor político. Os jovens também criticaram a maneira como os políticos se apresentam ao público.

Nos protestos, os filhos dos caras-pintadas

Atos têm de ativistas
gras a apoiesores
da PEC 37

Victorino Soares
vsoares@globo.com.br



Marcelo e Jany, filhos de um casal de 'caras-pintadas' que se tornaram ativistas.

Em um momento histórico, o Brasil vive um momento de profunda transformação política. O Congresso Nacional aprovou a PEC 37, que altera o sistema eleitoral, reduzindo o número de deputados e senadores e aumentando o tamanho das circunscrições eleitorais. Este texto, conhecido como PEC 37, é considerado um divisor de águas na história política do país.

Os filhos dos caras-pintadas, como são conhecidos os membros do Congresso Nacional, estão se tornando protagonistas da política brasileira. Muitos deles, como o caso de Marcelo e Jany, filhos de um casal de 'caras-pintadas', estão se tornando ativistas e participando de protestos em defesa da PEC 37.

Ministros exigem e obtêm retratação de governo do PT

Secretaria do DF nega participação em protesto de pessoal da Presidência

Os ministros Gilmar Mendes, do Superior Tribunal Federal, e Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal, exigiram a retratação do governo do PT após a participação de membros do pessoal da Presidência em um protesto em defesa da PEC 37. O governo do PT negou a participação dos ministros no protesto.

Os movimentos, a política social e o direito de sonhar

Artigo

João Marcelo Domingues

Os movimentos sociais têm se fortalecido no Brasil, exigindo maior participação da sociedade na política. Este texto discute o papel dos movimentos sociais na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

A gente não quer só eletrodomésticos

Artigo

Luiz Carlos Delencos Paiva

O Brasil precisa de mais do que apenas crescimento econômico. Precisamos de uma sociedade mais justa e democrática, com acesso à educação, saúde e emprego para todos.

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130619>

Um ponto de importante destaque neste período foi justamente a atuação dos jovens. Havia a disseminação de um forte sentimento de descrença ante a realidade enfrentada pelo país, que era ainda mais reforçado e financiado por capitalistas brasileiros que promoviam além desta insatisfação, a tentativa de desestabilização da ordem política e da ação do estado de bem-estar social em prol de uma ideologia neoliberal.

Os chamados libertários, sobretudo jovens formados na escola do neoliberalismo, tornados lideranças, financiados por capitalistas brasileiros e internacionais para a desestabilização de governos reformistas ou de esquerda em toda a América Latina, que se lançaram no Brasil à luta político-cultural de oposição ao que ficou conhecido como marxismo cultural e a todos os valores considerados de esquerda⁵⁶.

Cenário este que, além de tudo, se mostrava fortemente propício para a expansão de algo que se assemelhava fortemente ao fascismo, onde a atuação militar se mostrava até mesmo como algo objetivado e fortemente estimulado por grande parte desta camada mais jovem da população que acabava seduzida por este bando de ideias velhas repaginadas.

Em 20 de junho de 2013, aconteceram as maiores manifestações até essa data, tanto em número de manifestantes, tanto em número de manifestações que ocorreram simultaneamente em todo país. Nesse mesmo período, teve início a Copa das Confederações, organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), considerado um evento preparatório para a Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Parte da população, bem como retratada fortemente pela mídia, já se mostrava indignada

⁵⁶ LEITE, Acácio Zuniga et al. BRASILINCERTEZAS E SUBMISSÃO? 2019.

com o que chamavam de corrupção contínua no governo de Dilma e os vários escândalos, criticavam os gastos públicos com a Copa do Mundo, que passou a compor como uma das pautas de reivindicações nas manifestações de uma maneira mais intensa.

Essas foram as últimas manifestações com um caráter mais significativo. A partir desse dia, houve uma dispersão dos grupos manifestantes, perdendo sua força, o aumento tarifário do transporte público foi vetado, as manifestações iniciais contra o aumento da tarifa, que por sua parte, ajudaram a impulsionar o começo de outras manifestações com reivindicações e pautas diferentes, acabaram se dissolvendo.

Em mais um editorial do dia 20 de junho de 2013, a Carta Maior, avaliava o posicionamento da grande mídia, apontando a centralidade de discurso diante aos atos.

A primeira reação da grande mídia, bem como das autoridades públicas, foi de condenação pura e simples das manifestações que, segundo eles, deveriam ser reprimidas com ainda maior rigor. No entanto, à medida que o fenômeno se alastrou, autoridades e mídia alteraram a avaliação inicial. A grande mídia, então, passou a cobrir os acontecimentos como se fosse apenas uma observadora neutra, que nada tinha a ver com os fatos que desencadearam – para o bem ou para o mal – todo o processo.⁵⁷ Ressaltando que a grande mídia tem poder sobre o debate público, além da cultura política que vinha sendo construída no país, através da mídia hegemônica, o editorial fazia uma breve análise histórica sobre a credibilidade da democracia e a avaliação negativa sobre o sistema democrático diante às crises econômicas. A intervenção da mídia no processo político brasileiro, entoava um “discurso adversário” em relação à democracia.

⁵⁷ LIMA, Venício A. de. As manifestações de junho e a mídia. In. Carta Maior. 2013. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/As-manifestacoes-de-junho-e-a-midia/4/28178> Acesso em: 25 fev. 2022

Imagem 20: Edição Carta Maior 20/06/2013.



Fonte: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/As-manifestacoes-de-junho-e-a-midia/4/28178>

No mesmo dia, o jornal *O Globo* destacou em sua edição que após 13 dias de manifestações, o reajuste das tarifas do transporte público em São Paulo e Rio de Janeiro foram vetados, portanto, mesmo o veto, o MPL continuou as manifestações no dia 20 de junho. Na capa, o jornal trouxe o enfoque de manifestantes ateando fogo em barricadas e a Polícia Militar fez uso de gás lacrimogênio e balas de borracha pra dispersar os manifestantes na ponte Rio-Nitéroi. Na página 3 trazia as fotos do prefeito de São Paulo Fernando Haddad, junto ao governador Geraldo Alckmin, e do prefeito de Rio de Janeiro, Eduardo Paes, anunciando a revogação do aumento das tarifas do transporte em suas cidades, ressaltando a diferença entre a revogação que seria sustentada pelo Poder público e cortes nos investimentos em outras áreas para a cobertura desse déficit.

A reportagem também ressaltava que as empresas de transporte público gozavam de vários benefícios tributários, como a desoneração de tributos da folha de pagamento e redução da alíquota do Imposto Sobre Serviços (ISS), além da redução das alíquotas de Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (CIDE). Continuando na página 4, o jornal informava que o lucro anual das empresas poderia chegar a R\$ 2,6 bilhões, e que o município deixou de arrecadar cerca de R\$51,8 milhões devido a concessões fiscais para essas atividades, o que

Imagem 20: Edição Carta Maior 20/06/2013.



Fonte: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/As-manifestacoes-de-junho-e-a-midia/4/28178>

No mesmo dia, o jornal *O Globo* destacou em sua edição que após 13 dias de manifestações, o reajuste das tarifas do transporte público em São Paulo e Rio de Janeiro foram vetados, portanto, mesmo o veto, o MPL continuou as manifestações no dia 20 de junho. Na capa, o jornal trouxe o enfoque de manifestantes ateando fogo em barricadas e a Polícia Militar fez uso de gás lacrimogênio e balas de borracha pra dispersar os manifestantes na ponte Rio-Nitéroi. Na página 3 trazia as fotos do prefeito de São Paulo Fernando Haddad, junto ao governador Geraldo Alckmin, e do prefeito de Rio de Janeiro, Eduardo Paes, anunciando a revogação do aumento das tarifas do transporte em suas cidades, ressaltando a diferença entre a revogação que seria sustentada pelo Poder público e cortes nos investimentos em outras áreas para a cobertura desse déficit.

A reportagem também ressaltava que as empresas de transporte público gozavam de vários benefícios tributários, como a desoneração de tributos da folha de pagamento e redução da alíquota do Imposto Sobre Serviços (ISS), além da redução das alíquotas de Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (CIDE). Continuando na página 4, o jornal informava que o lucro anual das empresas poderia chegar a R\$ 2,6 bilhões, e que o município deixou de arrecadar cerca de R\$51,8 milhões devido a concessões fiscais para essas atividades, o que

ia contra a fala do prefeito Eduardo Paes, destacando a falta de transparência no negócio.

Imagem 21: Edição O Globo 20/06/2013.

O GLOBO

BRASIL NAS RUAS

Protestos derrubam aumentos em São Paulo e Rio de Janeiro

Paes, Cabral, Haddad e Aécio cancelam reajuste de ônibus, metrô, trens e barcas. BH deve fazer o mesmo

Após 15 dias de protestos que começaram em São Paulo e se espalharam para todo o país, os governos estaduais de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Bahia (BA), Pernambuco (PE), Ceará (CE), Maranhão (MA) e Rio Grande do Norte (RN) cancelaram os reajustes de ônibus, metrô, trens e barcas. O mesmo ocorreu em São Paulo, onde o governador Fernando Haddad anunciou o cancelamento do reajuste de 20% para o transporte coletivo. Em Rio de Janeiro, o governador Sérgio Cabral anunciou o cancelamento do reajuste de 10% para o transporte coletivo. Em Pernambuco, o governador Paulo Câmara anunciou o cancelamento do reajuste de 10% para o transporte coletivo. Em Ceará, o governador Lúcio Costa anunciou o cancelamento do reajuste de 10% para o transporte coletivo. Em Maranhão, o governador Irandir Avelino anunciou o cancelamento do reajuste de 10% para o transporte coletivo. Em Rio Grande do Norte, o governador Romildo Gesteira anunciou o cancelamento do reajuste de 10% para o transporte coletivo.

Em Niterói, Ponte e barcas são invadidas

Após uma manifestação pacífica em Niterói, que reuniu cerca de 10 mil pessoas, um grupo de manifestantes invadiu a ponte sobre o rio Niterói, cortando o trânsito de veículos. Os manifestantes exigem a redução dos reajustes de ônibus e barcas. A polícia chegou ao local e tentou dispersar o grupo, mas os manifestantes resistiram.

Enquanto isso, na economia

Apesar dos protestos, a economia brasileira continua a crescer. O Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 7,8% em maio, impulsionado pelo setor de serviços. No entanto, o setor de manufatura continua a enfrentar dificuldades devido à queda na demanda externa.

COLETA DE NOMES

MIRIAM LETAO, ANCELMO GOIS, CORA BÓDAN, FLÁVIA OLIVEIRA, ILMAR FRANCO, DEMETRIO MAGALHÃES

Neymar dá show e classifica a seleção

Começou a seleção brasileira de futebol com um show de gols. Neymar marcou dois gols no jogo contra a Espanha, garantindo a classificação da seleção para a Copa do Mundo da Rússia. A seleção brasileira venceu o jogo por 2 a 1.

Resumo de Notícias

RESISTÊNCIA PELA ARTE POP
A arte popular brasileira continua a ganhar destaque. Um novo movimento artístico busca valorizar as técnicas tradicionais e criar obras contemporâneas.

AFRICA DO SUL
A África do Sul comemorou o aniversário de 193 anos de independência. O país realizou grandes eventos em todo o território.

OSCAR
O Oscar 2014 foi realizado em Los Angeles. O filme "Beats per Minute" venceu o prêmio de melhor filme estrangeiro.

País

O BRASIL NAS RUAS

O efeito das manifestações

Governadores de Rio e SP reuam e revogam aumento nas tarifas do transporte coletivo

Três dias de manifestações pacíficas em São Paulo e Rio de Janeiro resultaram na revogação dos aumentos de tarifas de transporte coletivo. Os governadores de São Paulo, Fernando Haddad, e do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, anunciaram a decisão após pressão popular e negociações com os sindicatos.

Em Niterói, a ponte sobre o rio foi invadida por manifestantes. A polícia chegou ao local e tentou dispersar o grupo, mas os manifestantes resistiram.

Mantega diz que não há espaço para novas reduções de tributos da União

O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, afirmou que não há espaço para novas reduções de tributos da União. Ele destacou que o governo está focado em melhorar a eficiência administrativa e reduzir gastos.

4 | **ECO** | **Paula** | **Quarta-feira, 20 de Junho de 2013**

MERVAL PEREIRA

Alguns explicações

Investigação em andamento de comissão ou comissão de administração, cargo pago para o diretor de operações de uma empresa pública. O diretor de operações é o responsável por todas as atividades operacionais da empresa. O diretor de operações é o responsável por todas as atividades operacionais da empresa. O diretor de operações é o responsável por todas as atividades operacionais da empresa.

O BRASIL NAS RUAS

No Rio, há pouca transparência num mercado que fatura bilhões

Lei permite que empresas embolsem valores de vale não utilizados

Em fevereiro, o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, anunciou a criação de uma nova tarifa para o transporte público. A tarifa foi aprovada pelo Conselho Deliberativo do Metrô e pelo Conselho Deliberativo do BRT. A tarifa foi aprovada pelo Conselho Deliberativo do Metrô e pelo Conselho Deliberativo do BRT. A tarifa foi aprovada pelo Conselho Deliberativo do Metrô e pelo Conselho Deliberativo do BRT.



OPORTUNIDADE REAL

ANUNCIE NOS CLASSE C/DO DO RIO

Professores recebem cerca de R\$ 1,2 bilhão em subsídios

Os professores recebem cerca de R\$ 1,2 bilhão em subsídios. Os professores recebem cerca de R\$ 1,2 bilhão em subsídios. Os professores recebem cerca de R\$ 1,2 bilhão em subsídios.

Em São Paulo, usuários pagam 70% do serviço

Em São Paulo, os usuários pagam 70% do serviço. Em São Paulo, os usuários pagam 70% do serviço. Em São Paulo, os usuários pagam 70% do serviço.

OPORTUNIDADE REAL

ANUNCIE NOS CLASSE C/DO DO RIO

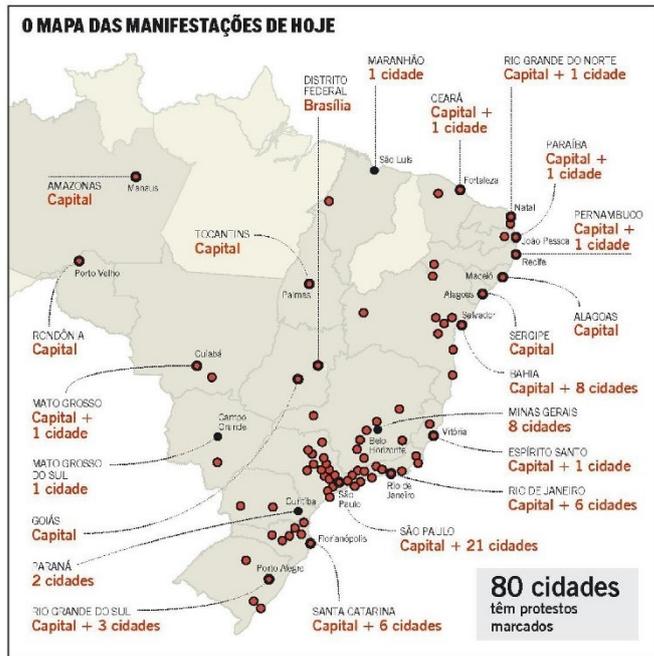
OPORTUNIDADE REAL

ANUNCIE NOS CLASSE C/DO DO RIO

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130620>

Na página 6 da edição mostrava-se um mapa das manifestações previstas para acontecerem no dia 20 de junho de 2013, ocorrendo em mais de 80 cidades, mesmo com o fim do aumento das tarifas. De acordo com a reportagem, as manifestações seriam para comemorar o veto aos aumentos. Os organizadores estavam preocupados com possíveis atos de vandalismo, e frisavam o caráter pacífico das manifestações. Ainda na mesma página, outra reportagem falava sobre a liberação dos protestos em Belo Horizonte, pelo Supremo Tribunal Federal, através do Ministro Luiz Fux para que os manifestantes ocupassem as ruas de acesso ao estádio Mineirão, indo contra a liminar autorizada pelo desembargador Barros Levenhagem. O jornal propagandeava o ato salientando que as manifestações deveriam ser pacíficas, sem vandalismo, uma vez que os atos de violência, impossibilitariam a transmissão de qualquer mensagem útil ao debate democrático.

Imagem 22: Edição O Globo 20/06/2013.



6 | País | Sábado, 20/06/2013

O BRASIL NAS RUAS

O MAPA DAS MANIFESTAÇÕES DE HOJE

Map showing protest locations across Brazil, with labels for various states and their respective capital cities and the number of protest cities marked:

- AMAZONAS: Manaus (Capital) - 1 cidade
- AMAPÁ: Macapá (Capital) - 1 cidade
- BRASILIA: Distrito Federal (Capital) - 1 cidade
- CERÁ: Fortaleza (Capital) - 1 cidade
- CEARÁ: Fortaleza (Capital) - 1 cidade
- ESPÍRITO SANTO: Vitória (Capital) - 1 cidade
- GOIÁS: Goiânia (Capital) - 1 cidade
- MATO GROSSO DO SUL: Campo Grande (Capital) - 1 cidade
- PARANÁ: Curitiba (Capital) - 1 cidade
- PERNAMBUCO: Recife (Capital) - 1 cidade
- RIO GRANDE DO NORTE: Natal (Capital) - 1 cidade
- RIO GRANDE DO SUL: Porto Alegre (Capital) - 3 cidades
- SANTA CATARINA: Florianópolis (Capital) - 6 cidades
- SÃO PAULO: São Paulo (Capital) - 21 cidades
- SERGIPE: Aracaju (Capital) - 1 cidade
- TOCANTINS: Palmas (Capital) - 1 cidade
- ALAGOAS: Maceió (Capital) - 1 cidade
- BAHIA: Salvador (Capital) - 8 cidades
- MINAS GERAIS: Belo Horizonte (Capital) - 8 cidades
- ESPÍRITO SANTO: Vitória (Capital) - 1 cidade
- RIO DE JANEIRO: Rio de Janeiro (Capital) - 6 cidades

Mais de um milhão deve ir às ruas hoje em 80 cidades
 Protestos acontecem em 17 capitais; convocação é feita nas redes sociais

Fux libera protestos em vias públicas de Minas

Para 'NTT', o maior desafio às autoridades brasileiras

Mobilização foi destaque em jornais da Europa e da Argentina

80 cidades têm protestos marcados

Fonte: <https://acervo.globo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130620>

Na página 21, publicava-se o texto do sociólogo Demétrio Magnoli que fazia o resumo da cobertura das manifestações jornalística pelo O Globo até o momento, chamando os manifestantes de “seitas esquerdistas” e “bando de punks”, que se aproveitavam das manifestações para fazerem ataques à polícia, e que as reivindicações de tarifa zero se configuravam uma “utopia”, ressoando o tom das reportagens anteriores do jornal. Criticava a polícia militar, sobre as ações violentas aos manifestantes pacíficos, ressaltando que para os manifestantes não pacíficos os atos de violência poderiam ser liberados.

Imagem 23: Edição O Globo 20/06/2013.

DEMÉTRIO MAGNOLI

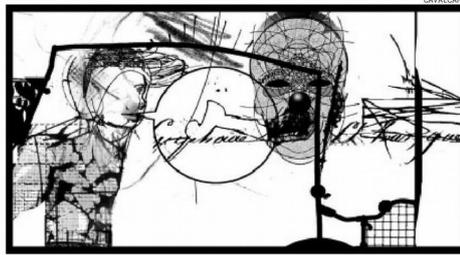
Protesto

do caos fez-se o protesto. No início, manifestações pequenas degeneraram, previsivelmente, em violência e depredação. Truculências policiais, uma vaia avassaladora contra Dilma Rousseff e manifestações com outra pauta, sobre os gastos públicos na farrá da Copa do Mundo, pontuaram o estágio intermediário. Enfim, protestos multitudinários tomaram as ruas de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte e de Brasília. A sequência desafia a lógica convencional e escapa às ferramentas de tradução dos políticos, mas lança alguma luz sobre uma crise larvar que agora emerge. Bem na hora em que o Palácio do Planalto preparava-se para tocar novamente uma velha canção da Copa do Mundo de 1970, o céu desabou.

Nada houve de espontâneo na etapa inicial. Os movimentos pelo "passe livre" são constituídos por autointitulados "anarquistas", setas esquerdistas e jovens indignados que se movem à margem dos aparelhos da esquerda oficial (PT, PCdoB, sindicatos, UNE). Nas franjas dos movimentos, circulam bandos de punks à caça de oportunidades para confrontos com a polícia. O "passe livre" uma utopia socialmente reacionária, funcionava como pretexto para quimeras diversas: a "superação do capitalismo", a "revolução proletária", a "guerra urbana". As vergonhosas distorções de nossos sistemas de transporte coletivo — avessos à transparência, hostis aos usuários, pontilhados de privilégios, curvados pela associação oculta entre empresas de ônibus e políticos — não interessam realmente aos grupos radicalizados que protagonizaram as primeiras manifestações.

Há sintomas de uma notável regressão política. As passeatas estudantis de 1977 contra a ditadura militar tinham linha de frente e cordões de segurança, elementos ausentes nos protestos em curso. A desordem prestou-se à ação de incendiários e depredadores. Governantes e chefes de polícia despreparados multiplicaram o caos, produzindo cenas chocantes de violência contra manifestantes pacíficos. Mas a escala faz a diferença: quando dezenas de milhares foram às ruas, os encapuzados viram-se reduzidos à insignificância e, quase sempre, à impotência.

"Não é por centavos, é por direitos", esclarecia uma faixa no Rio de Janeiro. "Brasil, vamos acordar, o professor vale mais que o Neymar", cantou-se em São Paulo. Na segunda-feira, o "passe livre" já era só um pretexto coletivo para manifestações que exigiam o reconhecimento de um "direito ao protesto" e exprimiam uma frustração "difusa" e "crescente" — duas palavras usadas pelo ministro Gilberto Carvalho, a sombra onipresente de Lula no governo de Dilma. As marcas da juventude e de uma diversificada classe média, inclusive das periferias, esta-



vam impressas nos protestos de massa. "Não é a Turquia, não é a Grécia — é o Brasil que saindo da inféria", gritaram em São Paulo. Só se grita isso porque, de algum modo não óbvio, é a Grécia e a Turquia.

A escala faz a diferença. As quimeras das setas esquerdistas tornaram-se inaudíveis nos protestos de multidões. No lugar delas, desenhavam-se os contornos de uma agenda implícita, ainda não cozida no fogo da linguagem política. As pessoas estão fartas do governo e da oposição, da corrupção e da impunidade, da arrogância e do cinismo, da soberba e do descaço. O estádio superfaturado, o ônibus superlotado, a escola arruinada, a inflação, a criminalidade, o Dilexi e o Elke — é sobre isso que falam os manifestantes, ecoando palavras de milhões ainda inseguros quanto à conveniência de protestar nas ruas. O inimigo, que ninguém se engane — é toda a elite política organizada durante a década de balofa euforia do lulopetismo. Um preocupado Gilberto Carvalho alertou contra a tentação de "tirar proveito político, de um lado ou de outro" dos eventos da segunda-feira.

Mestre no ofício de "tirar proveito político", ele já percebeu que um ciclo se fechou. A política é, entre outras coisas, a arte de ordenar e hierarquizar as inquietações populares. No declínio da ditadura, estudantes e sindicalistas usaram as expressões "anistia", "liberdades democráticas", "direito de greve". Na hora da dissolução do regime militar, as oposições se reuniram em torno do estandarte das eleições diretas. A bandeira do impeachment, erguida pelos partidos e movimentos sociais, encerrou a saga desastrosa do governo Fernando Collor. Diante da hiperinflação, os tucanos ofereceram um

programa de estabilização, reformas e privatizações. Na conjuntura de crises externas que erodiam os salários e as aposentadorias, o PT prometeu distribuir a renda e exterminar a pobreza. Hoje, porém, a "difusa" e "crescente" inquietação não encontra traduções políticas nítidas.

A desmoralização da ágora — eis a pior herança do lulopetismo. O governo Lula cooptou os movimentos sociais, convertendo-os em marionetes de suas ambições eleitorais, e reforçou os grilhões que prendem o movimento sindical ao poder de Estado. No governo Dilma, completou-se a construção de uma esmagadora maioria parlamentar alicerçada sobre a distribuição de sesmarias na administração direta e nas empresas estatais. Do lado de fora da ampla coalizão governista, destituídos de princípios ou convicções, os partidos de oposição remanescentes abdicaram da crítica e do debate, aguardando que uma milagre transira o poder para suas mãos. A política parlamentar democrática feneceu, exaurindo-se de sentido. As manifestações provavelmente teriam começado antes, não fossem as esperanças depositadas no julgamento do mensalão.

Nesse cenário, os protestos descrevem trajetórias pré-políticas e os manifestantes apalparam terreno desconhecido, em busca de uma linguagem e de uma agenda. A anomia não perdurará eternamente — mas, por enquanto, gera muito calor e pouca luz. De qualquer modo, uma festa terminou antes mesmo de começar: desconfio que Prá frente Brasil não será ouvida na Copa do Mundo de 2014. ■

Demétrio Magnoli é sociólogo demetrio.magnoli@uol.com.br

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130620>

Na edição do dia 21 de junho de 2013, *O Globo* destacava na sua capa as manifestações do dia anterior com o título: "Sem controle", abordando as ações de vandalismo dos manifestantes radicais na prefeitura do Rio de Janeiro e no Palácio do Itamaraty. Na página 3 continuou enfatizando as graves demonstrações de vandalismo nas manifestações do dia 20 de junho, acentuando mais uma vez que organizações sindicais e partidos políticos haviam sido hostilizados por manifestantes. Também abordou sobre os atos em Salvador-BA, onde os manifestantes se concentraram no estádio de futebol Fonte Nova, onde aconteceria um jogo entre Nigéria e Uruguai pela Copa das Confederações, porém foram barrados pela Polícia Militar.

Na página 4 mais uma vez, destacou as manifestações no Rio de Janeiro, com uma multidão estimada em 300 mil pessoas, que se iniciou de forma pacífica, mas a tentativa de grupos isolados de criar confusão acabou transformando a manifestação em um campo de batalha entre manifestantes e policiais na Avenida Presidente Vargas. O Batalhão de Operações Especiais (BOPE) e o Batalhão de

choque participaram das operações, armados de fuzis. Também reportava a violência contra repórteres e sobre a hostilidade contra partidos, porém noticiou que apenas um militante da Central Única dos Trabalhadores (CUT) foi expulso por distribuir panfletos com o título: “Abaixo a máfia da Fetranspor”⁵⁸, o que supostamente ia diretamente ao encontro das reivindicações ligadas ao movimento. Na reportagem ainda se dizia que policiais distribuíram panfletos pedindo aos manifestantes que não participassem de atos de vandalismo ou de predação do patrimônio, dizendo “Sem violência. Paz. Ajude-nos a proteger você”⁵⁹. O antagonismo do panfleto foi o fato de a Polícia, nesse dia, atuar com mais violência em relação aos outros dias de protestos.

Imagem 24: Edição O Globo 21/06/2013.



⁵⁸ Federação das Empresas de Transportes de Passageiros do Estado do Rio de Janeiro.

⁵⁹ G1 RIO. PM vai distribuir panfletos pedindo manifestação sem violência no Rio. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/pm-vai-distribuir-panfletos-pedindo-manifestacao-sem-violencia-no-rio.html>. Acesso em: 18 nov. 2022.



Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130621>

Imagem 25: Panfleto distribuído pela PM no dia 20 de junho de 2013.

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

SEM VIOLÊNCIA

AJUDE-NOS A PROTEGER VOCÊ.
 Afaste-se dos que insistem em vandalizar uma manifestação pacífica.

Fale com a Polícia Militar: @pmerj

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A Polícia Militar não reprime manifestações nem é contra a Liberdade de Expressão, mas tem como maior valor a proteção à vida.

Sua atuação tem a finalidade de manter um princípio básico da Democracia: a convivência pacífica.

O cidadão tem o direito de protestar, manifestar-se e de se expressar, mas a Polícia Militar pede que, no ato de se manifestar, evite aderir a movimentos destrutivos que nada acrescentam ao debate democrático.

A Polícia Militar é formada por profissionais que têm deveres com a sociedade, como proteger a vida, combater o crime e preservar o patrimônio.

Manifestar-se pacificamente não é crime, destruir deliberadamente o patrimônio sim.

O patrimônio público é de todos, portanto, ele é seu também. Ajude a PM nesta missão.

COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
 POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Fonte: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/pm-vai-distribuir-panfletos-pedindo-manifestacao-sem-violencia-no-rio.html>

Na página 7 uma das reportagens, trazia uma declaração contrária do Ministro da Justiça, José Eduardo Cardoso (PT), em relação à declaração do governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral (PMDB) de que havia indicativos de que uma facção criminosa estava se aproveitando dos protestos para depredar prédios públicos, tal declaração explicaria o uso do BOPE nas manifestações do dia 20 de junho.

Imagem 26: Edição O Globo 21/06/2013.



Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130621>

Na página 8, noticiava as manifestações em Brasília, que findaram com o ataque ao Palácio do Itamaraty. A reportagem relatava que esta era a maior manifestação ocorrida na capital federal desde o início dos protestos e cerca de 30 mil manifestantes ocuparam a Esplanada dos Ministérios. A manifestação tinha começado de forma pacífica, porém um grupo isolado de manifestantes tentou forçar o bloqueio policial que impedia a entrada no Congresso. Naquela noite, foi usado um efetivo de cerca de 3.500 policiais federais, além dos policiais e guarda presidencial. O Batalhão de guarda do Exército e os Fuzileiros Navais também foram convocados.

Na página 9, da edição de 21 de junho, a reportagem falava sobre as manifestações em São Paulo, onde partidos políticos foram hostilizados durante as manifestações. No subtítulo da reportagem, anunciava-se o sentimento do antipetismo. Destacava-se que o PT tinha sido o partido mais atacado em meio à comemoração pela suspensão do reajuste tarifário, mas outros partidos como PSOL, PSTU e PCO e movimentos sociais como MST, CUT e UNE⁶⁰ também foram alvos. A manifestação reuniu cerca de 30 mil pessoas e houve brigas, bate-bocas e xingamentos entre manifestantes e militantes partidários.

⁶⁰ União Nacional dos Estudantes.

O BRASIL NAS RUAS

Vândalos atacam e depredam Itamaraty

Cerca de 60 mil ocupam Esplanada; rojão explode dentro de palácio durante tentativa de invasão, e 3 são presos



Atacado. Manifestantes tentam invadir o Palácio do Itamaraty. Os policiais foram forçados a fazer uma retirada para não ocorrerem mais danos ao patrimônio. Para a tentativa, agremiações como o Partido Socialista Brasileiro (PSB) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) foram convocados. O rojão explodiu dentro do palácio durante a tentativa de invasão, e três pessoas foram presas. A polícia conseguiu controlar a situação e dispersar os manifestantes. O episódio causou danos materiais ao patrimônio do governo federal.

Atacado. Manifestantes tentam invadir o Palácio do Itamaraty. Os policiais foram forçados a fazer uma retirada para não ocorrerem mais danos ao patrimônio. Para a tentativa, agremiações como o Partido Socialista Brasileiro (PSB) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) foram convocados. O rojão explodiu dentro do palácio durante a tentativa de invasão, e três pessoas foram presas. A polícia conseguiu controlar a situação e dispersar os manifestantes. O episódio causou danos materiais ao patrimônio do governo federal.

Atacado. Manifestantes tentam invadir o Palácio do Itamaraty. Os policiais foram forçados a fazer uma retirada para não ocorrerem mais danos ao patrimônio. Para a tentativa, agremiações como o Partido Socialista Brasileiro (PSB) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) foram convocados. O rojão explodiu dentro do palácio durante a tentativa de invasão, e três pessoas foram presas. A polícia conseguiu controlar a situação e dispersar os manifestantes. O episódio causou danos materiais ao patrimônio do governo federal.

O BRASIL NAS RUAS

SP: partidos hostilizados em protesto pacífico

PT foi o mais atacado em meio à comemoração pela suspensão do reajuste de tarifa do transporte



Atacado. Manifestantes tentam invadir o Palácio do Itamaraty. Os policiais foram forçados a fazer uma retirada para não ocorrerem mais danos ao patrimônio. Para a tentativa, agremiações como o Partido Socialista Brasileiro (PSB) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) foram convocados. O rojão explodiu dentro do palácio durante a tentativa de invasão, e três pessoas foram presas. A polícia conseguiu controlar a situação e dispersar os manifestantes. O episódio causou danos materiais ao patrimônio do governo federal.

Atacado. Manifestantes tentam invadir o Palácio do Itamaraty. Os policiais foram forçados a fazer uma retirada para não ocorrerem mais danos ao patrimônio. Para a tentativa, agremiações como o Partido Socialista Brasileiro (PSB) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) foram convocados. O rojão explodiu dentro do palácio durante a tentativa de invasão, e três pessoas foram presas. A polícia conseguiu controlar a situação e dispersar os manifestantes. O episódio causou danos materiais ao patrimônio do governo federal.

O BRASIL NAS RUAS

MPL sai de protesto e não levanta bandeiras

Representantes do grupo alegam que manifestações vinham assumindo características conservadoras



Atacado. Manifestantes tentam invadir o Palácio do Itamaraty. Os policiais foram forçados a fazer uma retirada para não ocorrerem mais danos ao patrimônio. Para a tentativa, agremiações como o Partido Socialista Brasileiro (PSB) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) foram convocados. O rojão explodiu dentro do palácio durante a tentativa de invasão, e três pessoas foram presas. A polícia conseguiu controlar a situação e dispersar os manifestantes. O episódio causou danos materiais ao patrimônio do governo federal.

Atacado. Manifestantes tentam invadir o Palácio do Itamaraty. Os policiais foram forçados a fazer uma retirada para não ocorrerem mais danos ao patrimônio. Para a tentativa, agremiações como o Partido Socialista Brasileiro (PSB) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) foram convocados. O rojão explodiu dentro do palácio durante a tentativa de invasão, e três pessoas foram presas. A polícia conseguiu controlar a situação e dispersar os manifestantes. O episódio causou danos materiais ao patrimônio do governo federal.

Fonte: acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130621

Até mesmo o MPL sofreu represálias, sendo seus membros chamados de “oportunistas”, por um grupo que reivindicava o fim da corrupção. Ressaltava-se no jornal o clima de apreensão durante a manifestação, com palavras de ordem como “Vão para Cuba” e “Vão para Venezuela” para militantes da UNE, que reagiram: “Baixou a tarifa e agora bota na conta da Fifa”, mostrando o claro descontentamento com os gastos públicos para a realização da Copa de 2014.

Neste ponto é possível ressaltar a importância deste acontecimento da copa, para a realidade política do país. Uma vez identificada esta insatisfação que se associada a promoção da copa neste período, foi então utilizado de diversos apontamentos que visavam acima de tudo estimular e acentuar ainda mais esta fragilidade, potencializando o descontentamento da população para desestabilizar ainda mais a credibilidade do governo.

Na reportagem da página 10, ainda do dia 22 de junho, noticiava-se a saída do MPL dos protestos, onde os representantes do grupo alegaram que as

manifestações vinham assumindo características conservadoras, com a presença de pessoas sem aparente informação, da direita instrumentalizada, com pautas de cunho racial e de distinção de gênero, indo contra a “carta de princípios” do grupo, ressaltando que não pretendia levantar nenhuma bandeira sem antes discutir com seus militantes e grupos alinhados à esquerda. De forma isolada, alguns líderes discursavam sobre a necessidade de reformas políticas e agrárias, e contra a PEC 37⁶¹, que retirava a autonomia dos Ministérios Públicos. Esta Proposta de Emenda Constitucional por sua vez foi votada em 25 de junho de 2013 e não foi aprovada em virtude do resultado que contou com 430 votos de rejeição contra apenas 9 favoráveis e outras 2 abstenções.

Desde o dia 23 de junho de 2013, com a inclusão de novos grupos e pautas, pode-se perceber de forma nítida a mudança de discurso nas reportagens do jornal O Globo, que exaltava o tom de desaprovação às manifestações, identificando os manifestantes como militantes partidários, mesmo quando os protestos foram organizados pelo MPL, e aparentemente mudou seu viés quando outros grupos começaram a participar.

Ainda na página 10, é mencionada pela primeira vez desde o começo das manifestações, a presença de outros grupos que se organizaram pela internet, como *Revoltados Online* e *Pátria Minha*, que foram às ruas com ideias conservadoras, em apoio à grande mídia e partidos conservadores, os quais seriam importantes no cenário das manifestações dos anos de 2015 e 2016 para o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff.

Na edição de 22 de junho de 2013, a capa do O Globo dava destaque ao discurso da Presidenta Dilma Rousseff, realizado no dia 21 de junho, em um pronunciamento de dez minutos em cadeia nacional de rádio e televisão, e disse que seu governo estava ouvindo a voz das ruas e que o país precisava de mudanças e defendia formas mais eficazes de combater a corrupção, porém, condenava a violência e atos de vandalismo. Condenava veementemente a violência e anunciava que iria agir com firmeza para manter a ordem e evitar o caos e a arruaça nas cidades brasileiras.

⁶¹ A Proposta de Emenda Constitucional 37/2011, abreviada como PEC 37, foi um projeto legislativo brasileiro que pretendia emendar a Constituição brasileira para incluir a apuração de investigações criminais como atividade privativa da polícia judiciária. Foi proposta pelo deputado Lourival Mendes, então do PT do B do Maranhão.

O GLOBO

BRASIL, 22 DE JUNHO DE 2013 | 1ª EDIÇÃO | 170214 | Fritzes Moreira (2474 7322) | (2244) 2012 | Roberto Marinho | 0017 0400 | oglobo.com.br

O BRASIL NAS RUAS

Dilma propõe pacto político e chama líderes de protestos

Presidente condena violência e avisa que não aceitará vandalismo

Diz que ouve a 'voz democrática' das ruas por mudança e reforma política

E defende também formas mais eficazes de combater corrupção

Passos dos limites
Luzes de sinalização de trânsito em São Paulo e Curitiba que não funcionam por falta de manutenção.

Correio eletrônico
A presidente se reuniu com líderes de movimentos sociais em Brasília.

Miriam Leitão
A ministra da Saúde anunciou que não aceitará a criação de uma nova rede de saúde pública.

Jorge Gustavo Moreno
O ministro da Saúde anunciou que não aceitará a criação de uma nova rede de saúde pública.

Joaquim Falcão
A ministra da Saúde anunciou que não aceitará a criação de uma nova rede de saúde pública.

Zenoni Ventura
O ministro da Saúde anunciou que não aceitará a criação de uma nova rede de saúde pública.

Arnaldo Bloch
O ministro da Saúde anunciou que não aceitará a criação de uma nova rede de saúde pública.

Fátima
A ministra da Saúde anunciou que não aceitará a criação de uma nova rede de saúde pública.

Revolta parou o Rio em 1880
A revolta parou o Rio em 1880.

Moventos Passe Livre
O movimento Passe Livre anunciou que não aceitará a criação de uma nova rede de saúde pública.

Filá de que Copa fica no Brasil
A Filá de que Copa fica no Brasil.

Segundo calendário
O segundo calendário.

Homenagens a um mito da fotografia
Homenagens a um mito da fotografia.

Revista
A revista.

Pais

O BRASIL NAS RUAS

O apelo de Dilma

Presidente propõe pacto, diz que receberá líderes do protesto, mas sem 'transigir com violência e armaria'

Conversas com Lula, ministros e governadores

Diante da PF, Dilma Rousseff e vice Lula tiveram reunião de trabalho com o governador de São Paulo, Roberto Alves, e o governador de Minas Gerais, Antonio Anastas, em Brasília.

Opinião

SAÍDA PARA A CRISE

ARRIS

Márir

Impedimento

Quase

Tentativa

Diferença

Em pauta?

Filá de fora

Bullying

Eslojo

Conversas com Lula, ministros e governadores

Diante da PF, Dilma Rousseff e vice Lula tiveram reunião de trabalho com o governador de São Paulo, Roberto Alves, e o governador de Minas Gerais, Antonio Anastas, em Brasília.

Opinião

SAÍDA PARA A CRISE

ARRIS

Márir

Impedimento

Quase

Tentativa

Diferença

Em pauta?

Filá de fora

Bullying

Eslojo

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130622>

Na tentativa de atender as reivindicações dos manifestantes, a Presidenta Dilma anunciou que se reuniria com os dirigentes do Legislativo, governadores, prefeitos e representantes dos movimentos para fazerem um pacto de melhoria nos serviços públicos. Também aproveitou para comentar sobre “o vigor” das manifestações para produzir mais mudanças que beneficiassem a população brasileira, e ressaltou:

Minha geração lutou muito para que a voz das ruas fosse ouvida. Muitos foram perseguidos, torturados e morreram por isso. A voz das ruas precisa ser ouvida e respeitada. E ela não pode ser confundida com o barulho e a truculência de alguns arruaceiros.⁶²

⁶² REVISTA VEJA. Dilma se pronuncia sobre os protestos no Brasil; leia a íntegra do discurso. 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/dilma-se-pronuncia-sobre-os-protestos-no-brasil-leia-a-integra-do-discurso/>.

Alertando que se a violência prosperasse, o país perderia a oportunidade de fazer mais pela população e de se tornar mais justo, assumindo a obrigação de ouvir as reivindicações, portanto dentro das leis e da ordem, salientando:

Os manifestantes têm o direito e a liberdade de questionar e criticar tudo. De propor e exigir mudanças. De lutar por mais qualidade de vida. De defender com paixão suas ideias e propostas. Mas de forma pacífica e ordeira. O governo e a sociedade não podem aceitar que uma minoria violenta e autoritária destrua o patrimônio público e privado, ataque templos, incendeie carros, apedreje ônibus e tente levar o caos aos nossos centros urbanos.⁶²

No centro da reportagem, há uma opinião formal do jornal sobre o pronunciamento da Presidenta Dilma, e pontua que ao se pronunciar, afastava a ideia de um governo acuado pelas manifestações. Segundo *O Globo* a presidenta fez uma correta distinção entre manifestantes e vândalos, seguindo o discurso do próprio jornal, reforçando as ideias difundidas pelos grandes veículos de comunicação. Portanto, abriu um espaço positivo para negociação, e se fosse fundo nesse compromisso, avaliava o jornal, teria de enfrentar resistências na própria base parlamentar. E concluía que a presidenta pelo menos estabeleceu um horizonte para a resolução da crise no país.

Seguindo ainda na mesma edição, a página 8 mostrava um infográfico do “rastros da destruição” das manifestações no Rio de Janeiro. Eram 43 pontos de depredação, sendo 13 agências bancárias, 8 prédios de órgãos públicos, 11 paradas de ônibus, 2 comércios, bancas de jornais e pichações em monumentos. Na reportagem, o secretário José Mariano Beltrame, que anos antes tinha coordenado a ação de “pacificação violenta” às favelas sob uma lógica de fronteiras⁶³, defendeu as ações violentas da polícia e dizia que demonizar a polícia apenas favorecia as ações de vandalismo, e que a ideia de que as ações de vandalismo seria responsabilidade apenas de uma minoria, mas sim de um grupo bem maior de manifestantes, sendo necessário prender mais pessoas.

Ainda na reportagem, o comandante geral da Polícia Militar Erir Costa Filho, disse que não havia informações confirmadas da participação de homens armados, de facções criminosas nas manifestações. O Ministério Público estadual instaurou inquérito para apurar eventuais abusos praticados por policiais militares,

⁶³ Para uma análise sobre o conceito de violência e a lógica que sustentou as ações de pacificação do Rio de Janeiro nos anos de 2009 e 2010 cf. CANAVEZ, Fernanda. ; NORONHA, Gilberto Cezar de. . A cidade, o conceito e a lógica: O Rio De Janeiro (não) é violento?. *Travessias* (UNIOESTE. Online), v. 5, p. 576-593, 2011.

principalmente do Batalhão de Choque durante as manifestações. Os promotores de justiça queriam esclarecimentos sobre a conduta dos policiais e sobre os regulamentos da corporação para as “operações de controle de distúrbios civis”⁵⁷⁶⁴

Em uma das reportagens na lateral da página, a Fundação Getúlio Vargas estimava que os prejuízos na cidade do Rio de Janeiro, seriam de R\$ 100 milhões de reais e que o varejo carioca teria a maior perda entre cinco capitais onde houve manifestações. Na outra reportagem, os “especialistas” em gestão pública reprovavam a ação da polícia no Rio e a falta de estratégia e diálogo com manifestantes, algo característico das forças de segurança no estado, ressaltando que a polícia costuma atuar como protagonistas nas ações e não como mediadores, que é uma ação eficaz para o controle repressivo. Nas páginas 10 e 12 o jornal informava que ocorreram manifestações no dia 21 de junho de 2013, em algumas capitais e outras cidades menores, sendo registradas manifestações em 438 municípios brasileiros.

No editorial do site Carta Maior do dia 22 de junho, intitulado: “A tarefa mais urgente: conversar sobre o Brasil”⁶⁵, ressaltava-se a importância da democracia, a tarefa mais urgente no momento. Também abordou sobre o pronunciamento da presidenta Dilma, ressaltando suas falas sobre a necessidade de “oxigenar o nosso sistema político”, e que a cidadania devia ser colocada em primeiro lugar e não o poder econômico. Segundo ela, as forças progressistas deveriam participar para a construção de um novo ciclo de desenvolvimento para o país, salientando a importância da união dos partidos políticos, associações, sindicatos e diversas outras esferas para conversar sobre o Brasil, e que o anseio pela democracia revelado nas manifestações, não pode ser sufocado ou desperdiçado, muito menos desvirtuado, entorpecendo o discernimento social, fazendo alusões para uma conspiração contra a democracia, se referindo as ideias geradas pela grande mídia.

Também falou das diversas mobilizações que estavam ocorrendo no país naquele momento, como a reunião de cerca de 800 pessoas a convite do MST, representando 80 entidades. A pauta da reunião era a mobilização de um milhão de pessoas na cidade de São Paulo, em defesa de um Brasil onde o destino e futuro da

⁶⁴ LIMA, Venício A. de. As manifestações de junho e a mídia. In. Carta Maior. 2013. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/As-manifestacoes-de-junho-e-a-midia/4/28178> Acesso em: 25 fev. 2022

⁶⁵ Carta Maior. A tarefa mais urgente: conversar sobre o Brasil. 2013. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editorial/A-tarefa-mais-urgente-conversar-sobre-o-Brasil/28838>

sociedade e da economia fosse pautada pela democracia. Outra reunião aconteceria na Casa da Cidade, em São Paulo, com sindicalistas, intelectuais e integrantes dos partidos do PT, PSOL, PSTU, entre outros com a mesma intenção. E ressaltou que estas seriam duas, de várias outras mobilizações que aconteceria nos próximos dias, e que o jornal *Carta Maior* estava aberto para divulgação dos encontros.

Imagem 29: Edição O Globo 22/06/2013 - página 8, 10 e 12.

O BRASIL NAS RUAS

Beltrame não descarta ação do Exército

Polícia só conseguiu prender cinco pessoas por atos de vandalismo ocorridos ontem no Centro da cidade

FGV estima os prejuízos na cidade em R\$ 100 milhões

Vento caótico torcia a maior parte das lojas e lojas não houve saqueações

O presidente estadual de Segurança, José Maria Beltrame, afirmou que não descarta a possibilidade de uma intervenção militar no caso da manifestação de rua ocorrida ontem em São Paulo. Beltrame afirmou que a polícia não conseguiu prender cinco pessoas por atos de vandalismo ocorridos ontem no Centro da cidade. O governador afirmou que a polícia não conseguiu prender cinco pessoas por atos de vandalismo ocorridos ontem no Centro da cidade. O governador afirmou que a polícia não conseguiu prender cinco pessoas por atos de vandalismo ocorridos ontem no Centro da cidade.

O RASTRO DA DESTRUIÇÃO

Map showing the route of the protest and areas of destruction in São Paulo, including locations like Rua da Consolação, Rua da Assembleia, and Rua da República.

MP vai investigar sigilo de dados

Ação do Ministério Público para investigar o sigilo de dados de empresas e pessoas envolvidas no protesto.

Especialistas reprovam ação da polícia no Rio

Críticas à atuação da polícia durante o protesto no Rio de Janeiro, com especialistas apontando falhas na abordagem.

O BRASIL NAS RUAS

Em Duque de Caxias, lojas são saqueadas

Protestos se espalham por outros municípios. Em Nova Iguaçu, Via Dutra é parcialmente bloqueada por manifestantes

Cariocas vivem um dia de boataria e medo

Violência mobiliza redes sociais

Críticas foram feitas tanto a polícia quanto a população

Uma manifestação de rua ocorreu em Duque de Caxias, com saqueos em lojas e danos materiais. Protestos também ocorreram em outros municípios da região metropolitana de São Paulo.

Violência mobiliza redes sociais

Críticas foram feitas tanto a polícia quanto a população durante o protesto, com redes sociais mobilizadas para divulgar informações e denúncias.

O BRASIL NAS RUAS

Atos em SP afetam e passageiros não puderam entrar no terminal nem sair dele

Em Cubicão, voos atrasaram e passageiros não puderam entrar no terminal nem sair dele

Por **Renato Basso** e **Renato Vasquez**

Uma multidão de cerca de 10 mil pessoas se reuniu no terminal de passageiros do Aeroporto Internacional de São Paulo (Cubicão) nesta manhã para protestar contra o aumento de tarifas aéreas. Os manifestantes, liderados por membros do Partido Socialista (PS) e do Partido Comunista (PC), bloquearam o acesso ao terminal e impediram a entrada e a saída de passageiros. O protesto começou às 8h e se prolongou até as 12h. Durante o ato, os manifestantes cantaram e seguravam cartazes com mensagens de protesto. O aeroporto ficou fechado por cerca de duas horas, afetando milhares de passageiros. A situação foi controlada pela polícia após o término do protesto às 12h. Os voos foram retomados com atrasos significativos.



Manifestantes fizeram atos em 438 municípios brasileiros.



Manifestantes fizeram atos em 438 municípios brasileiros.

Protestos são marcados para hoje e amanhã

Para milhares de pessoas, grupos convocaram para atos em várias capitais

Por **Renato Basso** e **Renato Vasquez**

Atos de protesto contra o aumento das tarifas aéreas serão realizados em várias cidades brasileiras nesta e na próxima semana. Os manifestantes se reunirão em praças e pontos turísticos para exigir a redução das tarifas e a melhoria dos serviços. O primeiro ato será realizado em São Paulo, no dia 12 de dezembro. Outros atos ocorrerão em Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo no dia 13. Os grupos convocantes incluem o Partido Socialista e o Partido Comunista. Os manifestantes esperam que os atos pressionem o governo a rever as tarifas e a melhorar a infraestrutura aeroportuária.

Manifestantes fizeram atos em 438 municípios brasileiros

Protestos em todo o país exigem redução de tarifas e melhoria dos serviços

Manifestações de protesto contra o aumento das tarifas aéreas ocorreram em 438 municípios brasileiros em todo o país. Os atos foram realizados em cidades de diferentes portes, desde grandes metrópoles até pequenas localidades. Os manifestantes exigem a redução das tarifas e a melhoria dos serviços aeroportuários. O protesto em São Paulo foi o mais expressivo, com milhares de pessoas participando. Outros atos ocorreram em Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo. Os grupos convocantes incluem o Partido Socialista e o Partido Comunista. Os manifestantes esperam que os atos pressionem o governo a rever as tarifas e a melhorar a infraestrutura aeroportuária.

Protestos em todo o país exigem redução de tarifas e melhoria dos serviços

Manifestações de protesto contra o aumento das tarifas aéreas ocorreram em 438 municípios brasileiros em todo o país. Os atos foram realizados em cidades de diferentes portes, desde grandes metrópoles até pequenas localidades. Os manifestantes exigem a redução das tarifas e a melhoria dos serviços aeroportuários. O protesto em São Paulo foi o mais expressivo, com milhares de pessoas participando. Outros atos ocorreram em Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo. Os grupos convocantes incluem o Partido Socialista e o Partido Comunista. Os manifestantes esperam que os atos pressionem o governo a rever as tarifas e a melhorar a infraestrutura aeroportuária.

Manifestantes de SP

Protesto em São Paulo exigiu redução de tarifas e melhoria dos serviços

O protesto realizado em São Paulo nesta manhã foi o mais expressivo, com milhares de pessoas participando. Os manifestantes exigem a redução das tarifas e a melhoria dos serviços aeroportuários. O ato começou às 8h e se prolongou até as 12h. Durante o protesto, os manifestantes cantaram e seguravam cartazes com mensagens de protesto. O aeroporto ficou fechado por cerca de duas horas, afetando milhares de passageiros. A situação foi controlada pela polícia após o término do protesto às 12h. Os voos foram retomados com atrasos significativos.

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130622>

Imagem 30: Edição Carta Maior 24/06/2013.



Fonte: <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/no-rastroda-nova-direita>

A capa da edição do O Globo do dia 24 de junho de 2013 trazia o plano de ação de Dilma, diante dos protestos com o anúncio de medidas na área da saúde, convocando uma reunião com governadores. Ainda noticiou que, no dia anterior, tinha ocorrido manifestações em mais de vinte cidades e que as reivindicações se diversificavam cada vez mais. Na página 3 destacava a convocação de governadores e prefeitos para uma reunião para uma ação conjunta para melhoria dos serviços públicos, trazendo várias propostas e pautas que seriam abordados na reunião, como a melhoria da mobilidade urbana, transparência nas contas públicas, combate à corrupção, etc.

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130624>

Ainda notório como esta data foi marcada por reivindicações, reivindicações estas que inclusive foram acaloradas e reforçadas pela presença de grandes empresários, os quais saíram às ruas, fato que é ainda fortemente ressaltado por Júnia Raquel em seu artigo.

Se a direita tradicional brasileira nos últimos tempos praticamente não deixava seus escritórios para operar a política, os novos grupos que ganharam visibilidade nas mobilizações pelo impeachment tiveram a capacidade de movimentar massas que fizeram das ruas um espaço de pressão e demonstração de forças. Reunidos sob o guarda-chuva da retirada de Dilma Rousseff da presidência, e com os aplausos dos partidos tradicionais da direita, as manifestações deram lugar a uma gama de pleitos em gradações diversas de conservadorismo – da intervenção militar ao Estado mínimo, passando por distorções caricatas do Partido dos Trabalhadores (PT) e da esquerda no país⁶⁶.

⁶⁶ JÚNIA, Raquel. No rastro da nova direita. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 12 de set. de 2016. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/no-rastro-da-nova-direita> Acesso em: 20 de ago de 2020.

A capa da edição do dia 25 de junho de 2013, noticiou os acontecimentos na reunião ocorrida no dia anterior com governadores e prefeitos das capitais, e sua proposta para realização de um plebiscito para a instalação de uma constituinte para tratar sobre a reforma política, tema abordado nas páginas da sessão País. Sobre elogios e críticas às propostas da presidenta, a proposta de plebiscito causou polêmicas até mesmo entre aliados, sobre a operacionalidade de uma constituinte exclusiva para o tema, além de considerar que a presidenta Dilma avançou sobre a prerrogativa do Congresso. Os líderes de oposição consideraram que as propostas dificilmente atenderiam às reivindicações das manifestações, com efeitos demorados e transferência de responsabilidades.

A temática da abordagem jornalística da edição muda somente na página 11, noticiando o encontro da presidenta Dilma Rousseff com a liderança do MPL, os quais declaram que a presidenta apresentava um claro despreparo para a discussão sobre o transporte público do país e que a tarifa zero não era viável. Notoriamente, o jornal tenta vincular o MPL aos partidos esquerdistas, expressão esta utilizada pelos próprios jornais ao noticiar que o movimento se uniria aos atos que aconteceriam na periferia de São Paulo com bandeiras de esquerda. Na mesma página, na lateral em outra reportagem o ex-ministro da justiça José Carlos Dias, do governo de Fernando Henrique Cardoso, falava da apropriação das manifestações pelos movimentos de direita.

Dilma propõe Constituinte e cria polêmica com Congresso e STF

Presidente sugere plebiscito para reforma política profunda e punição da corrupção como crime hediondo



Em uma reunião com o presidente Dilma Rousseff, o presidente do STF, Joaquim Barbosa, afirmou que não há possibilidade de uma reforma política profunda...

Outros pactos: Mobilidade urbana, Saúde, Educação

Dois mortos em protesto de Goiás



Dois mortos em protesto em Goiás, segundo autoridades locais. O protesto ocorreu em frente ao Palácio da Assembleia Legislativa...

REATOR SOCIAL, MEMÓRIA DO ROCK, TECNOLOGIA NACIONAL

A cartada de Dilma

Presidente propõe pacto nacional e plebiscito sobre Constituinte para reforma política



Em uma reunião com o presidente Dilma Rousseff, o presidente do STF, Joaquim Barbosa, afirmou que não há possibilidade de uma reforma política profunda...

Outros pactos: Mobilidade urbana, Saúde, Educação

Dois mortos em protesto de Goiás



Dois mortos em protesto em Goiás, segundo autoridades locais. O protesto ocorreu em frente ao Palácio da Assembleia Legislativa...

REATOR SOCIAL, MEMÓRIA DO ROCK, TECNOLOGIA NACIONAL

Proposta de plebiscito causa polêmica até entre aliados

Para grupo de parlamentares, Dilma avança sobre funções de Congresso



Em uma reunião com o presidente Dilma Rousseff, o presidente do STF, Joaquim Barbosa, afirmou que não há possibilidade de uma reforma política profunda...

6% É O QUE VOCE ECONOMIZA. Cartão de crédito com benefícios.

O risco de manipulação

Em uma reunião com o presidente Dilma Rousseff, o presidente do STF, Joaquim Barbosa, afirmou que não há possibilidade de uma reforma política profunda...



Em uma reunião com o presidente Dilma Rousseff, o presidente do STF, Joaquim Barbosa, afirmou que não há possibilidade de uma reforma política profunda...

6% É O QUE VOCE ECONOMIZA. Cartão de crédito com benefícios.

Imagem 33: Edição O Globo 25/06/2013.

Terça-feira, 25.6.2013 | País | O GLOBO

O BRASIL NAS RUAS

MPL: governo está despreparado para debater transporte coletivo

Dilma recebeu, em Brasília, movimento que forçou queda da tarifa em São Paulo

AVINÍO DE SOUZA, PAULO CELSO PEREIRA, LUIZA D'AMÉ e SÉRGIO RICOZ opa@oglobo.com.br

BRASÍLIA e SÃO PAULO. Após a primeira reunião entre a presidente Dilma Rousseff e representantes do Movimento Passe Livre (MPL), os manifestantes que pararam São Paulo nas duas últimas semanas receberam a promessa de diálogo contínuo e afirmaram que a presidente está despreparada para debater a situação do transporte coletivo no país. Um dos integrantes do movimento chegou a dizer que a reunião foi insatisfatória e que as manifestações nas ruas continuam. Segundo outro integrante do MPL, a presidente disse que é inviável a principal bandeira do grupo: a tarifa zero para o transporte público. Quatro integrantes do movimento estiveram no Planalto, com passagem e hospedagem pagas pela União. Antes do anúncio dos cinco pacos para atender às demandas populares, Marcelo Holtinsky, coordenador do MPL, afirmou que a presidente disse compreender o transporte público como um direito e falou que trabalharia pelo controle social dos gastos em transporte.

— A gente viu a Presidência completamente despreparada. Eles não mostraram nenhuma pauta completa para modificar a situação do transporte no país, que é de fato muito precária. Eles mostram uma incapacidade muito grande de entender a pauta do momento, falam que vão estudar e abrem este canal de diálogo — disse Holtinsky.

Mayara Vivian, do MPL de São Paulo, disse que é importante ter diálogo com a Presidência, mas que isso não basta: é preciso ter medidas concretas. Para a integrante do MPL, a presidente falou da inviabilidade da tarifa zero para o transporte público.

— [A presidente] disse da inviabilidade [da tarifa zero], mas para a gente é uma questão política e não uma questão técnica. Se tem dinheiro para construir estádio, tem dinheiro, sim, para tarifa zero. Se tem dinheiro para Copa do Mundo, tem di-



No Planalto. Marcelo Holtinsky representou o MPL.

nheiro, sim, para a tarifa zero — afirmou Mayara.

Pelo governo, o ministro Agualdo Ribeiro afirmou que esta é a primeira de várias reuniões com o movimento. Disse também que uma das propostas discutidas foi a municipalização da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide), que incide sobre os combustíveis. Essa é um pleito dos prefeitos a fim de ter mais recursos para investir no transporte público. Já a discussão da tarifa zero ficará para outro momento.

— Essa é um discussão que se fará em outro horizonte de prazo, até porque o sistema de transporte tem um custo. É a questão de grandeza é alocar, saber como se pagará essa grandeza — disse Agualdo.

Segundo ele, apenas reduzir a tarifa não basta se a qualidade do serviço continuar a mesma.

— Não adianta reduzir a tarifa fazendo com que o usuário leve o mesmo tempo no transporte que se tem hoje. Ou seja, você tem um transporte de má qualidade. Investir em infraestrutura é também reforçar a política de nível do serviço, de qualidade do serviço no transporte público coletivo — sustentou o ministro.

MOBILIZAÇÃO NA PERIFERIA DE SÃO PAULO

Depois de anunciar que não convocaria novas manifestações após a suspensão do reajuste da tarifa do transporte coletivo em São Paulo, o MPL participou hoje de três protestos que serão realizados na periferia da capital. O objetivo é deixar claras as bandeiras de esquerda do movimento. Nas manifestações de hoje, serão defendidos: a desmilitarização e o fim da violência policial; saúde e educação em padrão Fifa; controle sobre o valor dos aluguéis; tarifa zero no transporte público; e redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais.

Esses protestos não serão organizados diretamente pelo MPL, mas estão sendo divulgados na página do movimento no Facebook. Até as 20h de ontem, 6,6 mil pessoas haviam confirmado presença nas manifestações.

“Quem não luta pelos trabalhadores não nos representa”, diz a página de convocação para os protestos previstos para começar às 7h. Os pontos escolhidos para a reunião são uma estação de metrô, uma estação de trem e uma praça, todas em bairros carentes da cidade.

A organização é de responsabilidade das organizações Periferia Ativa, Resistência Urbana e Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). “O fato de alguns grupos estarem tentando desviar a luta para objetivos abstratos e pouco claros não deve impedir os trabalhadores e a juventude da periferia de ir às ruas”, afirma o anúncio de convocação na internet. ■

Ex-ministro diz temer que direita se aproprie de atos

José Carlos Dias defende que reforma política seja o principal foco de novas mobilizações

SÃO PAULO. A adoção de bandeiras distintas, muitas delas em defesa de causas opostas, nas manifestações que ocorrem em todo o país tem preocupado o jurista José Carlos Dias, membro da Comissão Nacional da Verdade. Após reunião com familiares de vítimas da ditadura militar, na capital paulista, o ex-ministro da Justiça do governo Fernando Henrique Cardoso reconheceu que teme a possibilidade de movimentos de direita se apropriarem dos protestos populares. Ele ressaltou, contudo, que o objetivo das manifestações neste momento é pela realização de uma reforma política, tema no qual acredita que possa haver avanços.

— Eu tenho medo de que, eventualmente, isso possa acontecer, que a direita se aproveite desse trabalho importantíssimo, que são as manifestações. Eu tenho muitas preocupações de que, realmente, possam se aproveitar disso. Mas eu acho que o protesto é contra a situação do país, por uma reforma política. Acho que vamos caminhar no sentido disso — afirmou o jurista.

Com a conquista da redução das tarifas de ônibus, na semana passada, as manifestações passaram a adotar bandeiras diferentes em todo o país. Na periferia de São Paulo, por exemplo, o foco tem sido pelo fim da violência policial e por melhorias nas áreas da saúde e da educação. Na Avenida Paulista, contudo, as críticas se referem à Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 37, que tira do Ministério Público o poder de investigação, e ao governo federal. Há manifestantes que pedem, inclusive, o impeachment da presidente Dilma Rousseff. ■

Na capa da edição do dia 26 de junho o jornal noticia que a Câmara dos Deputados tinha rejeitado a PEC 37, que limitava o poder de investigação do Ministério público e era uma das principais bandeiras pautadas nas manifestações, derrubada por 430 votos a 9, e que a presidenta Dilma recuava na proposta da instituição de uma constituinte para a reforma política após forte reação do meio jurídico e político contra a proposta. No entanto, a presidenta manteve a proposta do plebiscito sobre o tema e deveria enviar mensagem ao Congresso propondo a consulta popular antes das mudanças valerem para as eleições de 2014, sendo assim, obteve aval do PMDB, principal aliado do PT, e do Presidente do Supremo Tribunal Federal, o Ministro Joaquim Barbosa, que defendeu a criação de *recall* para políticos, permitindo a expulsão de autoridades que não fizessem jus aos mandatos pela sociedade.



Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130626>

A proposta da constituinte repercute de maneira negativa nas páginas 3,4,5,6,7, e 8 da edição, chegando a ser classificada como “Golpe de Estado”. O senador Francisco Dornelles (PP-RJ) classificou a proposta de Dilma de “Metodologia chavista”. Segundo o senador, a presidenta criou uma “instabilidade jurídica” ao lançar a proposta:

Um plebiscito sobre uma Constituinte exclusiva sobre reforma política é metodologia chavista, uma metodologia chavista, uma metodologia Hugo Chávez, usada na Venezuela. Hoje, é um plebiscito para uma Constituinte exclusiva para votar uma reforma dos poderes, da Organização do Estado, uma reforma da ordem econômica, da ordem social. Considero que Constituinte exclusiva tem o seguinte nome: golpe de Estado.⁶⁷

⁶⁷ O GLOBO. **Para Dornelles, proposta de Dilma convocar Constituinte tem 'metodologia chavista'**. 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/para-dornelles-proposta-de-dilma-convocar-constituente-tem-metodologia-chavista-8808793>. Acesso em: 20 ago. 2022.

Quarta-feira, 26 de Junho de 2013

Pais

O BRASIL NAS RUAS

Aposta no plebiscito

Oposição das classes política e jurídica faz Dilma desistir de Constituinte exclusiva



Relevo em cena: Dilma em reunião do STF no Palácio do Planalto em 16 de Junho. Ela também esteve presente na sessão de abertura da Comissão Especial para avaliar o projeto de lei que cria o plebiscito

Brasil Dilma Rousseff decidiu apostar no plebiscito para aprovar o novo texto constitucional. A decisão foi tomada após uma reunião com o Conselho de Estado, no Palácio do Planalto, na tarde de ontem (25). A presidente também participou de uma reunião com o Conselho de Estado, na tarde de ontem (25). A decisão foi tomada após uma reunião com o Conselho de Estado, no Palácio do Planalto, na tarde de ontem (25).

Ideia surgiu no domingo

Dilma Rousseff decidiu sobre o plebiscito após longo dia de conversas com ministros

Brasil A ideia de fazer um plebiscito para aprovar o novo texto constitucional surgiu no domingo (24), após uma reunião com o Conselho de Estado, no Palácio do Planalto, na tarde de ontem (25). A presidente também participou de uma reunião com o Conselho de Estado, na tarde de ontem (25).

Caminhos possíveis da reforma

1. Plebiscito em 2014
2. Assembleia Constituinte em 2014
3. Assembleia Constituinte em 2015
4. Assembleia Constituinte em 2016
5. Assembleia Constituinte em 2017

Quarta-feira, 26 de Junho de 2013

Pais

O BRASIL NAS RUAS

Ministros do STF discordam sobre convocar a Constituinte

Gilmar Mendes diz que proposta é juridicamente inviável; Barroso defende Constituinte reformadora



Brasil Os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) discordam sobre convocar a Assembleia Constituinte para aprovar o novo texto constitucional. O ministro Gilmar Mendes diz que a proposta é juridicamente inviável, enquanto o ministro Barroso defende a convocação de uma Constituinte reformadora.

Você decide

A decisão da presidente Dilma de convocar uma Assembleia Constituinte para aprovar o novo texto constitucional é juridicamente inviável, diz o ministro Gilmar Mendes. Ele afirma que a proposta é juridicamente inviável porque a Assembleia Constituinte não pode ser convocada sem a aprovação do Congresso Nacional.

O plebiscito

A ideia de fazer um plebiscito para aprovar o novo texto constitucional surgiu no domingo (24), após uma reunião com o Conselho de Estado, no Palácio do Planalto, na tarde de ontem (25). A presidente também participou de uma reunião com o Conselho de Estado, na tarde de ontem (25).

O papel do Supremo Tribunal Federal na reforma política

O STF tem um papel fundamental na reforma política, pois é responsável por garantir a constitucionalidade das leis e atos administrativos. A reforma política proposta pelo governo Dilma Rousseff prevê a criação de uma Assembleia Nacional Constituinte para aprovar o novo texto constitucional.

Quarta-feira, 26 de Junho de 2013

Pais

O BRASIL NAS RUAS

Barbosa defende 'recall' para políticos

Sociedade teria o direito de expulsar autoridades que não fizerem aos mandatos a eleger novo ocupante



Brasil O ministro do STF, Barbosa, defendeu a criação de um mecanismo de "recall" para políticos, permitindo que a sociedade expulsasse autoridades que não cumprissem seus mandatos. Ele afirmou que a sociedade teria o direito de expulsar autoridades que não fizerem aos mandatos a eleger novo ocupante.

Medida como essa tem efeito muito claro de criar identificação entre eleitor e eleitorado

Barbosa defendeu a criação de um mecanismo de "recall" para políticos, permitindo que a sociedade expulsasse autoridades que não cumprissem seus mandatos. Ele afirmou que a sociedade teria o direito de expulsar autoridades que não fizerem aos mandatos a eleger novo ocupante.

Fonte: https://acervo.globo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130626

É válido reforçar como houve uma retórica muito forte por parte do PMDB ante as propostas feitas por Dilma no período. Havia um forte apelo pelo PMDB na época, o qual via este momento de instabilidade política como um ponto alto para com sua proatividade angariar a força política para comandar o país nos anos seguintes.

Estas premissas não se mostraram efetivamente frutíferas ao longo dos anos seguintes, entretanto, o forte ativismo fomentado pelo partido contra o governo Dilma realmente se mostrou significativas e parte importante para o desenvolvimento de todo o processo que se seguiu.

Logo, na página 10 do jornal *O Globo* registra-se as reivindicações nas manifestações que são temas comuns na mídia, abordados com frequência há anos, como: os gargalos nos transportes públicos, a falta de recursos para a saúde e educação, a impunidade dos corruptos, a crescente desilusão com políticos e partidos e o estouro do orçamento da Copa do Mundo, são alguns temas abordados diversas vezes pela mídia, e agora, ganhava voz nas ruas e nos milhares de cartazes exibidos nas manifestações.

Segundo a reportagem, essas manifestações mostravam a relação que tem se desenvolvido entre as chamadas novas mídias, como as redes sociais e a mídia tradicional. Apesar das manifestações terem sido articuladas fora da mídia tradicional, ela se nutre das informações e opiniões de seus participantes, e se torna uma instância verificadora para investigar e publicar os fatos de forma organizada.

10 | O GLOBO | País | Quinta-feira 26.6.2013

O BRASIL NAS RUAS

Alvos de protestos são temas comuns na imprensa

Manifestantes pelo país exigem nas ruas soluções para mazelas que jornais, revistas e sites de notícia abordam com frequência há anos

A histórica e infêlita onda de protestos que se espalhou pelo país nas últimas duas semanas cobra soluções para questões que há anos estão nas páginas e nos sites dos veículos de comunicação: os gargalos nos transportes, a falta de recursos para Saúde, os resultados preocupantes na Educação, a impunidade dos corruptos, a crescente desilusão com políticos e partidos e o estouro do orçamento na organização da Copa do Mundo são alguns temas que foram

tratados em inúmeras reportagens. E, agora, ganham as ruas na voz dos manifestantes e nos milhares de cartazes por eles exibidos.

Essas manifestações mostram a relação que tem se desenvolvido entre as chamadas novas mídias, como as redes sociais, e a mídia tradicional, avalia o professor e diretor do Centro Knight para Jornalismo nas Américas, Rosenthal Calmon Alves:

— Apesar de o movimento ter sido articulado fora da mídia tradicional, ele se nutre não só das informações e opiniões de seus participantes, mas também, em grande medida, se nutre do jornalismo. Há uma relação simbiótica inegável entre as redes sociais e o jornalismo profissional — diz ele. — O jornalismo se torna ainda mais importante como uma instância verificadora, profissionalmente preparada para investigar e publicar os fatos de uma maneira organizada.

Gastos com a Copa

Torcida contra. Gastos com organização da Copa na mira dos protestos

ESTÁDIOS

Obra do Maracanã passa de R\$ 1 bilhão

MARACANÃ NAS ALTURAS: Atenção à disparada dos custos das obras relacionadas à Copa do Mundo de 2014. O GLOBO mostrou, em 8 de maio deste ano, que a reforma do Maracanã, orçada inicialmente em R\$ 600 milhões, já tinha absorvido praticamente o dobro, R\$ 1,045 bilhão. Dois dias depois, o EXTRA destacou que o estádio começaria a ser construído no mundo inteiro e que mais usariam dinheiro público na sua construção. Ainda em maio, O GLOBO apontou o destino mais provável de vários estádios construídos para a Copa: tornarem-se elefantes brancos.

Saúde

Go! saudável. Fita, à sua revelia, vira garota-propaganda em protestos

Educação

Voto de fé. Cartaz, em Brasília, alude à situação precária dos professores

Corrupção

Ela, sempre ela. A corrupção é um dos principais alvos dos manifestantes

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130626>

Na edição do dia 27 de junho, em destaque na sua capa intitulada: “Sob pressão, Senado torna corrupção crime hediondo”, o projeto de lei 204/2011⁶⁸ aprovado, institui a corrupção passiva e ativa como crimes hediondos. O projeto de lei tramitava no Senado Federal desde 2011, e subitamente foi retomado e aprovado no mesmo dia. Em menor destaque, noticiou a manifestação ocorrida em Belo Horizonte com aproximadamente 50 mil pessoas, enfatizou que um grupo de baderneiros entrou em confronto com a Polícia Militar, atacando carros e lojas. E que as manifestações no Rio de Janeiro e em Brasília, reivindicaram contra o projeto da “Cura gay”⁶⁹, seguindo a desconexão dos atos violentos ao conteúdo político. Na

⁶⁸ Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/100037/>. Acesso em 25 de mar. 2022.

⁶⁹ Projeto de lei 234/2011, que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idproposicao=505415>. Acesso em: 25 mar. 2022.

mesma edição, na sessão País, era tomada em todas suas páginas pelas diversas respostas estatais para as reivindicações das manifestações.

Imagem 38: Edição O Globo 27/06/2013.

O GLOBO

QUINTA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 2013 ANO LXXXVIII - Nº 23879 Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho RIO DE JANEIRO oglobo.com.br

O BRASIL NAS RUAS

Sob pressão, Senado torna corrupção crime hediondo

STF manda prender deputado e complica mensaleiros; CCJ da Câmara derruba voto secreto em cassações

O Senado aprovou ontem um projeto de lei que torna corrupção crime hediondo, equiparando-o, por exemplo, a estupro. A proposta tramitava desde 2011, mas, novamente em reação aos protestos que tomaram conta do país, foi aprovada em votação simbólica, com a concordância de todos os partidos. O texto ainda precisa passar pela Câmara, mas o presidente da Casa, Henrique Alves (PMDB-RN), disse que pretende votá-lo o mais rápido possível. A aprovação ocorreu no mesmo dia em que o Supremo Tribunal Federal (STF), numa decisão inédita desde a redemocratização do país, determinou a prisão de um parlamentar — o deputado Natan Donadon (PMDB-RO), condenado em 2010 por formação de quadrilha e peculato. O caso abre precedente contra parlamentares condenados no mensalão, que podem também ter a prisão decretada imediatamente após o julgamento dos recursos. A Comissão de Constituição e Justiça da Câmara aprovou a admissibilidade da Proposta de Emenda Constitucional que acaba com o voto secreto na cassação de mandatos. **PÁGINAS 8 e 12**

Em BH, 50 mil vão às ruas; 'cura gay' vira alvo

Enquanto a bola rolava no Mineirão, cerca de 50 mil pessoas promoviam ato nas ruas da capital mineira para pedir melhores serviços públicos. Um grupo de badernaes entrou em confronto com a PM e atacou carros e lojas. No Rio e em Brasília, houve protestos contra o chamado projeto da "cura gay". **PÁGINAS 11 e 12 e editorial 'A manipulação do plebiscito'**

Rumor, à esquerda, em sua posse no STF, conversa com Henrique Alves. O ministro pediu atenção às vozes das ruas

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130627>

Na página 12, a reportagem do *O Globo* trazia detalhes sobre a manifestação ocorrida em Belo Horizonte, que aconteceu nas mediações do estádio Mineirão. No início a reportagem destacava a ação do grupo de “vândalos” que entraram em confronto com a Polícia Militar, no começo do jogo entre Brasil e Uruguai pela Copa das Confederações. A manifestação com cerca de 50 mil pessoas ocorria de forma pacífica, até um grupo tentar furar o cordão de isolamento de segurança do estádio. Ao centro da página, uma da reportagem com o título: “Nem tão conciliador” falando sobre uma segunda grande manifestação na capital mineira, agora com crianças e idosos que começaram a se reunir em torno da Praça Sete de Setembro, e cobravam do governador mineiro Antônio Anastasia mais investimento na educação, gritando: “Um professor vale mais que Neymar”. O jornal ainda fez questão de mencionar que o jogador era pago pelo Barcelona e não com o dinheiro público. É

importante ressaltar que neste momento de 27 de junho de 2013 ainda é notável como Dilma ainda não era o alvo principal das manifestações populares, mas tinha se indisposto com o Congresso ao tentar responder aos anseios difusos das ruas. A população se posicionava de maneira tanto quanto questionável, ainda não avia um objetivo final, “davam tiros para todos os lados” na busca por um culpado, mas de forma ainda muito desordenada e pouco crível em grande parte.

O jornal O Globo ainda salientou que as construções dos estádios acabaram sendo subsidiadas pelo BNDES, e que o país “dormiu” nos anos em que o projeto da Copa poderia ser discutido. Agora, os manifestantes estavam dispostos a jogar o evento no lixo. E por mais que fossem as cobranças contra a presidenta Dilma e ao governador Anastasia, a insatisfação também se voltava contra o ex-governador Aécio Neves (PSDB).

Imagem 39: Edição O Globo 27/06/2013 - página 12.

12 | O GLOBO | País | Quinta-feira 27 de junho de 2013

O BRASIL NAS RUAS

Vândalos provocam destruição em Minas

Grupo aproveitou marcha pacífica com 50 mil pessoas para atacar PM e incendiar carros e o comércio

REPORTAGEM DE FÁBIO BRUNO
fabio@oglobo.com.br

BELO HORIZONTE. Um grupo de vândalos, a maioria com os rostos encobertos, voltou a entrar em confronto com a Polícia Militar (PM) de Minas perto do Estádio do Mineirão, no início do jogo entre Brasil e Uruguai pela semifinal da Copa das Confederações. O ato, com 50 mil pessoas, de acordo com a Polícia Militar, ocorreu em clima pacífico até arrastados tentarem, mais uma vez, furar o cordão de isolamento de segurança do estádio. O grupo lançou bombas caseiras, pedras e bolas de chumbo.

Um homem de 21 anos despenhou do Viaduto José Alencar, caindo de entre duas quadras, e foi levado para o hospital em estado grave. Outras cinco pessoas ficaram feridas. A PM contra-atacou com uma salva de bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha. Concessionárias de veículos foram invadidas e lojas nas fachadas depredadas. Pelo menos um veículo foi incendiado.

Até as 20h30m de ontem, 25 pessoas haviam sido presas por atos de vandalismo. A passeata pacífica chegou na Praça Sete, no Centro, até o cruzamento das avenidas Presidente Antônio Carlos e Abrahão Carmo, nas proximidades do Mineirão. Formada na maioria por estudantes, a multidão percorreu de forma pacífica o trajeto de 12km. Na terça-feira, autoridades de segurança previam uma manifestação sem precedentes na capital, com mais de cem mil pessoas nas ruas e duro confronto. O governador e o governo estadual decretaram feriado e ponto facultativo do funcionalismo público, respectivamente.

GOVERNO DE MG SUSTENTA QUE CUMPRIRÁ ACORDO
As redondezas do Mineirão já haviam se transformado em palco de guerra no último sábado e na segunda-feira passada. Nas duas oportunidades, o estádio recebeu jogos da competição da Fifa. Mesmo com o previsto de duro confronto e o clima tenso durante todo o dia, a PM desistiu de montar uma barreira de policiais para proteger o limite de segurança de 20m ao redor do estádio.

Nesses locais, a Tropa de Choque é orientada a ficar posicionada. No entanto, em encontro realizado na noite de terça-feira, entre representantes dos manifestantes e o governador Antonio Anastasia (PSDB), no Palácio da Liberdade, pela primeira vez, ficou acertado que grades ítam fazer o isolamento do local. Após o jogo, o comandante da PM, coronel Márcio Sant'Ana, reconheceu que a polícia teve dificuldades para conter os vândalos infiltrados entre os manifestantes perto do estádio. E admitiu que a situação poderia fugir ao controle da tropa.

— Qualquer ação mais brava da Polícia Militar, naquele momento, poderia causar pânico — declarou.

Por meio de nota, o governo de Minas afirmou ter cumprido o acordo firmado com representantes dos manifestantes. “Em relação ao entorno do Mineirão, o entendimento previa a instalação de uma barreira física, com grades, na Avenida Abrahão Carmo, sem a presença de policiais militares, o que foi cumprido pelo governo. Além disso, no local originalmente previsto como ponto de bloqueio das manifestações, os agentes da Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG) seguiram a nova orientação e mantiveram distância considerável dos manifestantes.”

Alinda de acordo com o comunicado, “ficou claro pelas imagens veiculadas pelas emissoras de televisão que grupos minoritários e violentos de vândalos, vários deles encapuçados, agiram no sentido de romper esta barreira, arremessando pedras, paus e bombas caseiras em direção aos policiais militares, que se reagiram para se defender dos ataques”.

Ilustração. Vândalos criam clima de guerra, com arremesso de bombas caseiras e bolas de chumbo, no entorno do Mineirão, após congestionar faixa de isolamento

NEM TÃO CONCILIADOR
O futebol que muda e não ilude
Crianças e idosos iniciaram concentração cedo para fazer segundo grande ato pacífico na capital mineira

PELOMO MOURA GUERROS
pelo@oglobo.com.br

Bem longe do Jorral, Belo Horizonte foi coberta pelo mesmo mar de protestos que varre todo o país democraticamente, apesar das correntes que empurram rumo ao vandalismo. Coberto pela vocação à conciliação política, o movimento desce do muro e volta às ruas, ontem, repetindo o mesmo gesto que varreu Belo Horizonte no sábado.

— Esse minuto que não se manifesta ficou no passado. A gente cansou de ser roubado. O povo é que tem que lutar, se usar a força que tem, ninguém segura — disse o vigilante Alton Sabino, de 39 anos, esperanzoso de que os tra-

balhadores da área de segurança reforçassem a marcha.

Os manifestantes começaram a se reunir em torno da Praça Sete de Setembro logo às 10h, quando decidiram andar por 12km até um dos acessos ao Mineirão. Em torno do obelisco em homenagem aos heróis da Independência, o pirulito, a concentração celebra o lado bom da democracia. Idosos e crianças reforçaram as pontas de uma corrente que une as pessoas no mesmo tempo em que separa plótois tão diferentes.

Com misticismos, coturnos e boinas, uma parte dos manifestantes só emergiu pela frente um cenário de guerra com alguns argumentos mágicos. Em gritos que cobriam do governador Antonio Anastasia mais investimentos na Educação, os estudantes cantavam que um

professor vale mais que Neymar, embora o craque seja pago pelo Barcelona. Não com dinheiro público.

Alis, a construção dos estádios acabou ficando na conta dos estudantes com financiamento subsidiado pelo BNDES. No entorno das arenas, sem o legado prometido, os rostos a insatisfação. O país dormiu nos anos em que o projeto da Copa podia ser discutido. Agora, os manifestantes estão dispostos a jogar o evento no lixo. Nas listas espalhadas pela cidade, o nome da Fifa foi gravado como algo a ser descartado.

Pela liberação dos antibióticos sem receita, de direitos do PPS ou pela volta do tira-gosto no boteco do bairro, que passou a ser serviço entalado, cada um estampou sua insatisfação em cartazes e gritos de guerra. A marcha sem direção afeta a todo poder constituído. Seja governo ou oposição, é difícil saber onde nasce o vento que instalou uma zona de instabilidade.

Por maiores que fossem as cobranças contra a presidenta Dilma Rousseff, a gritaria contra o governador Anastasia botou a insatisfação também no colo do ex-governador e senador Aécio Neves (PSDB). Em meio aos gritos pedindo paz e tolerância, ninguém estava a salvo, nem os antigos concelitos que usam os estádios para separar a lenda da realidade. Se ainda não trouxe as conquistas esperadas, a festa do futebol descartou um belo horizonte na capital mineira. Longe da passividade, Minas agora insinua um mar de gente que clama por mudança. Basta saber se haverá energia para depois que as câmeras forem desligadas.

Ruído mineiro. Manifestantes foram contração de dois quilômetros até um dos acessos ao estádio do Mineirão

Em dia de jogo, novos protestos tomaram as ruas em todo o país

Também no dia 27 de junho de 2013, o Carta Maior fez a publicação de um editorial com o título: “A esquerda não pode parar”, inicia o texto falando que Brasil ingressa num ciclo de turbulência do qual a democracia poderá emergir para uma sociedade mais justa e equilibrada, mas a esquerda não pode piscar. Citando os fatos ocorridos nos anos 50, quando as forças progressistas convocaram as massas e atacaram órgão de imprensa, como o jornal “O Globo”, em resposta a morte de Getúlio Vargas, logo percebeu seu lado no jogo político. E continuou, que assim como no passado, hoje o enclausuramento ideológico ainda pavimentam o caminho da ameaça regressiva.

Um ponto de destaque no período é que por mais que as manifestações tivessem um grande peso sobre todo o processo que resultou no golpe, os jornais não trataram de fomentá-lo abertamente. Os fatos eram apresentados quase que de forma isolada, como que para que se desse a ideia de que as manifestações pouco importaram para o desenvolvimento dos ocorridos.

Ainda no texto, falava-se sobre o volume de investimentos necessários para a logística social, e como uma parte da nação incorporou milhões da parcela pobre da população com o mercado de consumo. E que a recuperação norte-americana estimulava o fim da crise, porém isso complicava o mecanismo de crescimento da periferia do mundo, aprisionando do custo capital, antes, asfixiada pela valorização do Real. Agora, as indústrias brasileiras se tornaram o canal de transmissão da alta do Dólar nos índices de preços, devido às importações, tornando-se uma base do irrealismo cambial, sendo o Brasil o país que importava 25% das manufaturas que consome, consumindo as reservas cambiais, aumentando o déficit comercial.

Isso, somava-se a várias outras vertentes que cobravam respostas, como o combate à inflação que no período era de aproximadamente 5,91%⁷⁰, resgate da industrialização e do progresso tributário, ajustando o câmbio ao consumo do país, “tudo junto e com a mesma prioridade” e a urgência trouxe as manifestações, a economia se tornava mais permeável ao ciclo priorizado pelo conservadorismo. O editorial incorporou aspectos importantes sobre o momento, onde um ajuste

⁷⁰ G1. Inflação oficial fecha 2013 em 5,91%, diz IBGE. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2014/01/inflacao-oficial-fecha-2013-em-591-diz-ibge.html>. Acesso em: 20 ago. 2022.

convencional entra em rota de colisão com a agenda do Estado e democracia social e uma nova coerência econômica teria que ser traçada diante as manifestações.

Também trouxe à memória a luta dos operários do ABC Paulista nos 70/80 e a luta cívica contra a ditadura militar, o que levou ao nascimento do PT e ao ciclo de governos que negociavam entre os dois domínios, o do dinheiro e os dos interesses da população em geral, mesmo assim, o saldo se configurava como um custo intolerável para o Brasil, no lado oposto do braço de ferro. Considerou a falta de regulamentação para o sistema audiovisual, que permitisse a pluralidade e que não entregasse a opinião pública à Rede Globo.

O texto era favorável à proposta da presidenta Dilma para uma reforma plebiscitária, e ressaltava: “- queira ou não-- que a soberania popular é também o único impulso capaz de harmonizar as balizas do novo ciclo de desenvolvimento”⁷¹. E que o momento é histórico para o Brasil, numa luta entre o desenvolvimento contra o neoliberalismo.

Imagem 40: Edição Carta Maior 27/06/2013.



Editorial

A esquerda não pode piscar

Por

27/06/2013 12:51



O Brasil ingressa num ciclo de turbulência do qual a democracia participativa poderá emergir como parteira de uma sociedade mais equilibrada e justa.

Mas a esquerda não pode piscar.

A disputa fratricida, hoje, é o coveiro das esperanças nacionais.

Nos anos 50, um pedaço das forças progressistas só foi perceber o seu lado no jogo quando o povo já incendiava os carros do jornal 'O Globo', em resposta ao tiro com o qual Getúlio encerrou a sua resistência e convocou a das massas.

Fonte: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editorial/A-esquerda-nao-pode-piscar/28900>

⁷¹ LIMA, Venício A. de. A esquerda não pode piscar. In. Carta Maior. 2013. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editorial/A-esquerda-nao-pode-piscar/28900> Acesso em: 25 fev. 2022

CAPÍTULO IV: A MUDANÇA DE POSICIONAMENTO MIDIÁTICO ANTE OS PROTESTOS

A edição d'O Globo do 28 de junho de 2013, trazia mais uma vez estampado na sua capa, as manifestações ocorridas no dia anterior, com sua magnitude reduzida. Os atos ocorreram na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro e concentraram cerca de 5 mil pessoas. Na página 3, noticiava as várias manifestações ocorridas no país, dando ênfase para a participação da União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES), que de acordo com o jornal em reportagem anteriores, eram acusadas de estarem associadas ao Governo Federal e a partidos de esquerdas alinhados com o governo.

Na página 32, da sessão "Mundo" o jornal fez uma reportagem de página inteira sobre as manifestações que aconteceram no Chile, Paraguai e Costa Rica. A foto ilustra o tom de violência pelos manifestantes, que em nenhum momento foram chamados de vândalos, baderneiros ou arruaceiros, como os manifestantes brasileiros. Em uma das fotos da página, aparecem dois jovens atirando coquetéis molotov contra um Instituto de Tecnologia durante o protesto na cidade do Chile.

No dia 29 de junho, na página 4, a edição destacava o encontro da presidenta Dilma com movimentos de jovens afinados com o governo e da comunidade homossexual, onde foi anunciado a criação de um canal de diálogo com a juventude nas redes sociais, chamado "observatório participativo", com lançamento em 8 de julho de 2013. Diferentemente, da impressão de despreparo passada para o MPL pela presidenta, desta vez a presidenta agradou os jovens dos movimentos. Dos 24 representantes presentes no Palácio do Planalto, 10 deles possuíam ligações ou eram diretamente vinculados a partidos como PT, PMDB, PC do B, PSB e do PDT entre outros. Na mesma página, na lateral, a coluna Merval Pereira com título: "O golpe do PT", ele dizia que a reforma política era fundamental para o processo democrático, portanto, o governo de Dilma preferia apresentar o plebiscito sobre a reforma política como a solução para todos os problemas do país e insistir que as eventuais novas regras passassem a valer na eleição de 2014, mesmo tendo ciência que as condições para que isso acontecesse há tempo fossem remotas.

Novas prioridades
BC avisa: PIB será menor e inflação, maior



Que venha a Espanha!
Dignos de 120 milhões brasileiros, eis que o conjunto espanhol na Copa do Mundo...

Fim do lacustismo
IFI de geladeira o nível aumentará

Cuba reaperta
Correntistas vão socorrer bancos

Viagem de Obama
Saudade dos EUA dá sinal de imigrante

NAIB:
FIC, o mais novo imortal

SEGUNDO CABELO
ARQUITETURA INFIMAL

O BRASIL NAS RUAS

Deputado desafia ordem de prisão do STF e some

Barbosa cobra de tribunais julgamento de processos contra crimes de corrupção



MENOS PROTESTOS, E MAIS UM MORTO
Fulgêncio, 70 anos, morreu durante manifestação...

BOA APOSTA
Bases apia plebiscito, e oposição, referendo

COINTELENET
HERNANDEZ VIENNA:
TERRORISMO NA MÍDIA

DESENHO
DENGUE:
TESTE RÁPIDO

ENFERMAGEM NA
CINEMA

Dia de protestos e negociações

Manifestantes retornam atos em todo o país, enquanto políticos tentam dar resposta aos protestos

Apesar de Polícia Federal agir e deputados...
Em Brasília, a União Nacional dos Estudantes...



Em São Paulo, milhares de manifestantes ocuparam o Centro do Rio de Janeiro...

Manifestação pacífica ocupa o Centro do Rio

Milhares de pessoas voltaram a ocupar...
Em Brasília, a União Nacional dos Estudantes...

BOA APOSTA
Bases apia plebiscito, e oposição, referendo

COINTELENET
HERNANDEZ VIENNA:
TERRORISMO NA MÍDIA

DESENHO
DENGUE:
TESTE RÁPIDO

ENFERMAGEM NA
CINEMA

MOBILIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

O grito dos 'hermanos'

Jovens de outros países da região também fazem cobranças a governos e políticos

CHILE

Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia



CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

MOBILIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

O grito dos 'hermanos'

Jovens de outros países da região também fazem cobranças a governos e políticos

CHILE

Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

CHILE
Estudantes ocupam 50 colônias, e depois das confrontos, Pñera defende mais poderes para polícia

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130628>

No entanto, segundo o colunista, a insistência para o plebiscito tinha “boas razões”, pois o “sonho de consumo” do PT seria mudar as regras, com a aprovação das candidaturas em listas fechadas, em que o eleitor votaria apenas na legenda, enquanto a direção partidária indicaria os candidatos eleitos, como isso, o PT teoricamente seria o partido de maior votação, além do financiamento público de campanha. Mesmo antes da Constituinte exclusiva ser abortada, estas já eram reivindicações do PT desde 2007. Ainda na mesma edição, noticiou algumas manifestações em Guarulhos, Brasília, Natal e Porto Alegre, com alguns atos de vandalismo e enfretamento aos policiais.

Horizonte, Brasília, Fortaleza e Salvador, porém, em São Paulo, mesmo não havendo jogos da Copa das confederações, deixou de promover seus atos contra os gastos da Copa de 2014, o que ficou claro nos cartazes das manifestações da capital paulista.

De acordo com o jornal, os gastos para a construção de 12 estádios e as obras em aeroportos e melhorias na mobilidade urbana e de segurança, chegariam a R\$ 28,1 bilhões. Desse total, aproximadamente 85% estavam sendo financiados pelo poder público, bem diferente do que foi dito pelo ministro do esporte Orlando Silva, de que os Estádios para a Copa seriam construídos com dinheiro privado, e não haveria “um centavo do dinheiro público”. O mesmo explicou em entrevista, que o modelo que se defendia não se sustentou por vários motivos e que vai além da cultura empresarial brasileira com as crises entre governo e comitê gestor, ressaltou também, que o evento não gerou apenas gastos, mas também empregos com os investimentos.

Na reportagem, ainda trouxe uma entrevista com o secretário-geral da FIFA, Jérôme Valcke, que admitiu que falaria “uma coisa meio maluca”:

Menos democracia, às vezes, é melhor pra organizar uma Copa. Quando você tem um chefe de estado forte, que pode decidir, como talvez Vladimir Putin, na Rússia, em 2018, é mais fácil para nós, organizadores.⁷²

Essa afirmação serviu como combustível para as críticas sobre a adoção do “padrão FIFA” apenas em estádios e aeroportos, e não em serviços essenciais para a população. Em uma reportagem na lateral da página, com o título: “Quando a rua fala mais alto do que a FIFA”, que agora ao invés de “vândalos”, chama de “delinquentes” os que tentam manchar as manifestações com os atos de vandalismo, e ainda ressaltou, que as autoridades cuidem dos “delinquentes” daqui a um ano, se referindo ao evento da Copa, para que não transforme o Brasil em praça de guerra.

O destaque da página vinha sobre a foto que ilustrava a reportagem central, com jovens vestidos com a camisa da seleção brasileira e rostos pintados de verde e amarelo, estética que ficaria bem conhecida depois, nas manifestações de 2015 e 2016, com pautas conservadoras e de apoio a grande mídia, o que resultaria no

⁷² G1. Valcke: 'Menos democracia, às vezes, é melhor para organizar uma Copa'. 2013. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2013/04/valcke-menos-democracia-vezes-e-melhor-para-organizar-uma-copa.html>. Acesso em: 20 ago. 2022.

impeachment da presidenta Dilma em 31 de agosto de 2016 e que, de 2018 em diante, foi capturado pelo que se convencionou chamar de Bolsonarismo. Na página 16 o jornal trouxe um levantamento, informando os dias, locais, quantidade de manifestantes, e até mesmo os confrontos, prisões e mortes ocorridas nas manifestações durante o mês de junho, destacando o dia 20 de junho de 2013, como simbólico para as manifestações do mês de junho, com a participação de mais de 1.400.000 (um milhão e quatrocentas mil) pessoas.

Imagem 43: Edição O Globo 30/06/2014 - página 14 e 16.

O BRASIL NAS RUAS

Pelo país, a Copa das manifestações

Enquanto milhares de brasileiros vibravam nos estádios, povo se mobilizou para pressionar autoridades

Quando a rua fala mais alto do que a Fifa

Quando a rua fala mais alto do que a Fifa, quando a manifestação se torna um ato de resistência política, quando a população se mobiliza para exigir mudanças reais, quando a manifestação se torna um ato de resistência política, quando a população se mobiliza para exigir mudanças reais...

DOMINGO DIA DE JOGO

Do futebol ao protesto, sem escalas

Enquanto, jovens se rendem à seleção e o país vive conflito entre a paixão pelo esporte e a contenciosa política...

O BRASIL NAS RUAS

Um mês para não esquecer

O mês que será a Copa das Confederações chega ao fim como o mês das ruas, mês de lutas, por uma taxa de ônibus mais baixa, Junho de 2013 entrou para a História recente do Brasil.

DATA	CIDADES	MANIFESTANTES	CONFRONTOS	MORTES	PRISÕES
06	Brasília	5.000	3	0	4
07	Brasília	5.000	1	0	0
10	Brasília	16.000	2	47	0
11	Brasília	10.000	1	0	0
13	Brasília	20.000	2	0	137
14	Brasília	24.000	2	0	0
16	Brasília	2.500	2	30	0
17	Brasília	276.000	7	27	0
18	Brasília	11.000	2	0	0
19	Brasília	139.000	5	49	0
20	Brasília	1.400.000	19	25	0
21	Brasília	161.000	8	32	0
23	Brasília	32.500	3	62	0
24	Brasília	35.000	3	15	0
25	Brasília	58.000	0	0	0
26	Brasília	95.000	3	27	0
27	Brasília	36.000	4	80	0
28	Brasília	12.500	3	34	0

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130630>

Em 2014, ano da Copa do Mundo no Brasil, no dia 30 de junho, a quatro semanas do evento, movimentos sociais, sindicatos e sem-teto foram às ruas de grandes cidades brasileiras mostrarem a insatisfação contra a Copa. O Globo, na sua edição de 16 de maio de 2014, na página 3, salientou que as manifestações não tiveram a mesma repercussão de junho de 2013, mesmo ocorrendo de diversas cidades, mas o dia foi intitulado como “O dia internacional de lutas contra a Copa”⁷³.

⁷³ AGENCIA BRASIL. **Movimentos fazem ato contra a Copa do Mundo**. 2014. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-05/mais-de-12-mil-confirmam-presenca-em-protestos-contra-copa-do-mundo>. Acesso em: 23 ago. 2022.

Ainda na mesma edição, na página 6, o jornal destacou a visão da Copa do Mundo pela imprensa internacional, com o *Der Spiegel* uma das revistas mais importantes da Alemanha, o site do jornal *El País*, da Espanha e a revista inglesa de *The Economist*. Trazendo a foto de capa da *Der Spiegel* sob o título "Morte e jogos", que destacou em sua reportagem os atrasos nas obras, das insatisfações dos brasileiros com os altos custos do evento e as prováveis manifestações nas cidades que sediariam os eventos.

O *El País* tratou da insatisfação dos brasileiros com a Copa referindo-se à pesquisa do Centro Universitário do Rio de Janeiro, Unicarioca, que mostrava que somente 55% da população do Rio de Janeiro apoiavam a seleção brasileira. O site do *The Economist* dizia que a Copa mostrava que o improvisto ainda era uma marca do Brasil e que, a menos de um mês dos jogos, os organizadores lutavam para ter tudo pronto.

Imagem 44: Edição O Globo 16/05/2014 - página 1 e 3.

ENQUANTO A COPA NÃO VEM

Protestos movidos a grevistas e sem-teto

Atos de sindicatos reúnem mais manifestantes do que os contra o Mundial

Manifestações realizadas contra a Copa não repetiram a mobilização de junho do ano passado e encontram menos pessoas do que os atos organizados por sindicatos e movimentos sociais em protestos por salários ou moradia. Houve manifestações em 18 cidades, em nove delas contra o Mundial. A de maior adesão foi em São Paulo, com 6 mil pessoas. Também na capital paulista, população grupo de black blocs depredou uma loja de cartões. A presidente Dilma Rousseff apelou para a hospitalidade dos brasileiros na Copa. **MANEIRA 4**

Der Spiegel teme violência, e 'The Economist' diz que Brasil ainda é terra do improvisto

Os protestos contra a realização da Copa do Mundo no Brasil ganharam repercussão internacional. A um mês dos jogos, a revista 'Der Spiegel', a mais importante da Alemanha, e o site do jornal 'El País', da Espanha, e a revista inglesa 'The Economist' trazem reportagens sobre a insatisfação dos brasileiros com a realização dos jogos. A mais contundente é a reportagem da 'Der Spiegel', que traz em sua capa uma imagem da bola oficial do torneio caindo em chamas sobre o Rio de Janeiro, sob o título "Morte e jogos". Em três reportagens, que somam dez páginas, o semanário apresenta um retrato dos anosos nas obras, da insatisfação dos brasileiros com os altos custos do evento e dos prováveis embates nas ruas das cidades sede. Segundo o texto, justamente no país do futebol, a Copa do Mundo pode vir um fiasco por conta de "protestos, greves e tiros em vez de festa". O jornalista escreve que, enquanto os alemães estão comprando camisetas da sua seleção, nas favelas do Rio, po-

DER SPIEGEL

TOD UND SPIELE

"Morte e jogos", Der Spiegel destaca vitórias locais e traficantes se enfrentam de maneira sangrenta. Em São Paulo, gangues que nem tinham ódio entre si se mataram. A 'Der Spiegel' indaga ainda se o país viveu uma onda de violência como a seleção brasileira não ganhou: "Os jogos vão terminar em pancadaria nas ruas? Políticos e funcionários da Fifa serão perseguidos por uma maldição enfeiteada?". O site da 'The Economist' diz que a Copa mostra que o improvisto ainda é

uma marca do Brasil e que, a menos de um mês dos jogos, os organizadores lutam para ter tudo pronto a tempo. Ele cita que, no aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, um novo terminal foi aberto, mas somente oito companhias aéreas vão utilizá-lo, e não as 25 previstas. O site também diz que o secretário-geral da Fifa, Jerome Valcke, descreveu que liderar com autoridades brasileiras é infernal.

O espanhol 'El País' trata da insatisfação dos brasileiros com a Copa e cita pesquisa da Unicarica que mostra que somente 55% da população do Rio de Janeiro apoiaria a seleção brasileira. O texto lembra que, na última Copa, na Alça do Sul, as ruas do Rio estavam enfeitadas com bandeiras e cartazes de apoio à seleção, o que não se repete agora. No entorno do Maracanã, diz a publicação, há poucos postes pintados de verde e amarelo. Em Copacabana e Ipanema, não há qualquer decoração especial.

Os protestos de ontem contra a realização da Copa foram abordados pelo site do jornal 'The New York Times', que disse que centenas de pessoas, incomodadas com os bilhões de reais gastos para sediar a competição, protestaram em São Paulo, perto do Itaquera, um dos estádios construídos para o Mundial.

ONDE FORAM OS PROTESTOS

Mapa do Brasil mostrando locais de manifestações em 18 cidades: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Brasília, Recife, Salvador, Fortaleza, Manaus, Porto Alegre, Goiânia, Belo Horizonte, Curitiba, Brasília, Recife, Salvador, Fortaleza, Manaus, Porto Alegre, Goiânia.

Após um ano, adesão menor

Sem repetir a força de 2013, atos contra o Mundial reuniram menos gente do que os de sindicatos

Quase mil pessoas foram presas em São Paulo durante o protesto. O governador anunciou que não haverá mais jogos de futebol em São Paulo. O governador anunciou que não haverá mais jogos de futebol em São Paulo.

QUEREMOS ESCOLAS MELHORES E HOSPÍTAIS PARA TODOS

Manifestações em São Paulo para garantir a Copa

Manifestações em São Paulo para garantir a Copa

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140516>

Na edição do dia 13 junho de 2014, o jornal noticiava na página 15, sobre a cobertura da imprensa internacional, que tentava compreender a abertura do evento, entre a paixão e os protestos. Na página 16 reportava o primeiro dia da Copa do

Mundo, que foi marcado por inúmeras manifestações contra o evento em várias das cidades-sede. Em São Paulo, cidade-sede da partida de abertura, a Polícia Militar reprimiu violentamente os manifestantes. Além disso, durante a cerimônia de abertura da Copa, na Arena Corinthians, a presidenta Dilma Rousseff foi vaiada por torcedores presentes no estádio por vários minutos. Apesar da relutância das pessoas em relação à Copa do Mundo, os níveis de satisfação foram positivos. A mídia começou a elogiar a competição e jornalistas internacionais citaram a Copa do Mundo de 2014 como o maior e melhor torneio de todos os tempos, mesmo em meio a “alguns” protestos, bem como era afirmado pela mídia.

Imagem 45: Edição O Globo 13/06/2014 - página 15 e 16.

Sexta-feira 13 de Junho de 2014

Cobertura estrangeira, entre a paixão e os protestos

Mídia internacional se esforça para entender abertura, que teve alegria e raiva nas ruas do país

“Vai ter Copa mas no primeiro dia também já houve feridos”, sintetizou o jornal português, “Público”, em um dos vários esboços da mídia internacional para dar conta dos confrontos anti-Copa posos antes do jogo do país-sede contra a Croácia. O “Financial Times” resumiu dizendo que a Copa do Mundo começava no Brasil entre a “alegria e a raiva”. Citando a greve dos servidores, a invasão por hackers de sites do governo e o conflito entre policiais e manifestantes em São Paulo, o jornal britânico publicou: “Apesar desses incidentes, a excitação começa a tomar conta do país latente por futebol”. A CNN também investiu na dualidade do dia e destacou em sua página: “Brasil joga com a Croácia em um dia cheio de surpresas. Todo o drama e as cores do Brasil”. O francês “Le Figaro” notou que o principal conflito em São Paulo ocorreu após manifestantes “tentarem bloquear uma avenida que ia em direção à Arena Corinthians, onde é o jogo entre Brasil e Croácia”. Sobre a abertura da Copa, o “El Mundo” destacou que Dilma foi vaiada por “milhares de torcedores”. A publicação espanhola escreveu que a violência policial deixou cinco manifestantes e uma jornalista da CNN feridos. O jornal francês ainda que o Movimento Nacional dos Sem-Teto fazia uma Copa do Povo

nas cercanias do estádio, como forma de protesto. “The Wall Street Journal” afirmou na primeira página de seu site que “manifestações dispersaram-se por todo o país”. “The New York Times” destacou que os manifestantes de São Paulo “securavam a polícia de usar força excessiva para conter um pequeno grupo”.

ABERTURA SEMAGEM
O site Mashable fez uma compilação das “17 coisas mais selvagens” da cerimônia de abertura, incluindo o figurino dos participantes. O bilhético “The Guardian” comentou quando o espetáculo acabou, mas fez deboches enquanto ele acontecia. Isso é tudo muito bonito, mas não deixo de pensar que seria melhor se apenas colocassem o Neymar fazendo embaladinhos por duas horas. Apesar da piada, o jornal se rendeu à música: “Temos uma vibração rolando agora e meu pé começa a balançar”.

Quando a bola já rolava no campo, a “Foreign Policy”, uma revista americana sobre relações internacionais, tratou uma matéria do dia 9 afirmando que o Brasil não estava “animado” com a Copa. Mas as fotos das agências de notícia mostravam o oposto: da animação dos manifestantes às comemorações e orações por mais gols dos torcedores. ■

O MUNDO DE OLHO NO EVENTO

EL MUNDO (Espanha)
Insultos a Dilma en la inauguración del Mundial

MUNDO MUNDO - Publicado el 13 de junio de 2014 - San Paulo, Brasil - Consultado el 13 de junio de 2014

Algunos momentos del espectáculo de fútbol, donde Dilma Rousseff y la cantante brasileña Jennifer Lopez se unieron durante la ceremonia de apertura del primer partido del Mundial entre Brasil y Croacia. “Vai ter Copa, vai haver Copa”, gritó Dilma, quien recibió una ovación de gran entusiasmo entre miles de aficionados. Tras esto, la presidenta Rousseff comenzó a cantar con los aficionados del Movimiento Nacional de los Sin Teto. Después de la ceremonia del Mundial, los manifestantes se reunieron en las cercanías del estadio.

EL MUNDO (Espanha)
Destaque aos ataques à presidente

BBC (Inglaterra)
World Cup 2014 kicks off with colourful ceremony

“The 2014 FIFA World Cup officially got underway today with the traditional opening ceremony featuring Jennifer Lopez and Brazil kicked off against Croatia.”

“President Dilma Rousseff sang alongside football fans from the stadium as Brazil took on the Americans in San Paulo.”

BBC (Inglaterra)
Cerimônia colorida na abertura

PUBLICO (Portugal)
Vai ter Copa, mas com protestos

“Vai ter Copa, mas no primeiro dia já houve feridos.”

“Vai ter Copa, mas no primeiro dia já houve feridos.”

PUBLICO (Portugal)
Vai ter Copa, mas com protestos

The New York Times
Hundreds of Brazilians Protest Against World Cup Opening

“Hundreds of Brazilians Protest Against World Cup Opening”

THE NEW YORK TIMES (EUA)
Protestos contra a abertura da Copa

lanacion.com
Brazil ya vive su fiesta: con una ceremonia inaugural austera, el Mundial dio el puntapié inicial

“Brazil ya vive su fiesta: con una ceremonia inaugural austera, el Mundial dio el puntapié inicial”

LA NACION (Argentina)
Festa com cerimônia de abertura austera

The INDEPENDENT
Brazil kicks off: World Cup begins at last – but clashes ignite in Sao Paulo streets

“Brazil kicks off: World Cup begins at last – but clashes ignite in Sao Paulo streets”

THE INDEPENDENT (Irlanda Unida)
Choques nas ruas de São Paulo

CORRIERE DELLA SERA
Via al mondiale, scenti prima della festa C'è Brasile-Croazia

“Via al mondiale, scenti prima della festa C'è Brasile-Croazia”

CORRIERE DELLA SERA (Itália)
Protestos antes da festa

EL UNIVERSAL
Inicia la fiesta

“Inicia la fiesta”

EL UNIVERSAL (México)
Festa e protestos no Brasil

EL PAIS
La fiesta del fútbol echa a rodar

“La fiesta del fútbol echa a rodar”

EL PAIS (Espanha)
Festa mistura aida e protestos

101



Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140613>

Na edição do dia 14 de junho de 2014, na página 3, os analistas abordavam os insultos à presidenta na abertura da Copa, e caracterizavam os atos como desrespeito e machismo, além como uma postura anti-cidadã, que não respeita a instituição democrática da Presidência da República. Também avaliavam como uma demonstração de machismo, pois segundo os pesquisadores, a insatisfação com o governo e as divergências ideológicas não se expressariam de certas maneiras, caso o ocupante da Presidência fosse um homem.

De acordo com o código de conduta da FIFA para a Copa de 2014, estava entre as proibições durante os jogos “entoar xingamentos ou cânticos discriminatórios, racistas ou xenófobos”. Portanto, para os analistas políticos que discordavam com os atos de xingamento, mas os consideraram uma reação esperada diante o descontentamento das classes sociais mais altas, que compôs a maioria do público. O cientista político entrevistado, Cláudio Couto, disse:

A vaia é de se esperar por causa da impopularidade do governo diante daquele público. Não era festa popular, dado o preço dos ingressos. A maioria era classe média e alta. As pesquisas mostram que esse público tende a ser mais refratário ao PT.⁷⁴

⁷⁴ GAZETA DO POVO. **Impopularidade é sinônimo de governo ruim na economia? A história parece demonstrar que não.** 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/instituto-politeia/historia-campos-sales-temer/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

Ainda na reportagem, a economista Hildete Pereira Melo, destacava os atos de xingamentos como um reflexo de uma sociedade conservadora, e acrescentava que a questão foi também ideológica, pois a plateia ali presente, não simpatizava com a presidenta Dilma: “Era uma plateia que não gosta dela porque ela é mulher, mas também porque não compartilha dos mesmos projetos que o governo. Eles não gostam da Dilma; as empregadas deles é que gostam”⁷⁵.

Os atos de xingamento repercutiram nas redes sociais. Mais de 218 mil tweets sobre a presidenta Dilma foram postados na noite do evento, as opiniões sobre o fato foram divididas, tendo quem apoiasse a torcida, mas muitos criticaram os atos, pois não era essa a finalidade do evento, para quem desembolsou um alto preço pelos ingressos.

Após o episódio da Copa do Mundo, Dilma Rousseff se reelegeu como presidenta do Brasil, em uma eleição acirrada, com 51,6% dos votos válidos, vencendo Aécio Neves com 48,36% dos votos, em 26 de outubro de 2014. Anteriormente ao anúncio do ajuste fiscal, que mudaria as regras dos benefícios previdenciários e tinha o objetivo de acabar com crise econômica iniciada em 2014, o governo da presidenta Dilma contava, no mês de dezembro com 52% de aprovação da população. Em fevereiro de 2015, a população já sentia os impactos do ajuste fiscal e a aprovação de Dilma caiu para 23%.⁷⁶

Além desse cenário econômico desfavorável, ocorriam também os desdobramentos da Operação Lava Jato⁷⁷. Este é talvez o evento mais importante que nos ajuda a entender o que provocou o descontentamento público e a crise política e econômica no país. A Operação Lava Jato, coordenada pela Polícia Federal, considerada uma das maiores iniciativas de combate à corrupção e lavagem de dinheiro do Brasil, com objetivo de investigar esquemas de lavagem de dinheiro envolvendo a Petrobras e as construtoras Odebrecht e Andrade Gutierrez,

⁷⁵ FERREIRA, Paula; MARINHO, Rafaela. Xingamentos a Dilma foram expressão de machismo e falta de cidadania, dizem especialistas: socióloga classificou como ‘péssimo exemplo’ a postura da torcida brasileira, que xingou a presidente no jogo contra a croácia. Socióloga classificou como ‘péssimo exemplo’ a postura da torcida brasileira, que xingou a presidente no jogo contra a Croácia. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/xingamentos-dilma-foram-expressao-de-machismo-falta-de-cidadania-dizem-especialistas-12843642>. Acesso em: 17 nov. 2022.

⁷⁶ Crises derrubam popularidade de Dilma, Alckmin e Haddad. 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/02/1586836-corrupcao-em-estatal-e-crise-economica-fazem-popularidade-de-dilma-despencar.shtml> Acesso em: 28 mar. 2022

⁷⁷ As informações apresentadas sobre a operação Lava Jato foram retiradas da seguinte fonte: Caso Lava Jato. Disponível em: <http://lavajato.mpf.mp.br>. Acesso em: 28 mar. 2022

além do nome de inúmeros políticos, como congressistas, senadores, deputados e ex-deputados e governadores.

Imagem 46: Edição O Globo 14/06/2014 – página 3.

Sábado 14 de Junho de 2014

País

BOLA FORA

Xingar não é do jogo

Para analistas, insulto a Dilma na abertura da Copa é desrespeito à democracia e machismo

PAULA FERREIRA, RAFAELA MARINHO e NUNO ROCHA
opinio@oglobo.com.br

...e não são mais. O xingamento sofrido pela presidente Dilma Rousseff na última quinta-feira, durante a abertura da Copa do Mundo, na Arena Corinthians, em São Paulo, causou polêmica nas redes sociais e entre sociólogos, economistas e cientistas políticos. Estudiosos ouvidos pelo GLOBO vêem o ato como uma postura anticidadã, que não respeita a instituição democrática da Presidência da República. Avaliam também como uma demonstração de machismo, pois, de acordo com pesquisadores, a insatisfação contra o governo e as divergências ideológicas não teriam se expressado na forma de "Vai tomar no...". Profundido pela torcida, caso o ocupante da Presidência fosse um homem.

— Acho que seria muito pouco previsível que fossem isso com o Fernando Henrique ou com o Lula. O fato de Dilma ser mulher lhe deu (torcedores) um empoderamento para insultar que eles não teriam tanto caso tivessem um presidente homem. Temos uma elite desprezada para vir uma presidente mulher. Humilharam a mulher brasileira na pessoa da Dilma — argumenta Ana Thuler, socióloga colaboradora do Centro Feminista de Estudos e Assessoria (Cfema).

Economista dedicada à questão de gênero, Hildete Pereira de Melo, da equipe de Secretária Especial de Políticas para as Mulheres, da Presidência da República, aponta o ato como reflexo de uma sociedade conservadora.

— A ideia de que para mulher se pode dizer tudo está por trás do xingamento.

CÓDIGO DA FIRA PROIBE XINGAMENTO
Na cerimônia de 2007, o ex-presidente Luiz Inácio Lula foi vituperado em sete momentos da festa, todas as vezes quando teve seu nome citado ou quando era em uma tela. Ele acabou não cumprindo o papel cerimonial de declarar abertas as jogas no Rio: na época, a tarefa ficou por conta de Carlos Arthur Nuzeman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Mas Lula, na ocasião, não foi xingado.

Segundo o código de conduta da Fira, para a Copa de 2014, entre as proibições está explicitamente durante os jogos está "usar xingamentos ou qualquer discriminação, racista ou xenofóbica".

Cientistas políticos condenam os xingamentos à presidente, mas consideram a falta uma reação esperada diante da impopularidade do governo federal entre as classes soci-



Opinião

FORA DO TOM

NADA RIVALIZOSI com o que houve dentro do campo, as vitórias brasileiras, do que as manifestações no estádio contra a presidente Dilma, sentida discretamente na tela de honra. O ato está registrado também na imprensa internacional.

COMEMORAR SE a vitória no futebol, mas é necessário fazer menção ao mais importante momento da plateia: valer uma palavra pública a parte do jogo democrático. Oléide Jr. não.

A CAMPANIA eleitoral tende a subir de temperatura, e será possível para o país se a sanção, vai embasar entre as forças políticas ossoati e tom do Inepetec.

af Miguel Wisnik, autor do livro "Vem no remédio: o futebol e o Brasil" considera que o xingamento é uma característica inerente a uma torcida no ambiente do estádio, apesar de ser "uma grosseria".

Ana Thuler ressalta também a presença predominantemente de adultos no estádio.

— Não foi feita uma pesquisa de gênero, mas acredito que 3/4 da torcida deveriam ser homens, homens adultos. Não eram muitos meninos adolescentes, eram adultos, que acabaram dando péssimo exemplo.

"UMA BOLA FORA: OZ FRANCISCO DE QUELERA
Fundador do PT, mas que xingou com o partido em 2003, o sociólogo Francisco de Oliveira diz que, apesar de hostilidades fazerem parte da cultura dos estádios, o ato contra Dilma foi condenável.

— Acho isso muito ruim.

O xingamento também repercutiu nas redes sociais. Mais de 218 mil tweets sobre a presidente Dilma foram postados ontem, boa parte citando a saída justa no Instagram. O insulto foi reproduzido nas redes, e as opiniões se dividiram. Houve quem aplaudisse a torcida, mas muitos criticaram quem pagou o preço caro dos ingressos para, no fim, hostilizar a presidente. (Colaboração Ana Lucia Vulliamy)

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020140614>

Entre os nomes citados, estava o da presidente Dilma Rousseff e do ex-presidente Lula, os quais segundo o jornal globo em sua edição do dia 15 maio de 2014 teriam conhecimento do esquema de "corrupção" e que tentavam intervir na operação, e também dos senadores Humberto Costa (PT), Aécio Neves (PSDB), Renan Calheiros (presidente do senado pelo PMDB), Edison Lobão (PMDB), Romero Jucá (PMDB), Jader Barbalho (PMDB), Valdir Raupp (PMDB), Eunício Oliveira (PMDB) e a senadora Gleisi Hoffmann (PT).

Devido ao esquema de "corrupção" citado acima ter sido descoberto durante o governo da presidenta Dilma, acompanhado com a insatisfação com o governo, uma constante crise política e econômica se instalou no país, gerando na população um sentimento de justiça, ou melhor, de que se sentissem como justiceiros, mas também de ódio, o que levou a população novamente às ruas, e as manifestações voltaram a ocorrer em todas as regiões do Brasil no ano de 2015. Grupos de

oposição como *Vem Pra Rua*, *Revoltados Online* e *Movimento Brasil Livre* (MBL), organizaram protestos contra a presidenta Dilma no dia 15 de março de 2015, convocavam pessoas através das redes sociais. Mesmo estes movimentos se considerarem apartidários, obtiveram o apoio de partidos de oposição como DEM (Democratas), PPS (Partido Popular Socialista), SD (Solidariedade) e PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) que, desde a eleição de Lula em 2002, não conseguiam retirar o PT do poder pelas urnas.

No dia 13 de março, na antevéspera dos protestos contra o governo, CUT (Central Única dos Trabalhadores), partidos de esquerda, movimentos sociais e centrais sindicais se uniram em um ato em defesa da gestão petista, da Petrobras e a reforma política, portanto, contra o ajuste fiscal, em 23 estados e no Distrito Federal. O jornal *O Globo*, noticiava o ato na capa da edição de 14 de março de 2015. Segunda a reportagem, o maior ato aconteceu em São Paulo e reuniu cerca de 12 mil pessoas de acordo com Polícia Militar, segundo com a CUT o número de manifestantes foi bem maior, com cerca de 100 mil pessoas.

Imagem 47: Edição O Globo 14/03/2015.



Pró-governo. Manifestantes em defesa da Petrobras e do governo carregam bandeiras e balões de sindicatos, pelas ruas de São Paulo

Dois dias antes das manifestações marcadas para protestar contra o governo Dilma, CUT, Federação dos Petroleiros e movimentos sociais conseguiram levar milhares de pessoas às ruas de 23 estados e do Distrito Federal, em atos pacíficos de apoio à presidente, à Petrobras e à democracia, mas em alguns casos contra o ajuste fiscal. O maior ato aconteceu em SP e reuniu 12 mil manifestantes, segundo a PM, ou 100 mil, de acordo com a CUT. O Planalto ficou aliviado porque não houve incidentes. PÁGINAS 3, 4 e 5



FOI PELOS R\$ 30

O imigrante da Guiné Ismael Baldé, que não fala português, foi ao ato por R\$ 30 pagos pela CUT. PÁGINA 3

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150314>

As páginas 3, 4 e 6 daquela edição abordavam a manifestação como sendo pró-Dilma, apesar do motivo dos atos ser a defesa da Petrobras, envolvida em escândalos de corrupção que vieram à tona com a Operação Lava-Jato, as manifestações tiveram um caráter de apoio à presidenta Dilma e contra um “eventual” processo de impeachment, segundo o jornal. Mesmo com apelo pró-Dilma, os manifestantes se mostraram contra ao ajuste fiscal, a reforma política, a regulação dos meios de comunicação e a punição à corrupção também foram pautas dos atos. Diversos cartazes faziam referências a golpes, como “Não vai ter golpe” e “Abaixo o golpe”. Em 14 de março de 2015, defensores e contrários pareciam saber que o golpe estava a caminho. Apenas lhe faltava a justificativa.

Na edição do dia 16 de março de 2015, o jornal traz uma capa inteira, as manifestações contra o governo Dilma e o PT, com o título “Democracia tem novo 15 de março”, ressaltando, que as manifestações que levaram 2 milhões de pessoas às ruas, foi o mesmo dia em que o Brasil completou 30 anos da posse do primeiro presidente civil, após 21 anos de ditadura militar. As manifestações ocorreram de modo pacífico, destacando a estética verde e amarela, já vista nas últimas manifestações das Jornadas de Junho em 2013. O jornal ressaltou essa estética verde e amarela apresentada nas manifestações, bem diferente dos atos ocorridos dois dias antes, nas manifestações pró-Dilma quando o vermelho do PT predominou. Em muitas cidades a população reagiu com um panelaço.

Na página 3, o jornal fez um recorte das manifestações nas principais capitais, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte e Fortaleza. No texto da reportagem enfatizava-se novamente a posse de José Sarney havia 30 anos atrás, e por essa razão, o 15 de março de 1985 tornou-se um marco da redemocratização. As manifestações contra Dilma pediram o *impeachment* da presidenta, e alguns até mesmo a intervenção militar como forma de solucionar a crise no país. O *jornal O globo* tornou a mencionar os atos pró-Dilma, destacando a presença de 33 mil pessoas nas manifestações, segundo a Polícia Militar, informação incongruente à edição do dia 14 de março que informou a participação de 12 mil pessoas, mas em ambas as edições o número de manifestantes foi bem menor do que foi estimado pela CUT. Apesar de vários movimentos envolvidos nos protestos, o jornal considerava o Movimento Brasil Livre (MBL) como sendo o articulador principal dos

atos, e responsável pelas convocações de pessoas para novas manifestações no dia 12 de abril de 2015.

Neste ponto é importante que seja entendido o que vem a ser o MBL. O Movimento Brasil Livre, também conhecido como MBL, é um grupo político de viés liberal conservador. Este movimento que veio a se estruturar em meados de 2014 invoca como seus princípios e base a luta por: Liberdade econômica, eleições livres e idôneas, imprensa livre e independente, separação dos poderes e fim de investimentos diretos ou indiretos a ditaduras⁷⁸.

Este grupo surgiu junto ao momento aquiescido que se desenvolvia em 2014 trazendo um forte apoio as investigações acerca da Operação Lava Jato além da dita “liberdade de imprensa”. É possível assumir ainda que este grupo ganhou mais força no momento em que o PT era colocado como alvo das críticas, assim, o MBL trouxe ainda um forte fomento a uma ideia de “oposição ao petismo”⁷⁹.

A participação do MPL foi notória no período pois este movimento aproveitou das dores que já vinham sendo inflamadas na população para se estruturar e ganhar um palco de visibilidade elevado de forma muito rápida. O movimento instigava na população as ideias que já eram propostas pela mídia e fomentavam ainda uma aplicabilidade do viés liberal que vinham entranhados nos discursos proferidos, pouco a pouco angariando mais pessoas que nem mesmo sabiam do que se tratavam as pautas.

Na página 4, o jornal focava nas manifestações de São Paulo, marcadas pela presença vários partidos e políticos, marcado pelos gritos hostis à presidenta Dilma, ao PT e ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Relatava que a manifestação tinha sido pacífica, mas a sede do PT foi incendiada na cidade de Jundiaí, no interior de São Paulo, provavelmente por um coquetel *molotov*, jogado dentro do prédio pela janela. Documentos e móveis foram queimados, e ninguém ficou ferido, pois no momento do ato, o prédio estava vazio. Em uma reportagem na lateral da página, com o título “Na Paulista, prós e contras”, retratava as diferenças entre os perfis dos manifestantes nos atos pró-Dilma e nos atos contra Dilma. Ressaltando “Na sexta: “Fica Dilma”. No domingo: “Fora Dilma”. Ainda enfatizou sobre a diferença na

⁷⁸ RIBEIRO, Jéssica. MBL: entenda o que é e como surgiu o Movimento Brasil Livre. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/historia-em-fotos/mbl-entenda-o-que-e-e-como-surgiu-o-movimento-brasil-livre>. Acesso em: 17 nov. 2022.

⁷⁹ MBL. Seja parte da mudança que o Brasil precisa. 2016. Disponível em: <https://mbl.org.br>. Acesso em: 17 nov. 2022.

estimativa no número de pessoas presentes nas manifestações de São Paulo na sexta, nos atos pró-Dilma, segundo jornal a Polícia Militar contou 12 mil — incoerente com a informação da página 3, onde cita 33 mil — a CUT estimou 100 mil e o Data Folha, 41 mil. Já nas manifestações de domingo, contra Dilma, a Polícia Militar e organizadores contaram 1 milhão, porém o Data Folha discordou, contando a presença de 210 mil pessoas. Outro detalhe importante, é que na sexta os manifestantes pagaram a passagem no metrô, e no domingo as catracas foram liberadas pelo governo do estado. Outro ponto importante de se atentar é que este ato de liberação foi promovido pelo até então governador da oposição da presidenta, Geraldo Alckmin do partido PSDB.

Na página 6, a reportagem trazia um mapa das manifestações pró-Dilma e Anti-Dilma ocorridas pelo país, fazendo a comparação entre as manifestações quanto ao número de pessoas. Nitidamente, o mapa evidenciava que as manifestações anti-Dilma tinham sido bem maiores do que as manifestações pró-Dilma, isso de acordo com as informações da Polícia Militar e dos organizadores. Ainda na mesma reportagem, falava-se sobre as manifestações ocorridas no Nordeste, região essa que ajudou a reeleger Dilma, portanto, o apoio nas eleições em 2014 não impediu as manifestações ocorressem em virtude da insatisfação com o governo. Embora menos numerosos em relação a outras regiões, as manifestações ocorreram em todas as capitais nordestinas e em diversas cidades no interior. As maiores manifestação ocorreram em Fortaleza - CE, São Luís – MA e em Maceió – AL. A capital cearense, que foi responsável por 3,5 milhões de votos para a reeleição da presidenta, viu suas principais avenidas serem tomadas por manifestante, agora pedindo o impeachment de Dilma. Entre palavras ordens, cartazes como dizeres “Fora PT”, “Nossa bandeira nunca será vermelha” e “Petrolão é golpe, impeachment é constituição”. Ainda na mesma página, noticiava-se manifestações de brasileiro ocorridas nos Estados Unidos, Paris, Argentina, Sidney e Londres.

O GLOBO
 A VOLTA DOS PROTESTOS

Democracia tem novo 15 de março

Em todo o país, 2 milhões vão às ruas contra o governo | Surpreendido, Planalto reage com promessas | Panelazo nas cidades vira resposta à fala de ministros

Apesar de o Brasil ter uma tradição de democracia, o presidente Dilma Rousseff não conseguiu evitar que o PT, partido de seu governo, fosse alvo de uma onda de protestos em todo o país. A mobilização começou em São Paulo, no dia 15 de março, e se espalhou rapidamente para outras cidades. Os manifestantes exigem a renúncia de Dilma e a convocação de eleições antecipadas. O PT respondeu com uma série de promessas, incluindo a criação de um Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social e a realização de uma reunião com os líderes da oposição.

Maduro ganha superdenúncia até dezembro
 A Assembleia Nacional da Venezuela aprovou uma superdenúncia ao presidente Nicolás Maduro, acusando-o de violar a constituição e de cometer crimes de lesa humanidade. A votação ocorreu em meio a uma crise política que tem afetado o país desde a eleição de Maduro em 2013.

Tragédia com ônibus em Santa Catarina já tem 51 mortos
 Um acidente com um ônibus em Santa Catarina resultou em 51 mortes e dezenas de feridos. O veículo colidiu com um muro e pegou fogo. A causa do acidente ainda está sendo investigada.

Vasco goleia e é líder isolado
 O Flamengo goleou o Vasco da Gama em um jogo de futebol. O resultado deixou o Vasco isolado na liderança da tabela de classificação.

País
 A VOLTA DOS PROTESTOS

Dois milhões nas ruas

Trinta anos depois da data que marcou a redemocratização, brasileiros protestam contra a presidente Dilma e o PT, manifestações pacíficas ocorrem em todos os estados e no Distrito Federal

SÃO PAULO
 Manifestação em São Paulo, com milhares de pessoas nas ruas. O protesto ocorreu no dia 15 de março, marcando o aniversário de 30 anos da redemocratização do Brasil.

RIO DE JANEIRO
 Manifestação no Rio de Janeiro, com milhares de pessoas nas ruas. O protesto ocorreu no dia 15 de março.

BRASÍLIA
 Manifestação em Brasília, com milhares de pessoas nas ruas. O protesto ocorreu no dia 15 de março.

BELO HORIZONTE
 Manifestação em Belo Horizonte, com milhares de pessoas nas ruas. O protesto ocorreu no dia 15 de março.

FORTALEZA
 Manifestação em Fortaleza, com milhares de pessoas nas ruas. O protesto ocorreu no dia 15 de março.

GOVERNOS DILMA: Na Paulista, prós e contras
 Manifestantes ocupam a Paulista na sexta e o dia
 N a Paulista, de volta ao normal após o protesto, milhares de pessoas ocuparam a avenida para discutir o futuro do país. Alguns defendem a continuidade do governo Dilma, enquanto outros exigem mudanças.

País
 A VOLTA DOS PROTESTOS

Manifestação reúne um milhão em São Paulo

PM diz que usou imagens aéreas para calcular público do maior ato de ontem no país contra a presidente

Uma manifestação pacífica reuniu mais de um milhão de pessoas em São Paulo no dia 15 de março. O protesto ocorreu na Avenida Paulista e foi organizado por diversos grupos da oposição. O governador do estado, Roberto Marinho, afirmou que usou imagens aéreas para calcular o tamanho da manifestação.

COMISSÃO DA SAÚDE E O PROTESTO
 A Comissão da Saúde do Senado aprovou uma proposta de lei que cria o Conselho Nacional de Saúde. A proposta visa fortalecer o controle social na gestão do SUS.

Sede do PT é incendiada em cidade do interior de SP
 A sede do PT em uma cidade do interior de São Paulo foi incendiada por manifestantes. O fogo destruiu parte do prédio e deixou dezenas de pessoas sem lar.

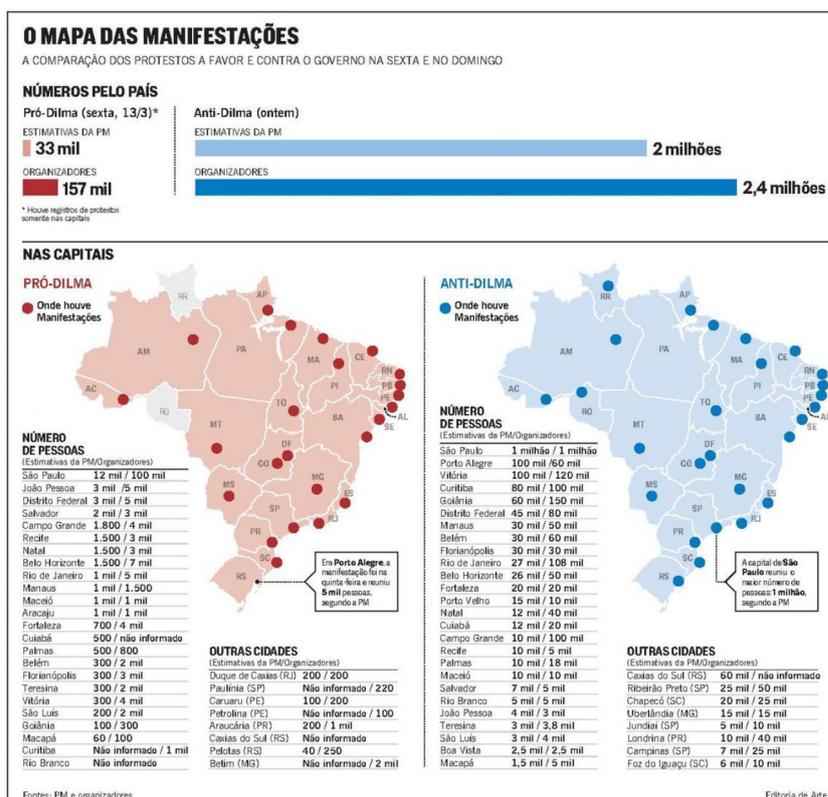
Ataque sobrevive após passagem em Juiz de Fora. Documento e móveis foram queimados
 Um ataque a uma casa em Juiz de Fora resultou na morte de uma pessoa. O documento e os móveis foram queimados durante o ataque.

PROTESTOS HISTÓRICOS
 Uma série de protestos históricos ocorreram em várias cidades do Brasil. Os manifestantes exigem a renúncia de Dilma e a convocação de eleições.

Mas as manifestações contra o governo não parariam por aqui. Os organizadores convocavam as pessoas pelas redes sociais, assim como em 15 de março, para um novo dia de manifestações marcado para o dia 12 de abril com o tema "Vai ser ainda maior". Na edição do 13 de abril 2015 o jornal traz a cobertura das manifestações ocorridas no dia anterior, com um número bem menor de participantes.

A mobilização aconteceu em 252 cidades de 24 estados e do Distrito federal, mas a adesão foi bem menor do que era esperado, algo em torno de 700 mil pessoas, segundo a Polícia Militar. Na página 3, ressaltava-se que mesmo com o número menor de pessoas, houve um aumento significativo no número de cidades que aderiram aos atos, passando de 147 para 252 cidades em relação às manifestações de 15 de março, numa clara demonstração de que a mobilização se capilarizava pelo Brasil, atingindo regiões mais conservadoras.

Imagem 50: Mapa das manifestações - Edição O Globo 16/03/2015 – página 16.



Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150316>

As pautas dos atos foram as mesmas das manifestações anteriores, tais como o posicionamento contra o ajuste fiscal, a reforma política, a regulação dos meios de comunicação e a punição à corrupção também foram pautas dos atos e

novamente o verde e amarelo tomou conta das ruas pelo Brasil, com as palavras de ordem eram “Fora Dilma!” e “Fora PT”.

Na ocasião, segundo o jornal *O Globo*, Kim Kataguirí, do MBL dizia no carro de som “que o PSDB faz uma oposição passiva”, só não noticiou que durante seu discurso o jovem disse que “o PT tem que tomar um tiro na cabeça”⁸⁰, e foi acusado de fazer apologia ao crime, conforme noticiado em vários outros veículos de comunicação, como o *Carta Capital*, que teve sua equipe hostilizada por um dos integrantes do MBL na manifestação em São Paulo no dia 15 de março. No site do *Yahoo*, o colunista Alex Antunes disse que a acusação partiu de blogueiros petistas, e ressaltou “A frase foi tirada de contexto. Era uma resposta ao senador do PSDB, Aloysio Nunes Ferreira, que tinha declarado que não queria o impeachment, mas sim deixar o governo sangrar.”⁸¹. Na página 5, *O Globo* trazia a preocupação com a alta reprovação mostrada nas pesquisas Datafolha do governo Dilma, com a rejeição batendo a 50%.

Em 16 de agosto de 2015, ocorreram novas manifestações, e *O Globo* em sua edição do dia 17 de agosto noticiava os atos que reuniram 879 mil pessoas, em todos os estados e no Distrito Federal, novamente as manifestações pediram a saída de Dilma, apoiaram a Operação Lava-Jato e atacaram o PT e o ex-presidente Lula. A maior concentração aconteceu em São Paulo, com 350 mil manifestantes na Avenida paulista, segundo a Polícia Militar. Nas páginas 3 e 4, informam que embora significativa, as manifestações não abalaram a estabilidade política e foi insuficiente para agravar a crise, segundo o Planalto, que por meio do ministro Edinho Silva, da secretaria de comunicação, divulgou uma nota em que considerou as manifestações dentro “da normalidade democrática”⁸².

⁸⁰ Carta Capital. "Manifestações contra o governo encolhem em todo Brasil". 12 de abril de 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/manifestacoes-encolhem-e-governo-federal-e-pt-nao-se-manifestam-2961/> Acesso em: 29 mar. 2022

⁸¹ Alex Antunes. É o dinheiro, estúpido – ou o "tiro na cabeça do PT". *Yahoo*. 26 de abril de 2015. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/blogs/alex-antunes/e-o-dinheiro-estupido-ou-o-tiro-na-cabeça-do-000441063.htm> Acesso em: 29 mar. 2022.

⁸² NASCIMENTO, Luciano. Governo viu manifestações dentro da normalidade democrática. 2015. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2015-08/manifestacoes-ocorreram-dentro-da-normalidade-democratica-diz-governo>. Acesso em: 17 nov. 2022.

O GLOBO

SEXTA-FEIRA, 13 DE ABRIL DE 2015 - R\$ 2,00 - 160 COLUNAS - 120 LINHAS

PARIS 13/04/2015

NAS RUAS

Novos protestos contra governo têm adesão menor

PM calcula 700 mil nas manifestações. Organização fala em 1,5 milhão

RICARDO HOLAT
CORRESPONDENTE

Em São Paulo, milhares de pessoas se reuniram para protestar contra o governo Dilma Rousseff. A adesão foi menor do que em atos anteriores, segundo o PM.

Em São Paulo, milhares de pessoas se reuniram para protestar contra o governo Dilma Rousseff. A adesão foi menor do que em atos anteriores, segundo o PM.

Em São Paulo, milhares de pessoas se reuniram para protestar contra o governo Dilma Rousseff. A adesão foi menor do que em atos anteriores, segundo o PM.

Para políticos, mau humor continua

Em São Paulo, milhares de pessoas se reuniram para protestar contra o governo Dilma Rousseff. A adesão foi menor do que em atos anteriores, segundo o PM.

Campeonato Carioca Vasco e Fla empatam em clássico violento

Em São Paulo, milhares de pessoas se reuniram para protestar contra o governo Dilma Rousseff. A adesão foi menor do que em atos anteriores, segundo o PM.

Paulo Brossard, jurista, aos 90 anos

Em São Paulo, milhares de pessoas se reuniram para protestar contra o governo Dilma Rousseff. A adesão foi menor do que em atos anteriores, segundo o PM.

MUNICÍPIO CARIÓTIPO

Em São Paulo, milhares de pessoas se reuniram para protestar contra o governo Dilma Rousseff. A adesão foi menor do que em atos anteriores, segundo o PM.

País

PROTESTOS PELO BRASIL

Menos pessoas, mais cidades

Menores do que os atos de 15 de março, manifestações reuniram 700 mil em 252 municípios

SÃO PAULO

BRASÍLIA

RIO DE JANEIRO

RICARDO HOLAT
CORRESPONDENTE

Manifestações contra o governo Dilma Rousseff ocorreram em 252 municípios brasileiros. A adesão foi menor do que em atos anteriores, segundo o PM.

Manifestações contra o governo Dilma Rousseff ocorreram em 252 municípios brasileiros. A adesão foi menor do que em atos anteriores, segundo o PM.

Manifestações contra o governo Dilma Rousseff ocorreram em 252 municípios brasileiros. A adesão foi menor do que em atos anteriores, segundo o PM.

Para políticos, mau humor continua

Manifestações contra o governo Dilma Rousseff ocorreram em 252 municípios brasileiros. A adesão foi menor do que em atos anteriores, segundo o PM.

Campeonato Carioca Vasco e Fla empatam em clássico violento

Manifestações contra o governo Dilma Rousseff ocorreram em 252 municípios brasileiros. A adesão foi menor do que em atos anteriores, segundo o PM.

Paulo Brossard, jurista, aos 90 anos

Manifestações contra o governo Dilma Rousseff ocorreram em 252 municípios brasileiros. A adesão foi menor do que em atos anteriores, segundo o PM.

MUNICÍPIO CARIÓTIPO

Manifestações contra o governo Dilma Rousseff ocorreram em 252 municípios brasileiros. A adesão foi menor do que em atos anteriores, segundo o PM.

País

PROTESTOS PELO BRASIL

Insatisfação com Dilma não caiu, concordam governo e oposição

Preocupação do Planalto e com alta reprovação mostrada na última pesquisa Datafolha

RICARDO HOLAT
CORRESPONDENTE

Embora a adesão aos protestos tenha diminuído, a insatisfação com o governo Dilma Rousseff permanece alta, segundo uma pesquisa Datafolha.

Embora a adesão aos protestos tenha diminuído, a insatisfação com o governo Dilma Rousseff permanece alta, segundo uma pesquisa Datafolha.

Embora a adesão aos protestos tenha diminuído, a insatisfação com o governo Dilma Rousseff permanece alta, segundo uma pesquisa Datafolha.

Mobilização menor, mesmo descontentamento

Embora a adesão aos protestos tenha diminuído, a insatisfação com o governo Dilma Rousseff permanece alta, segundo uma pesquisa Datafolha.

Embora a adesão aos protestos tenha diminuído, a insatisfação com o governo Dilma Rousseff permanece alta, segundo uma pesquisa Datafolha.

Embora a adesão aos protestos tenha diminuído, a insatisfação com o governo Dilma Rousseff permanece alta, segundo uma pesquisa Datafolha.

ODEBRECHT

Embora a adesão aos protestos tenha diminuído, a insatisfação com o governo Dilma Rousseff permanece alta, segundo uma pesquisa Datafolha.

Embora a adesão aos protestos tenha diminuído, a insatisfação com o governo Dilma Rousseff permanece alta, segundo uma pesquisa Datafolha.

Embora a adesão aos protestos tenha diminuído, a insatisfação com o governo Dilma Rousseff permanece alta, segundo uma pesquisa Datafolha.

País

PROTESTOS PELO BRASIL

Insatisfação com Dilma não caiu, concordam governo e oposição

Preocupação do Planalto e com alta reprovação mostrada na última pesquisa Datafolha

RICARDO HOLAT
CORRESPONDENTE

Embora a adesão aos protestos tenha diminuído, a insatisfação com o governo Dilma Rousseff permanece alta, segundo uma pesquisa Datafolha.

Embora a adesão aos protestos tenha diminuído, a insatisfação com o governo Dilma Rousseff permanece alta, segundo uma pesquisa Datafolha.

Embora a adesão aos protestos tenha diminuído, a insatisfação com o governo Dilma Rousseff permanece alta, segundo uma pesquisa Datafolha.

Mobilização menor, mesmo descontentamento

Embora a adesão aos protestos tenha diminuído, a insatisfação com o governo Dilma Rousseff permanece alta, segundo uma pesquisa Datafolha.

Embora a adesão aos protestos tenha diminuído, a insatisfação com o governo Dilma Rousseff permanece alta, segundo uma pesquisa Datafolha.

Embora a adesão aos protestos tenha diminuído, a insatisfação com o governo Dilma Rousseff permanece alta, segundo uma pesquisa Datafolha.

ODEBRECHT

Embora a adesão aos protestos tenha diminuído, a insatisfação com o governo Dilma Rousseff permanece alta, segundo uma pesquisa Datafolha.

Embora a adesão aos protestos tenha diminuído, a insatisfação com o governo Dilma Rousseff permanece alta, segundo uma pesquisa Datafolha.

Embora a adesão aos protestos tenha diminuído, a insatisfação com o governo Dilma Rousseff permanece alta, segundo uma pesquisa Datafolha.

Em Brasília o destaque foi um boneco inflável gigante do ex-presidente Lula vestido de presidiário, o Instituto Lula reagiu à provocação por meio de uma nota:

Lula foi preso na ditadura porque defendia a liberdade de expressão e organização política. O povo brasileiro sabe que ele só pode ser acusado de ter promovido a melhora das condições de vida e acabando com a fome de milhões de brasileiros, o que para alguns, parece ser um crime político intolerável.⁸³

No Rio de Janeiro os manifestantes ocuparam a orla de Copacabana durante as manifestações e fizeram referência à Operação Lava-Jato, ao juiz Sérgio Moro e ao pedido de *impeachment* de Dilma. Em Belo Horizonte, contou com a participação do Senador Aécio Neves, subindo em um trio elétrico para afirmar que estava participando das manifestações como cidadão e não como político. Os protestos que aconteceram nas principais capitais reuniram algumas celebridades e chegaram a ter coreografia.

Os atos repercutiram na mídia internacional, o *The Wall Street Journal* destacava: “Manifestantes pedem demissão da presidenta Dilma Rousseff”, a publicação ainda comentou “Envolvendo-se na bandeira nacional e gritando “Fora Dilma!” e “Impeachment agora”, os brasileiros invadiram os centros das cidades em todo o país no domingo para exigir a deposição de seu presidente”.⁸⁴

⁸³ RIZÉRIO, Lara. “Lula só pode ser acusado de ter promovido melhores condições de vida”, diz Instituto. 2015. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/politica/lula-so-pode-ser-acusado-de-ter-promovido-melhores-condicoes-de-vida-diz-instituto/>. Acesso em: 17 nov. 2022.

⁸⁴ JOHNSON, Reed; MAGALHAES, Luciana. Protesters Call for Ouster of Brazil’s President Dilma Rousseff. *The Wall Street Journal*. 16 ago. 2015. Disponível em: https://www.wsj.com/articles/panoply-of-causes-unites-against-brazilian-leader-1439719203?mod=article_inline Acesso em: 30 mar. 2022.

O GLOBO 90
DOMINGO, 17 DE AGOSTO DE 2015 R\$ 1,00
Rio de Janeiro, 17/08/2015 07:00

DIA DE MANIFESTAÇÕES

Atos reúnem 879 mil, mas governo vê quadro estável

Manifestantes foram às ruas em todos os estados e no Distrito Federal
Processos pediram a saída de Dilma, apoiaram a Operação Lava Jato e atacaram o PT e o ex-presidente Lula. Maior concentração foi em São Paulo, com 230 mil envolvidos na Avenida Paulista, segundo a PM



Usinas não pagam por energia cara
As hidrelétricas não pagam a conta de energia elétrica, o que gera prejuízo para as concessionárias de energia elétrica. O governo deve pagar a diferença.

Chama é o mais bem avaliado
Barack Obama é o líder de opinião entre os brasileiros em uma pesquisa realizada pelo instituto de pesquisa Datafolha. O candidato democrata dos EUA foi avaliado com 57 pontos de aprovação.

Wi-Fi público no Rio funciona mal
De 10 pontos de Wi-Fi em São Paulo, apenas dois funcionam bem. O sistema de acesso público à internet em São Paulo está com problemas.

Empresas, alvos de fiscais de hackers
Condições de segurança de empresas brasileiras foram alvo de hackers. Os ataques foram realizados por meio de redes sociais.

Meia hora de aulas públicas
Alunos de escolas públicas em São Paulo tiveram apenas meia hora de aula por dia devido a problemas de infraestrutura.

Polêmica da água
A polêmica da água em São Paulo continua. A população reclama da qualidade da água e da falta de saneamento básico.

Gangues lucram com roubos
Gangues de rua lucram com o comércio ilegal de drogas e outros produtos roubados.

ESPORTE
De virada FLU VENCE E VOLTA AO G-4
Fluminense venceu o jogo de ida contra o Atlético Paranaense e voltou ao Grupo 4 da Libertadores.

Paraná SUCESSO DO ESPRIS ANIMA PARA RIO 2016
O sucesso do Esprisa em Paraná inspira o Rio de Janeiro para a Copa do Mundo de 2016.

EVENTO TESTE DE CICLISMO AGITA RUA DAS ZONAS SUL E OESTE
Um teste de ciclismo agitou as ruas das zonas Sul e Oeste de São Paulo.

ESPINOSA EM AÇÃO
Aristóteles Espinosa está em ação em São Paulo, defendendo suas ideias políticas.

Pais
DOMINGO DE PROTESTOS

Apesar das ruas

Atos atraem 879 mil, mas governo avalia que adesão é insuficiente para agravar crise política



SÃO PAULO
Com o maior número de participantes em todo o país, o ato de domingo em São Paulo atraiu 230 mil pessoas para a Avenida Paulista. O protesto foi organizado pelo Movimento Sem Fim e contou com a participação de representantes de diversos partidos políticos e movimentos sociais.

RIO DE JANEIRO
Em Rio de Janeiro, cerca de 100 mil pessoas participaram do ato de domingo. O protesto foi realizado em vários pontos da cidade, incluindo a Avenida Rio Branco e o Centro Histórico.

BRASÍLIA
Em Brasília, cerca de 50 mil pessoas participaram do ato de domingo. O protesto foi realizado no Congresso Nacional e contou com a participação de representantes de diversos partidos políticos e movimentos sociais.

O TAMANHO DAS MANIFESTAÇÕES

EM SP, 350 MIL VÃO À AVENIDA PAULISTA
Durante o ato, palavras de ordem contra Lula, pedidos de impeachment e mensagens de apoio à Lava Jato

CIDADE	NÚMERO DE MANIFESTANTES
SÃO PAULO	230 mil
RIO DE JANEIRO	100 mil
BRASÍLIA	50 mil
RECIFE	24 mil
BOA VISTA	10 mil
TERESINA	7 mil
BELO HORIZONTE	6 mil
PORTO ALEGRE	5 mil
CRUZ ALTA	4 mil
JOÃO PESSOA	3 mil
ARACAJU	2 mil
RECIFE	2 mil
BOA VISTA	2 mil
TERESINA	2 mil
BELO HORIZONTE	2 mil
PORTO ALEGRE	2 mil
CRUZ ALTA	2 mil
JOÃO PESSOA	2 mil
ARACAJU	2 mil

MANIFESTANTES NAS CAPETAS

CIDADE	NÚMERO DE MANIFESTANTES
SÃO PAULO	230 mil
RIO DE JANEIRO	100 mil
BRASÍLIA	50 mil
RECIFE	24 mil
BOA VISTA	10 mil
TERESINA	7 mil
BELO HORIZONTE	6 mil
PORTO ALEGRE	5 mil
CRUZ ALTA	4 mil
JOÃO PESSOA	3 mil
ARACAJU	2 mil
RECIFE	2 mil
BOA VISTA	2 mil
TERESINA	2 mil
BELO HORIZONTE	2 mil
PORTO ALEGRE	2 mil
CRUZ ALTA	2 mil
JOÃO PESSOA	2 mil
ARACAJU	2 mil

RENAN VIRA ALVO EM MACIÓ
Manifestantes lançam a cidade do prefeito do senador.

APÓS ACORDO
Manifestantes lançam a cidade do prefeito do senador.

Imagem 53: Edição The Wall Street Journal 16/08/2015.

The screenshot shows the top of the Wall Street Journal website. At the top, there are financial indicators: DJIA 33684.80 (0.41% ▲), S&P 500 3967.73 (0.54% ▲), Nasdaq 11199.74 (0.49% ▲), U.S. 10 Yr -1/32 Yield 3.784% ▼, Crude Oil 78.22 (4.19% ▼), and Euro 1.03. The main header reads "THE WALL STREET JOURNAL." with "English Edition" and navigation links for "Print Edition", "Video", "Podcasts", "Latest Headlines", and "More". Below the header is a navigation bar with categories: Home, World, U.S., Politics, Economy, Business, Tech, Markets, Opinion, Books & Arts, Real Estate, Life & Work, Style, Sports.

The main article is titled "Protesters Call for Ouster of Brazil's President Dilma Rousseff" under the sub-header "WORLD | LATIN AMERICA". The text below the title reads "Wrapping themselves in the national flag, Brazilians swarm city centers". To the left of the article is a "SHARE" button with icons for Facebook, Twitter, LinkedIn, and a link icon.

The article features a large video player showing a crowd of protesters holding Brazilian flags. A play button is centered over the video. Below the video, the text reads "Brazilian Protesters Call for Ouster of President". At the bottom of the video frame, it says "Thousands of Brazilians took to the streets of Sao Paulo on Sunday, calling for the 'impeachment' of the government of President Dilma Rousseff. Photo: Getty Images". Below the video, the byline reads "By Reed Johnson and Luciana Magalhaes" and "Updated Aug. 16, 2015 7:40 pm ET".

Fonte: https://www.wsj.com/articles/panoply-of-causes-unites-against-brazilian-leader-1439719203?mod=article_inline

A última das quatro manifestações que ocorrem em 2015 foi a que teve menor adesão por parte dos manifestantes, e aconteceu no dia 13 de dezembro. O Globo, na sua edição de 14 de dezembro, trouxe uma foto das manifestações que aconteceram no Rio de Janeiro. Os manifestantes estenderam uma faixa enorme escrito "impeachment já". As manifestações foram menores que as anteriores, porém, para os organizadores, serviam para esquentar as manifestações de 2016. Na página 4, noticiava que as manifestações aconteceram em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Em Brasília, de acordo com Polícia Militar se reuniram cerca de 6 mil pessoas, alguns manifestantes levaram um caixão com uma caricatura de Dilma, que acabou sendo queimado, simbolizando o enterro do PT.

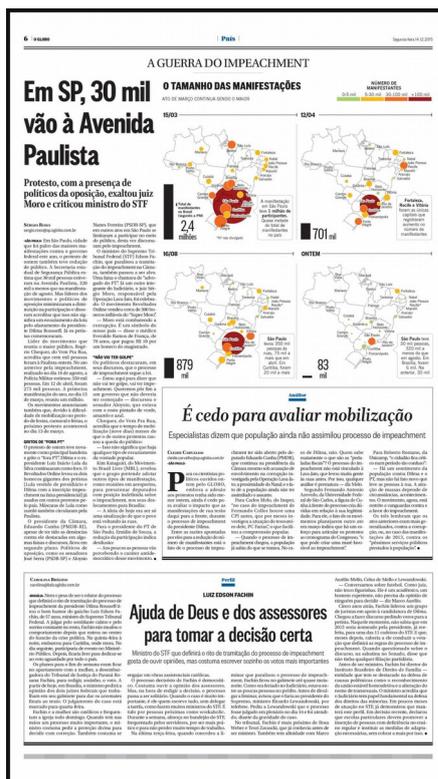
O coordenador do Movimento Vem pra Rua do Distrito Federal, Jailton Almeida, ouvido pelo jornal, avaliou o protesto como positivo em relação ao tempo

curto para a preparação do ato, e afirmou que haveria mais manifestações em 2016 pra pressionar o Congresso a aprovar o impeachment de Dilma. Os organizadores estimaram a presença de 15 mil pessoas presentes nos atos em Brasília. No Rio de Janeiro, o destaque foi a foto de uma mulher exibindo o cartaz escrito “Fora Dilma”. A Polícia Militar não divulgou estimativa, mas os organizadores falaram em 20 mil pessoas. Na capital paulista, a Polícia Militar estimou a participação de cerca de 30 mil pessoas. Um dos destaques foi o boneco inflável do “Super Moro”, referência ao juiz Sérgio Moro, da Operação Lava-Jato.

Na página 6, o jornal trazia uma perspectiva dos quatro atos ocorridos em 2015, tanto em número de manifestantes e locais onde ocorreram, destacam que em São Paulo teve a presença de figuras políticas, e o Superior Tribunal Federal foi alvo de críticas durante os protestos. O líder do movimento Vem Pra Rua, Rogério Chequer, estimou que cerca de 100 mil pessoas aderiram aos atos, número bem maior do que foi divulgado pela Polícia Militar e ressaltou que novos atos estariam sendo organizados pra 13 de março de 2015.

Imagem 54: Edição O Globo 14/12/2015 - página 1, 4 e 6.





Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151214>

Como prometido pelos organizadores, em 13 de março de 2015 o Brasil volta-va às ruas com uma grande adesão. Na edição de 14 de março de 2016, O Globo fez uma extensa cobertura dos eventos, além da capa, ocupa as páginas de 3 a 12 da sessão “País”. Sendo considerada a maior manifestação da história do Brasil, com 3,4 milhões de pessoas, em 320 cidades brasileiras em todos os estados brasileiros e no Distrito Federal, na semana em que o processo de impeachment teria seguimento na Câmara dos Deputados. Nos atos, muitos manifestantes usavam uniforme de presidiário com a estrela do PT em alusão a Lula “atrás das grades”, mas a estética verde e amarela ainda era predominante. Faixas e cartazes deram apoio à caçada que Sérgio Moro fazia a Lula e à operação Lava-Jato.

Em São Paulo, cerca de 1,4 milhões de pessoas se reuniram para os protestos, erguendo um enorme boneco “Pixuleco”⁸⁵. Os políticos Geraldo Alckmin e Aécio Neves apareceram nos protestos, mas foram hostilizados, muitos artistas também compareceram nos atos. Na página 9, o jornal enfatizava que as lideranças de partidos que davam sustentação ao governo de Dilma, como PMDB, PSD e PR, acreditavam que as manifestações tinham um forte impacto sobre o processo de afastamen-

⁸⁵ O termo utilizado pelo tesoureiro do PT, João Vaccari Neto, para tratar do "dinheiro", conforme delatou o Ricardo Pessoa, ex-presidente da Empreiteira UTC, na Operação Pixuleco da Polícia Federal.

to da presidenta no Congresso, e que as bancadas do “centrão” se encontram divididas a respeito do *impeachment*.

Imagem 55: Edição O Globo 14/03/2016 - página 1, 4 e 9.

O GLOBO
MAIOR MANIFESTAÇÃO DA HISTÓRIA

Brasil vai às ruas contra Lula e Dilma e a favor de Moro

Protesto pacífico reuniu 3,4 milhões de pessoas em 320 cidades de todos os estados e no Distrito Federal



INICIANDO O DIA O protesto começou às 10h em São Paulo, com milhares de pessoas se reunindo em frente ao Palácio do Estado.

LUIZ JOSÉ O governador de São Paulo, Luiz José Dix-sepucci, afirmou que o Brasil não precisa de um novo presidente.

JOSÉ CARDO O ministro da Justiça, José Cardo, afirmou que o Brasil não precisa de um novo presidente.

LUÍZ ANTÔNIO MINES O governador de Minas Gerais, Luiz Antônio Figueiredo, afirmou que o Brasil não precisa de um novo presidente.

RICARDO NEAL O governador de Pernambuco, Ricardo Meira, afirmou que o Brasil não precisa de um novo presidente.

Flu empata com Botafogo: 1 a 1

Temporária causa destruição e deixa cinco mortos no Rio

O GLOBO
13 DE MARÇO

Em São Paulo, 1,4 milhão de manifestantes

No maior protesto da História, na Paulista, dez carros de som e três elétricos foram usados por 40 movimentos



Três fatores deixam o governo encrencado

Opinião
EQUILIBRIO

OPINIÃO DE

OPINIÃO DE

O GLOBO
13 DE MARÇO

Aliados admitem que protestos fortalecem impeachment

Dilma diz que protestos mostram 'maturidade' e elogia tom pacífico



PT: 'Não era só a classe média coxinha'

Partido expressa preocupação com a possibilidade de um novo presidente

PT: 'Não era só a classe média coxinha'

Partido expressa preocupação com a possibilidade de um novo presidente

O GLOBO
13 DE MARÇO

Aliados admitem que protestos fortalecem impeachment

Dilma diz que protestos mostram 'maturidade' e elogia tom pacífico



PT: 'Não era só a classe média coxinha'

Partido expressa preocupação com a possibilidade de um novo presidente

PT: 'Não era só a classe média coxinha'

Partido expressa preocupação com a possibilidade de um novo presidente

Novamente as manifestações tiveram repercussão na mídia internacional, o *The Wall Street Journal* destacava “Centenas de milhares de manifestantes se reúnem no Brasil contra presidente e partido do governo”⁸⁶ e ressaltava que a crise de confiança pública era impulsionada pelo agravamento da economia e escândalos de corrupção cada vez maiores.

Um ponto de interessante destaque está justamente associado a esta ideia de “mídia internacional”. É possível identificar que ao longo do período analisado, o *The Wall Street Journal* acaba sendo citado na maior parte das vezes quando se trata destes aspectos de referência fora do país.

O *The Wall Street Journal* de fato é uma mídia de referência internacional, este é reconhecido por grande parte do mundo como um dos jornais mais renomados quanto ao aspecto da temática econômica a nível mundial. Este, entretanto não se mostra como o único representante internacional que relatou os acontecimentos que se desenvolveram no Brasil ao longo do ano de 2016.

Entretanto, os acontecimentos que vinham se desenrolando passaram a se pautar fortemente no aspecto da promoção do liberalismo econômico, algo que é de sumo interesse dos associados ao jornal. Neste sentido, se constituiu um cenário ideal, no qual o Brasil caminhava para a promoção de ideias liberais ao passo que o *The Wall Street Journal* fomentava estas escolhas e indicavam que o Brasil estava seguindo num caminho certo rumo ao progresso.

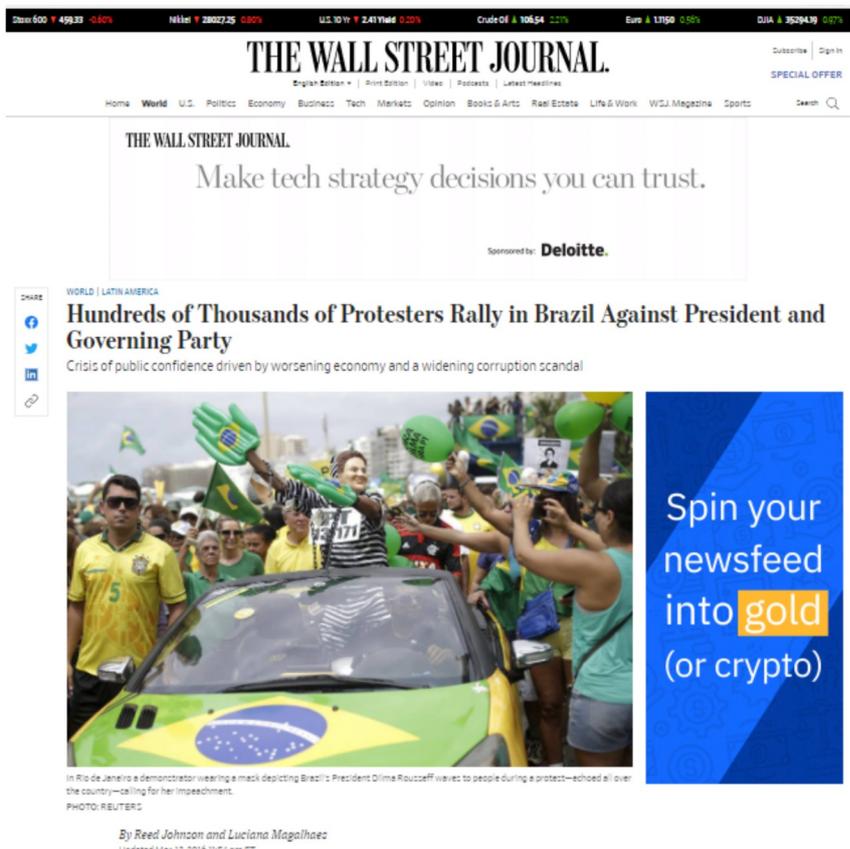
Certamente a saída da presidenta resultaria na construção de um cenário no qual as massas da população passariam a exercer certa repulsa aos ideais do PT e conseqüentemente se tornariam mais abertos a uma nova visão do mundo, respaldada na aceitação e até mesmo certo clamor ao liberalismo, algo que beneficiaria fortemente a ação de agentes externos da economia sobre o Brasil. Sem este clima de acirramento das paixões políticas, dificilmente a agenda liberal venceria as eleições.

É claro que diversos jornais ao redor de todo o mundo comentavam sobre o que acontecia no país, mas este, ao que tudo indica era o que mais se alinhava com a ideia que queria ser passada a própria população brasileira, a qual agora contava

⁸⁶ JOHNSON, Reed; MAGALHAES, Luciana. Hundreds of Thousands of Protesters Rally in Brazil Against President and Governing Party. *The Wall Street Journal*. 13 mar. 2016. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/protesters-in-brazil-take-aim-at-governing-party-1457884257> Acesso em: 30 mar. 2022.

até mesmo com referência externa para fortalecer ainda mais a moral de que todos estavam no caminho certo.

Imagem 56: Edição The Wall Street Journal 13/03/2016.



Fonte: <https://www.wsj.com/articles/protesters-in-brazil-take-aim-at-governing-party-1457884257>

A BBC também abordou o assunto, destacando “Manifestantes no Brasil pedem renúncia da presidente Dilma Rousseff”, ainda na publicação comentou que as manifestações foram pacíficas, com dezenas de milhares vestindo as cores nacionais de amarelo e verde e segurando faixas que diziam "Fora Dilma" e "Pare com a corrupção". Ainda ressaltou que Dilma Rousseff, líder do Partido dos Trabalhadores, estava sob crescente pressão nos últimos meses por causa de uma enorme investigação de corrupção, centrada na petrolífera estatal Petrobras.⁸⁷

⁸⁷ BBC. Brazil protesters call for President Rousseff to resign. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-35798875>. Acesso em: 18 nov. 2022.

Imagem 57: Edição BBC 13/03/2016.

The image shows a screenshot of the BBC News website. At the top, there is a navigation bar with the BBC logo and links for Home, News, Sport, Real, Worklife, Travel, Future, Culture, and More. Below this is a red banner with the word 'NEWS' in white. Underneath the banner, there are links for Home, War in Ukraine, Coronavirus, Climate, Video, World, US & Canada, UK, Business, Tech, and Science. A search bar is located on the right side of this banner. Below the navigation, there is a section for 'Latin America' with a sub-link for 'Middle East'. An advertisement for 'Ads by Google' is visible, with a button to 'Stop seeing this ad'. The main article is titled 'Brazil protesters call for President Rousseff to resign' and is dated '13 March 2016'. The article features a large photograph of a crowd of protesters in São Paulo, Brazil, holding flags and banners. Below the photo, there is a caption: 'Police said more than a million people were on the streets of Sao Paulo'. The article text begins with 'Huge crowds have taken to the streets across Brazil calling for President Dilma Rousseff to resign.' and continues with 'Opponents blame Ms Rousseff for a severe recession and a corruption scandal, also engulfing her predecessor, Luiz Inacio Lula da Silva.' and 'She has said she has no intention of resigning but her opponents hope a large turnout on the streets will lead to her impeachment.' and 'She faces charges over masking the budget deficit, which she denies.' To the right of the main article, there is a 'Top Stories' section with three items: 'LIVE Intense attacks in east Ukraine as Russia regroup forces', 'Russia launches new strikes after peace promise', and 'Trump's 6 January call logs show seven-hour gap'. Below this is an advertisement for 'KINGSTON FURY' and a 'Features' section with a small image of a man in a hospital bed.

Fonte: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-35798875>

As manifestações tiveram prosseguimento do dia 16 ao dia 21 de março de 2016 com proporções menores, contra o governo e a corrupção, e a favor ao impeachment da presidenta Dilma e contra a nomeação de Lula como ministro da Casa Civil. No dia 17 de março, na capa da edição O Globo divulgava as conversas entre Dilma e Lula, liberadas ilegalmente por Sérgio Moro, segundo o jornal, as conversas davam indícios de acerto entre os dois para obstruir a justiça e prejudicar as investigações. Dilma dizia a Lula que estava enviando a ele o termo de posse como ministro da casa civil para que ele usasse “em caso de necessidade”, o que se subentendia como se fosse “para obter foro privilegiado no Superior do Tribunal Federal” onde a frase “Tchau querida” ganhou destaque entre os manifestantes. A quebra de sigilo das ligações agravou a crise do governo. Manifestantes foram para a frente do Palácio do Planalto, em apoio a Operação Lava-Jato e ao Juiz Sérgio Moro, o qual justificou a quebra do sigilo dizendo que a “democracia exige que os

governados saibam o que fazem os governantes, mesmo quando estes buscam agir protegidos pelas sombras”.⁸⁸

Segundo o jornal *The Intercept* em sua edição de 13 de março de 2016 os assuntos delatados eram feitos conforme o interesse de Moro para insuflar as massas e fazer com a população toma-se suas decisões pautadas nas informações vazadas.⁸⁹ Enquanto isso Moro aparecia no jornal em confraternização ao lado de Aécio Neves e Temer o que remete esta informação está explícito em diversas páginas do jornal e principalmente no trecho que diz; “Moro conseguiu um espaço em sua agenda lotada pelas tarefas da Lava Jato para ir a um evento promovido por um governo administrado pelo PSDB e ainda elogiou um deputado do partido acusado de desviar verbas da Educação. A luta contra a corrupção no Brasil é mesmo muito curiosa”.⁹⁰ O que fica visível o surgimento dos questionamentos quanto à parcialidade e atuação política de Moro, o que mais tarde seria confirmado pelo STF.

Na página 3, o jornal trazia uma reportagem em destaque sobre a nomeação de Lula como Ministro e a divulgação das gravações por Sérgio Moro, e as novas manifestações. Abaixo, trazia uma reportagem sobre um pronunciamento da presidenta Dilma pelo qual desmentia que estivesse entregando a gestão de seu governo à Lula e a nomeação não ocorreria para livrá-lo das investigações da Lava-Jato. O jornal ainda frisou que a presidenta estava visivelmente tensa, porém tentou disfarçar o nervosismo, sorrindo e que tentou diminuir o peso das críticas.

⁸⁸ CORREIA, Lucas. "Democracia exige que governados saibam o que fazem os governantes", diz Moro sobre áudios: juiz federal diz que governados devem saber o que os governantes fazem. Juiz federal diz que governados devem saber o que os governantes fazem. 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2016/03/democracia-exige-que-governados-saibam-o-que-fazem-os-governantes-diz-moro-sobre-audios-5113370.html>. Acesso em: 17 nov. 2022.

⁸⁹ THE INTERCEPT (Brasil). As mensagens secretas da Lava Jato. 2016. Disponível em: <https://theintercept.com/series/mensagens-lava-jato/>. Acesso em: 17 nov. 2022.

⁹⁰ THE INTERCEPT (Brasil). SERGIO MORO, TEMER E TUCANOS CONFRATERNIZAM EM CLIMA DE FESTA DE FIRMA: premiação da revista isto é mais parecia uma confraternização de fim de ano entre amigos.. Premiação da revista Isto É mais parecia uma confraternização de fim de ano entre amigos.. 2016. Disponível em: <https://theintercept.com/2016/12/11/sergio-moro-temer-e-tucanos-confraternizam-em-clima-de-festa-de-firma/>. Acesso em: 17 nov. 2022.



Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160317>

No dia 17 de abril de 2016, novas manifestações ocorreram devido o resultado da votação da Câmara sobre o processo de *impeachment*. A edição do dia 18 de abril, O Globo traz em destaque na sua capa com o título “Perto do Fim” a aprovação da Câmara do processo de impeachment da presidenta por 367 votos a 137. A reportagem começava com a frase: “Dilma Rousseff começou ontem a se despedir da cadeira de presidente do Brasil”, numa posição muito distante de um jornal que pretendesse retratar o que aconteceu. Salienta ainda que a presidenta se encontrava sem apoio de grande parte dos partidos e que teria poucas chances de o Senado impedir o processo. A reportagem também enfatizou sobre a “guerra declarada” com o PMDB de seu vice Michel Temer, o maior partido do Congresso. Na foto, a comemoração da oposição ao governo, com cartazes nas cores verde e amarelo com o dizer “Tchau querida”.

Na página 3, a reportagem com título em letras garrafais “Aviso Prévio”, fala sobre as manifestações *pró-impeachment* em comemoração ao resultado da votação na Câmara, ressaltando os 367 votos a favor contra os 137 contra o *impeachment*, a votação teve 7 abstenções e contou com a presença de 511

deputados. Na página 5, o jornal noticiava a indignação do PT após o resultado da votação, destacando a fala de José Eduardo Cardozo, advogado-geral da União que disse em pronunciamento público que a decisão foi recebida “com indignação e revolta” pela presidenta Dilma, e ainda afirmou que a Câmara fez um julgamento político, contrariando a Constituição brasileira. Ainda na reportagem dizia que o governo havia iniciado uma ofensiva para contestar o resultado da votação, sob o argumento de que a análise do processo extrapolou o objeto da denúncia, que cita a prática de crime de responsabilidade por ter assinado seis decretos de abertura de crédito no exercício financeiro de 2015 em desacordo a Lei de Diretrizes Orçamentárias – LDO, sem autorização do Congresso Nacional.

Imagem 59: Edição O Globo 18/04/2016 - página 1, 3 e 5.

O GLOBO
 BATALHA NO CONGRESSO
Por 367 votos, 25 a mais que o necessário, Câmara aprova autorização para processo de impeachment da presidente Dilma
PERTO DO FIM
 Dilma Rousseff começou ontem a se despedir da cadeira de presidente do Brasil. Pouco mais de um ano depois de reeleita e de 13 anos de PT no poder, a Câmara autorizou o processo de impeachment da petista por crime de responsabilidade. Isolada, sem apoio da grande maioria dos partidos de sua ampla coalizão eleitoral, Dilma dificilmente será forçada para impedir que o Senado abra o processo e afaixe do cargo, numa votação por maioria simples, nas próximas semanas. Em guerra declarada com o PMDB de seu vice Michel Temer, maior partido do Congresso, a presidente teve menos votos do que esperava o Planalto. Foi o que se viu também nas ruas por todo o país, onde as manifestações pró-impeachment reuniram mais público do que as de apoio ao governo. Não surtiu efeito sequer o esforço do ex-presidente Lula, cuja nomeação como ministro para escapar do juiz Sérgio Moro, da Lava-Jato, ajudou a agravar a crise. Temer assumirá por 180 dias assim que o Senado abrir o processo

EDITORIAL
 "Um passo para o impeachment"
 Há um argumento propalado entre os aliados de Dilma: a favor pouco após o fim da votação

367
 foi o número de votos dos deputados a favor do impeachment

137
 foi o número de votos contra o impeachment no Senado do Brasil

7
 foi o número de abstenções no Senado do Brasil

511
 foi o número de deputados que registrou presença na votação do crime na Câmara

A BATALHA DO IMPEACHMENT
 Pela segunda vez após a redemocratização, a Câmara autorizou a abertura do processo de impeachment contra um presidente. Com a decisão, referendada por 72% dos deputados presentes, o processo será enviado ao Senado. Se aprovado por maioria simples, Dilma será afastada por 180 dias e o vice Michel Temer assume. Nas ruas, o clima foi de Copa do Mundo, com festa de um lado e desolação do outro

AVISO PRÉVIO
Dilma perto do afastamento

367
 foi o número de votos dos deputados a favor do impeachment

137
 foi o número de votos contra o impeachment no Senado do Brasil

7
 foi o número de abstenções no Senado do Brasil

511
 foi o número de deputados que registrou presença na votação do crime na Câmara

A BATALHA DO IMPEACHMENT
REVOLTA
Indignação do PT na Câmara e no Planalto
 Segundo advogado geral da União, Dilma considera que deputados fizeram julgamento "político"

367
 foi o número de votos dos deputados a favor do impeachment

137
 foi o número de votos contra o impeachment no Senado do Brasil

7
 foi o número de abstenções no Senado do Brasil

511
 foi o número de deputados que registrou presença na votação do crime na Câmara

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160418>

A cinco dias do início das Olimpíadas no Brasil, outro evento de grande porte sediado pelo Brasil nesses anos turbulentos, no dia 31 de julho de 2016, novamente milhares de manifestantes foram às ruas. O jornal *O Globo* noticiou na página 4 os atos que ocorreram em 20 estados e no Distrito Federal, e reuniram menos pessoas do que nos atos anteriores. Os maiores atos aconteceram em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde diversos manifestantes levaram faixas e cartazes em inglês, atraindo a mídia internacional.

Imagem 60: Edição O Globo 01/08/2016 – página 4.

Protestos tomam ruas em 20 estados

Manifestações contra e a favor do impeachment tiveram menos adesão que nas vezes anteriores

Temer reforça que não tentará reeleição

Presidente interino age para evitar conflitos em sua base, após declaração de Rodrigo Maia

em, SÃO PAULO e BRASÍLIA. A cinco dias do início oficial da Olimpíada e com o Brasil no foco da imprensa internacional, o país viveu ontem em nova onda de protestos a favor do impeachment da presidente afastada, Dilma Rousseff, e contra o governo do presidente interino, Michel Temer. Houve manifestações em pelo menos 20 estados e no Distrito Federal, que reuniram menos pessoas do que em atos anteriores. Nas principais capitais, sequer houve estimativa oficial de participantes.

As passeatas contra Dilma aconteceram em 20 estados e no DF. A Polícia Militar não informou estimativas de público nos dois maiores atos: Rio e São Paulo. No Distrito Federal, sete mil pessoas foram às ruas, segundo a PM. Em 17 de abril, quando a Câmara dos Deputados votou a admissibilidade do processo de impeachment, foram 53 mil, segundo a PM. Já os protestos contra Temer ocorreram em 15 estados.

No Rio, manifestantes se concentraram na orla de Copacabana para protestar a favor do impeachment de Dilma. Levaram faixas em inglês, atraindo a atenção da imprensa internacional e de turistas que vieram para a Olimpíada.

— Os olhos do mundo estão no Rio. As manifestações estão acontecendo por todo o país. Com as faixas em inglês aqui, queremos dizer para o mundo que não está acontecendo nenhum golpe. Queremos o fim da corrupção — explicou Adriana Balhazar, do Vem Pra Rua, principal movimento que organizou os protestos no país contra Dilma e o PT.

Quatro carros de som participaram da manifestação, que contou com bonecos infláveis representando o ex-presidente Lula vestido de presidário, e o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Ricardo Lewandowski. No alto de um carro de som, havia um cartaz com o desenho da presidente afastada com nariz do personagem Pinóquio.

SABATELLA HOSTILIZADA

Na maioria dos atos não houve incidentes. Mas, em Curitiba, a atriz Letícia Sabatella foi hostilizada por manifestantes favoráveis ao impeachment de Dilma. Conhecida por se posicionar publicamente contra o afastamento da presidente, ela foi singada e precisou de proteção policial ao passar pelo grupo de manifestantes.

Em São Paulo, houve atos a favor de Dilma e contra o governo Temer. Sem o apoio de todos os movimentos que são a favor do impeachment, grupos contra o PT se reuniram na Avenida Paulista, região central de São Paulo. Além de pedir a saída de Dilma e a prisão de Lula, o protesto foi uma exaltação do juiz federal Sérgio Moro, responsável pelos processos da Operação Lava-jato.

Bonecos que representam o juiz de primeira instância como um super-herói, com capa e símbolo no peito, eram vendidos a R\$ 10. Do alto do trio elétrico do Vem Pra Rua, um manifestante passou um "Parabéns a você" para Moro, dizendo que o magistrado faria aniversário hoje (segunda-feira). Pessoas a favor de intervenção militar e até da volta da monarquia também foram à Paulista.

Em outro ponto da capital paulista, no Largo da Batata, Zona Oeste, a Frente Povo Sem Medo, que congrega diversos movimentos sociais, reuniu manifestantes contra o impeachment de Dilma. Eles saíram em passeata até a frente do escritório do presidente interino, próximo à Praça Pan-Americana, onde gritaram "Fora, Temer". A Frente Povo Sem Medo, que organizou o ato, estima que 60 mil pessoas compareceram. Em 17 de abril, os organizadores estimaram em 200 mil os presentes.

Em Brasília, cerca de 7 mil pessoas, segundo os organizadores e a PM, protestaram em frente ao Congresso pedindo o impeachment de Dilma. O ato também teve palavras de ordem contra Lula e a favor de Moro.

Além das faixas pedindo a saída de Dilma, manifestantes criticaram o projeto contra o impeachment de Dilma. O ato também teve palavras de ordem contra Lula e a favor de Moro.

— Também ontem, houve um protesto pré-Dilma e contra Temer em Planaltina, a 60 quilômetros de Brasília. O GLOBO não conseguiu contato com os organizadores ou a PM sobre a manifestação. (Com G1) ●



Na orla de Copacabana. Manifestantes no Rio atraíram atenção de turistas que estão na cidade para a Olimpíada



"Brasileiros contra a corrupção". Cartaz em inglês em protesto em SP

Temer reforça que não tentará reeleição

Presidente interino age para evitar conflitos em sua base, após declaração de Rodrigo Maia

BRASÍLIA. O presidente interino, Michel Temer, precisou agir ontem para desestimular declarações de aliado sobre as eleições presidenciais de 2018. Em nota, negou que pretenda tentar a reeleição. Ontem, o jornal "O Estado de S. Paulo" publicou entrevista em que o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RI), disse que Temer será "o candidato do nosso campo, se chegar a 50% de votos e bom".

"Fico honrado com a lembrança de meu nome como possível candidato em 2018. Mas reiteiro, uma vez mais, que apenas me cabe cumprir o dever constitucional de completar o mandato presidencial, se o Senado Federal assim o decidir. Não cogito disputar a reeleição", afirmou o presidente interino em nota.

Ontem, Maia procurou amenizar suas declarações e disse que "essa não é a pauta do momento".

— Temos uma agenda difícil e fundamental para o país. Só depois disso, deveremos entrar no debate da sucessão — disse ao GLOBO.

O Palácio do Planalto não quer atrair na base aliada, principalmente uma reação negativa do PSDB, e considera que é muito cedo para se falar nas eleições presidenciais de 2018. ●

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160801>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as críticas aos ideais clássicos de justiça, neutralidade e objetividade da imprensa sejam comuns hoje, elas permanecem centrais para a criação da legitimidade da mídia para o público, é de fato ainda mais focado, com a ameaça que representa o surgimento de canais alternativos de divulgação de informação, baseados em novas tecnologias.⁹¹

Diante disso, após uma análise abrangente dos artigos do jornal O Globo e do editorial Carta Maior, pode-se discernir o papel consistente da mídia na modelagem do comportamento dos manifestantes. A imprensa *pró-impeachment* da presidenta Dilma, noticiou com destaque nas capas dos eventos, páginas e sessões inteiras voltadas às manifestações, com imagens aéreas e escala aberta, além dos destaques para o número de manifestantes, como forma de superestimar o apoio da grande maioria dos brasileiros ao impeachment da presidenta. Por outro lado, a imprensa *contra-impeachment* de Dilma Rousseff, seguiu com notícias enxutas, com pouca ênfase nas primeiras páginas, enfatizando temas mais genéricos sobre o governo em torno das manifestações, confirmando a falta de apoio público à presidenta.

Que ela perdeu apoio político e público era um fato. Resta ainda saber por quê. Por que ela cometeu um erro político em chamar para si a responsabilidade de responder às manifestações sociais de 2013. Por que as manifestações foram sendo manipuladas e se voltaram contra ela nas disputas eleitorais de 2014 em diante.

Segundo Nogueira (2016), o *impeachment* de Dilma Rousseff foi manipulado pela mídia, em virtude de interesses políticos, o que de fato acentuou a crise constitucional. Dilma Rousseff foi acusada de crime de responsabilidade, principalmente por conta das chamadas "pedaladas fiscais". Nesse sentido, diversas interpretações chegaram à conclusão de que "pedaladas fiscais" não constituem crime de responsabilidade. Porém, vale ressaltar que, ainda hoje, há um debate em torno dessa questão.

De acordo com Foucault (1999), as organizações fruem discursos prontos aos quais os indivíduos são apropriados. Isso significa que os discursos de determinadas instituições circulam na sociedade e, portanto, estarão à disposição dos indivíduos.

⁹¹ MIGUEL, Luis Felipe. *O colapso da democracia no Brasil: Da Constituição ao Golpe de 2016*, ed. 1, São Paulo: Expressão Popular, 2016. p. 120.

Assim, é justamente nesse controle do discurso pelas instituições que o poder é investido pela instituição que é falada e não pelo falante: “[...] em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos [...]”.⁹²

O que permite difundir determinado discurso por meio de uma organização é o indivíduo pertencente a ela, o qual se qualifica como detentor do poder. É o ritual que determina quais comportamentos, gestos e declarações são permitidos por cada estabelecimento, portanto, são papéis estabelecidos. Nesse sentido, o discurso é um jogo de escrita, leitura e troca, impregnado de simbolismos. Além disso, o discurso não é apenas uma tradução das lutas e sistemas de dominação, mas do que se luta para conquistar e do que se aspira a ser.⁹³

Nesse contexto, quando se analisa a abordagem jornalística do *O Globo*, é possível identificar fortemente a criação de um sentimento de insegurança na sociedade, abusando de práticas destinadas a criminalizar quem saiu às ruas, chamando de vândalos, principalmente nas manifestações das Jornadas de Junho, em 2013, e usou o que se define como violência contra alvos simbólicos, sempre buscando diminuir o poder dos manifestantes, que persistiam em evidenciar suas insatisfações, sendo duramente acusados de pelo jornal e autoridades locais, os quais tentavam vinculá-los a crimes comuns desprovidos de um conteúdo político, podendo ser considerado como produtor de subjetividades na implementação de políticas, e nesse caso em particular, teve uma profunda influência para propostas legislativas no campo penal após as manifestações⁹⁴.

Ao mesmo tempo, criticaram o MPL e sua atuação, sua organização horizontal, a suposta associação com partidos de esquerda, apesar do movimento alegar ser não-partidário. A partir daí, *O Globo* orientou consistentemente suas reportagens no sentido de reduzir o poder dos protestos do MPL, para a criação do sujeito perigoso por traz dos manifestantes, tachados de vândalos, arruaceiros e

⁹² FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p.9.

⁹³ *Ibidem*

⁹⁴ O primeiro Projeto de Lei a ser analisado foi o 6198/2013, de autoria do deputado Jorge Tadeu Mudalen, do partido Democratas, de São Paulo, que buscava incluir o art. 40-A ao Decreto-lei 3.688, de 3 de outubro de 1941, que trata das Contravenções Penais, para proibir o uso de máscaras e outros materiais usados para esconder o rosto durante manifestações populares, definidas como a união de três ou mais pessoas que têm o intuito de perturbar a paz pública.

baderneiros, e glorificando as ações de forças de segurança para conter as ações de “vandalismo”.

As Jornadas de Junho, diferentemente dos protestos das Diretas Já (1984) e o movimento pelo *Impeachment* de Collor (1993), não constituiu nenhuma narrativa unificada de caráter nacionalista, que pudesse impor qualquer modelo de movimento social ou militância política com ampla participação das massas. É por isso que, diferentemente dos movimentos sociais, que são relativamente permanentes no tempo e tendem a se estruturar na forma de ativismo político e/ou partidário, as Jornadas de Junho são entendidas como respostas públicas e coletivas de curta duração que visam, através do protesto, criar visão política, reconhecimento das vozes dos cidadãos, seja através de seus movimentos ou do público mobilizado para o próprio evento político.⁹⁵

Além de um senso de vigilância contra a criminalização dos chamados vândalos, fica claro que O Globo também instrua o leitor para que pudesse legitimar a ação coercitiva das forças do rebanho. Vimos como o carro de imprensa funciona como um gerador de opinião e um fabricante fortemente subjetivo.

Um ponto interessante de se ressaltar quanto ao comportamento da mídia neste período é como houve uma notória virada de pauta ao longo do desenvolvimento de todo o processo. Inicialmente o jornal se posicionava contra as manifestações, entretanto, quando o foco destas passou a se voltar contra o governo de Dilma a imprensa acabou por trazer apoio e senso de justiça para estas.

Em exemplo é possível trazer como grande destaque ao jornal O Globo, o qual por mais que se mostrasse contra as manifestações em um momento inicial, e ainda, por mais que ao longo de sua carreira se mostrava contra o golpe de 1964, a mesma não se isentou do apoio direto a proposta do golpe de 2016, bem como de todo seu andamento⁹⁶.

Neste contexto, é válido a menção de como a atuação da mídia, se reveste de uma aura de isenção e imparcialidade dentro do país, em especial quando se trata de assuntos que assumem uma escala nacional. Entretanto ela tece em seus discursos e imagens uma narrativa histórica que pretende influenciar nos acontecimentos.

⁹⁵ PEREZ, Olívia Cristina. Relações entre coletivos com as Jornadas de Junho. *Opinião Pública*, [S.L.], v. 25, n. 3, p. 577-596, dez. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-01912019253577>.

⁹⁶ O golpe de 2016 e o futuro da Democracia no Brasil [recurso eletrônico] / Lyndon de Araújo Santos, Marcus Vinícius de Abreu Baccega, Yuri Givago Alhadef Sampaio Mateus (organizadores). — São Luís: EDUFMA, 2021.

A operação jurídico-midiática que viabilizou o impeachment também explicitou um fato sabido: o negócio da mídia brasileira não é jornalismo e nem notícias, é construção de crise, instabilidade e 'normalidade'. É o que podemos chamar também de novelização das notícias e uma tentativa exaustiva de 'direção de realidade'⁹⁷.

Em virtude deste cenário é possível identificar como a própria perspectiva da população passou a se alterar ao longo deste período, especialmente em função da abordagem que a mídia dava aos acontecimentos. É possível encontrar um cenário onde existe a citação dos movimentos ocorridos em São Paulo que inicialmente interpretados como “tumultos”, passaram a ser chamados de “expressão democrática” pela mídia, quando se voltaram contra o governo de Dilma Rousseff.⁹⁸

Um fato importante é o destaque que a mídia passou a dar para sátiras e piadas associadas a Dilma Rousseff, nas redes sociais, mas até mesmo dentro da própria câmara e no senado, onde mensagens como “Tchau querida” foram slogans que ficaram fortemente propagados, ao ponto de estar até mesmo representantes do governo nas câmaras utilizando desta citação, tala qual é apresentado na figura.

Imagem 61: Baldy (Dep. Alexandre Baldy) debocha de Dilma Rousseff com cartaz.



Fonte: Portal Goiás Real (2018)

Esta Imagem apresentada se popularizou fortemente pela internet, algo que faz necessário ressaltar o quão impactante foi a internet, em especial as redes sociais ao longo de todo este processo. Imagens tal qual a apresentada na Imagem

⁹⁷ BENTES, Ivana. Mídia brasileira construiu narrativa novelizada do impeachment. 2016 Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/09/02/midia-brasileira-construiu-narrativa-novelizada-do-impeachment/> Acesso em: 26/08/2022.

⁹⁸ SOUZA, Jessé. A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: Leya, 2016, 144 p.

58, trazem um tom que era muito popular na época, a proposição de algo inesperado, especialmente por se tratar de um ambiente que teoricamente teria de ser extremamente formal, trazia um tom cômico e ainda fazia crítica ao governo, algo que se propagava muito facilmente em virtude destes aspectos.

E ainda que não fosse diretamente a intenção, esta elevada visibilidade de mensagens críticas, por mais que de forma descontextualizada exerceu forte impacto na população, a qual, por mais que nem ao menos tivessem um pretense motivo para encontrar inconsistências no desenvolvimento do governo de Dilma.

Um exemplo claro deste tipo de acontecimento está diretamente associado ao contexto do próprio preço das passagens de ônibus. Este que é denotado como um dos grandes marcos para o início de todo processo das manifestações teve início em função do aumento da passagem de ônibus, que iria ter um aumento de R\$2,70 para R\$3,00, na cidade do Rio de Janeiro, enquanto este valor em São Paulo, um dos principais focos da indignação o valor era de R\$3,20 e subiu para R\$3,40. Neste cenário de instabilidade este foi o motivo para que parte da população passasse a se manifestar contra a “injúria que assolava a população”⁹⁸. Entretanto, no ano de 2022 a passagem já tinha atingido o valor de R\$4,05, mas sem grandes alardes, nem algo similar aos ocorridos de 2013⁹⁹.

É possível ainda neste tópico traçar alguns paralelos da influência que a mídia exerce na população ao avaliar os acontecimentos que culminaram no golpe de 1964. É notável como a mídia brasileira tem estado diretamente ligada às decisões políticas bem como aos governos e ainda, como estas por mais que se apresentem com uma pretensa imparcialidade, são muito comumente encontradas defendendo ou crucificando atos e/ou pessoas em função de duas ideias, em especial quando se trata de política.

Algo que é completamente inerente à existência da mídia é o fato de que a mídia brasileira acaba por incorporar “padrões de mandonismo, autoritarismo, filhotismo, coronelismo, características presentes na fisiologia da nossa sociedade”¹⁰⁰ Deste modo, é completamente impossível dissociar a influência que a

⁹⁹ DIÁRIO DO TRANSPORTE. **Prefeitura e empresas de ônibus do rio chegam a acordo e tarifa será mantida em R\$ 4,05**. 2022. Disponível em: <https://diariodotransporte.com.br/2022/05/20/prefeitura-e-empresas-de-onibus-do-rio-chegam-a-acordo-e-tarifa-sera-mantida-em-r-405/#:~:text=Diário%20do%20Transporte-,Prefeitura%20e%20empresas%20de%20ônibus%20do%20Rio%20chegam%20a%20acordo,mantida%20em%20R%24%204%2C05&text=Após%20várias%20tentativas%20de%20acordo,19%20de%20maio%20de%202022..> Acesso em: 26 ago. 2022.

¹⁰⁰ REZENDE, Maria José de. **A Ditadura Militar no Brasil: Repressão e Pretensão de Legitimidade (1964-1984)**. Londrina: Editora Uel, 2013.

mídia tem no imaginário político brasileiro e seu poder de manipular diversos acontecimentos de forma até mesmo “sorradeira”, que ao se passar por intérprete do sentimento da população se torna capaz de fazer com que a história se desenvolva a seu bel prazer como se fosse algo completamente própria e exclusiva da vontade popular, o que dá ainda o alicerce da legalidade a diversos atos desenvolvidos.

Ainda no golpe de 1964 é possível identificar o tom desta intensa presença da mídia no desenrolar dos fatos, como sendo aquela que selecionava o que deveria ou não ser o foco da atenção da população, indicando a mesma os pontos de importância e como aqueles que estavam contra estas premissas estavam de alguma forma associados à ilegalidade. É possível notar isto na fala de Dantas (2014):

As grandes empresas jornalísticas cumpriam, assim, o papel que consideravam legítimo em defesa de seu capital. A mídia tornava-se poderoso instrumento ideológico na preparação e, mais tarde, no respaldo ao regime militar. Sua contribuição para a desestabilização do governo Goulart, que além de ser acusado de inepto era apontado como agente da infiltração comunista no Brasil, foi fundamental. Mesmo jornais de longa tradição liberal, como o Correio da Manhã, estiveram na linha de frente do processo de desestabilização do governo. Ficaram famosos dois editoriais publicados por esse jornal nos dias 31 de março e 1º de abril, na agonia e na queda do governo Goulart. Os títulos "Basta!" e "Fora!" falavam por si. Clamavam pela deposição do presidente.¹⁰¹

O apoio nesta época não se restringe a um posicionamento secundário. Algumas editoras jornalísticas até mesmo apresentavam aberto apoio ao golpe militar, que era tratado por diversas revistas como sendo apenas um “Golpe Midiático-Civil-Militar”¹⁰². Válido ainda citar que nestes períodos diversos canais de imprensa desenvolvia um árduo papel para desqualificar o posicionamento e a gestão do até então presidente João Goulart, alegando suas ações como sendo parte da “defesa da democracia”⁹⁹.

Durante o período, especialmente em função da guerra fria, ainda se propagava a visão do comunismo como sendo uma ameaça que poderia assolar o Brasil. Neste cenário, diversos meios de mídia jornalística da época esboçaram e reforçaram a legitimidade do golpe como sendo algo favorável que viera para mudar os rumos do país e garantir a segurança da população com uma pretensa nova era

¹⁰¹ DANTAS, Aurélio. A mídia e o golpe militar. São Paulo: Revista Estudos avançados, v. 28, n. 80, pp. 59-74, 2014.

¹⁰² SILVA, Juliano Domingues da; MACHADO, Liliene Maria Macedo; NEGRINI, Vanessa. (Orgs). Mídia, misoginia e golpe. Brasília, FAC-UnB, 2016.

de ouro. É possível citar então jornais como Folha de São Paulo, Jornal do Brasil, O Estado de São Paulo, O Globo, Tribuna de Imprensa, Estado de Minas como sendo os principais meio de mídia que fomentavam a legitimidade do golpe¹⁰². Nomes que aparentemente se repetem com certa ressonância ao longo da história do país em diversos assuntos políticos.

O trecho abaixo remete a uma citação feita por próprio jornal O Globo no dia 2 de abril de 1964, que destacava então como a queda do até então presidente significava em verdade algo mais próximo da vinda de novos ares ao país, a real e tão esperada paz finalmente viria à tona.

Fugiu Goulart e a democracia está sendo restaurada [...] atendendo aos anseios nacionais de paz, tranquilidade e progresso [...] as Forças Armadas chamaram a si a tarefa de restaurar a Nação na integridade de seus direitos, livrando-a do amargo fim que lhe estava reservado pelos vermelhos que haviam envolvido o Executivo Federal.¹⁰³

¹⁰³ BORGES, Altamiro. **A mídia e o golpe militar de 1964**. 2019. Disponível em: <https://baraodeitarare.org.br/site/noticias/politica/a-midia-e-o-golpe-militar-de-1964>. Acesso em: 24 dez. 2022.

Imagem 62: Apoio do jornal O GLOBO ao golpe militar.



Fonte: <http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/apoio-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-12695226>

Posicionamento pouco isento, parcial ante aos acontecimentos de 1964 que se repete com os acontecimentos de 2016.¹⁰⁴

Isto fica ainda mais evidente quando se volta o olhar para as reportagens que estavam ao entorno do impeachment da presidenta. Conforme é possível identificar, no dia 31 de agosto, dia que foi votado a saída da presidenta, o jornal O Globo já indicava a forte possibilidade do impeachment, indicando ainda que, segundo as palavras do jornal, “O Brasil viverá um dia histórico com [...] a presidenta afastada, Dilma Rousseff, que por fim a 13 anos do PT no comando do país [...]”.¹⁰⁵ Isto pode ser inclusive identificado na Imagem 62, no jornal deste dia.

¹⁰⁴ Memória. Apoio ao golpe de 64 foi um erro. 2013. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/apoio-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-12695226>

¹⁰⁵ O Globo. Hora da Votação Final. Redação, dia 31 de agosto de 2016.

Imagem 63: Capa O Globo edição 31/08/2016.



Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160831>

Esta parcialidade do jornal foi amenizada no dia seguinte da votação, colocando em voga a responsabilidade do presidente interino Michel Temer, o qual foi colocado como destaque ante as pautas acionadas pelo “clamor público”, bem como é destacado na manchete no dia 01 de setembro de 2016.

Entretanto, no dia 02 já é possível identificar a retomada do posicionamento e dos movimentos políticos, como é enfatizado na capa do jornal o globo deste dia, que enfatiza como foram buscadas medidas que visavam garantir a inelegibilidade da ex-presidenta em futuras eleições. É notável nestas medidas uma busca estratégica para garantir o máximo abafamento da atuação do PT no país. Estes tópicos são apresentados na Imagem 63 e 64.



QUINTA-FEIRA, 18 DE SETEMBRO DE 2016 ANOS 147 - Nº 30.044

Prêmio Marília (1974-1975) — (1994-2001) Roberto Marinho

ISSN 0007-0706

DILMA SOFRE IMPEACHMENT



Temos posse e viagem. Michel Temer e empresários no Congresso, achado de Rocco Cabeloto (à direita) e Ricardo Lessa (à esquerda), além de Rodrigo Maia (à esquerda), que assume o PovoBanco presidente novo para a China

E AGORA, TEMER?

Presidente terá 2 anos e 4 meses para cumprir compromissos:

Aprovar o ajuste fiscal e as reformas da Previdência e trabalhista

Reduzir o desemprego, atrair investimentos e destravar concessões

Manter a promessa de não interferir no caso Eduardo Cunha

Apoiar a Lava-Jato e rechaçar ações que atrapalhem investigações

Administrar a divisão no PMDB e pacificar relação com PSDB e DEM

Enfrentar no Congresso e nas ruas a oposição anunciada por Dilma

Não dá em que se queira eleger a ter três presidentes, o Senado aprovar o ajuste fiscal e as reformas da Previdência e trabalhista em 12 meses, o PT não pode. Não há articulação que leve o apoio do presidente do Senado, Renan Calheiros, e governo para aprovar o ajuste fiscal e as reformas da Previdência e trabalhista em 12 meses, o PT não pode. Não há articulação que leve o apoio do presidente do Senado, Renan Calheiros, e governo para aprovar o ajuste fiscal e as reformas da Previdência e trabalhista em 12 meses, o PT não pode.

Dilma, sem tempo para regular a legislação trabalhista, reformar a Previdência e ampliar programas sociais. Antes, disse que não aceitava mais o "golpe" e a agremiação de "golpistas e vovós". Foi uma resposta a Dilma, que tentou a se afastar antes de um golpe e afirmou que não apoiaria o impeachment ao governo de seu ex-vice, a quem chamou de corrupto. Em São Paulo, manifestantes contra Temer defendem bancos e são um caso de polícia. **ÍNDICE 1 a 29**

EDITORIAL
"Para que não haja outro impeachment"

A partir de agora, governantes que quiserem pagar salários para continuar a Constituinte, não há mais o que fazer. Não há mais o que fazer. Não há mais o que fazer.

Estreito em pleno ar



— Então, não

MERVAL PEREIRA
Cambiais constitucional beneficia subsídios políticos.

NELSON MOTTA
Um episódio dramático e farsesco.

JOSE PAULINA
Não dá em que se queira eleger a ter três presidentes, o Senado aprovar o ajuste fiscal e as reformas da Previdência e trabalhista em 12 meses, o PT não pode.

ALAN GRIPP
Escudo de Lula já em cheque sua habilidade.

MIRIAM LESTÃO
Uma chance para recuperar a economia.

DEMÉTRIO MAGNOLI
O acordo de conciliação já soou.

CORA RÔMAY
Mônica de que pode ter sido, mas não foi.

FLÁVIA BARBOSA
A saída se dá num terreno intrincado.

ANCELMO GOIS
Temer vai se comprometer com as ruas.

SARDENBERG
Fatos de Temer é ser Sarney ou Temer.

ARNALDO BLOCH
Qual é novo narrativa a ser alvejada?

PAULO CELSO PEREIRA
Temer, ao governar, perde seu melhor aliado.

LAURO JARDIM
Temer não deve controlar a própria natureza.

FERNANDO GABERIA
No lugar da crítica, uma visão reconstrutiva.

ANA CRISTINA REIS
É tão obviamente que se o humor salta.

EDUARDO EUGÊNIO
Há de confirmar, sem recos, as expectativas.

MORENO
Lula não esperava, mas Dilma quis continuar.

JOSÉ CASADO
Ainda PMDB-PT não caminho para a anistia.

ARTUR DAPPEYE
Colore Dilma, juremos de mesma lúcido.

CID BENJAMIM
O Brasil está da Constituição de 88.

RICARDO NOBLAT
Com o impeachment, mais a Nova República.

ILMAR FRANCO
Muito de Temer, agora, é falar para a maioria.

DANIEL AARÃO REIS
Impassável é o chefe que deve ser entido.

JAIRO NICOLAJ
Sucesso de Temer será mudança para PSDB.

VERISSIMO
A área continua de pé, mas menos frondosa.

FREI BETTO
Impassabilidade de Dilma dificultou desempenho.

SÉRGIO FADAL
Dilma nega realidade que Temer vai enfrentar.

BRUNO WANDERLEY
PT prevalece como protagonista político.

PIB cai pela 6ª vez, mas dá sinais de retomada



Desemprego +0,4% **Inflação** +0,3% **Apuramento** -2,0% **Consumo** -0,7% **Servicos** -0,8%

PIB -0,6% (em relação ao mesmo período do ano anterior)

PIB -0,6% (em relação ao mesmo período do ano anterior)

PIB em % - Preço base 2010 no Estado do Rio de Janeiro - R\$ 4,00 - Crédito consultado em: Superintendência de Estatística do IBGE

Imagem 65: Capa O Globo edição 02/09/2016



Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160902>

Valido aqui citar que apenas quase 50 anos após o golpe de 1964, e ainda, apenas após um forte apelo popular, o jornal O Globo reconheceu publicamente que o apoio prestado ao golpe de fato foi um erro, que foi levado a público como uma forma de quebrar todas as suposições que já eram feitas e dar uma certeza, uma certeza de que de fato a mídia havia dado o apoio direto aos acontecimentos, mas ainda, se isentando dos acontecimentos ao afirmar que reconheceram seus erros e se arrependiam.¹⁰⁶

A retratação viria 49 anos depois, em 31 de agosto de 2013, no site do jornal O Globo: 'Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro'. Justificativa: 'A consciência não é de hoje, vem de discussões internas de anos, em que as

¹⁰⁶ REDAÇÃO PRAGMATISMO. **Globo diz que errou e pede desculpas por apoio à ditadura.** 2013. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/09/globo-errou-pede-desculpas-apoio-ditadura.html>. Acesso em: 30 ago. 2022.

Organizações Globo concluíram que, à luz da História, o apoio se constituiu um equívoco¹⁰⁷.

Outro ponto de importante destaque está associado ao fato de que este pronunciamento ocorreu justamente no ano de 2013, durante o período mais acalorado das manifestações deste ano, as denotadas Jornadas de Junho. Entretanto estas falas soam quase irônicas, e até mesmo cômico ao voltarmos o olhar para os acontecimentos que se sucederam desde 2013, onde a mídia que até então se mostrava como “arrependida”, sugerindo que não compactuaria mais com a manipulação de informações acerca da gestão do país, acaba por se mostrar novamente como aquela que mais move o direcionamento do foco das massas neste período.

Conforme apresentado no capítulo anterior, é nítido o trabalho que a mídia passou a desenvolver neste período, não apenas O Globo, mas ainda, diversas outras mídias do país teciam uma narrativa muito unilateralidade dá até então situação do país, na qual a narrativa se restringia a superficialidade e não se dava o mérito de tratar as questões que impactavam tão fortemente o país desde a crise de 2008, nem os reflexos diretos que esta teve nos mandatos de Dilma Rousseff.

A mídia teve um papel fundamental. Ela alicerçou a base para revolta, para a construção de um imaginário nacional sobre a presidenta Dilma Rousseff e sobre o Partido dos Trabalhadores. E a Rede Globo foi uma das expoentes da arquitetura do golpe, junto com outras mídias, como Folha de São Paulo, o Estadão, o jornal A Tarde, aqui na Bahia, a revista Veja, Isto É, Época, enfim, todas estas empresas midiáticas comandadas pelas grandes famílias no Brasil e nos estados¹⁰⁸.

Esta visão unilateral que era fortemente promovida se propagava para todos os lados neste período. A maioria dos veículos de mídia adotavam uma linguagem bem semelhante ao se tratar dos acontecimentos, trazendo o enfoque a esmo de matérias associadas a gestão do país, especialmente no que se referia ao caso da Operação Lava Jato e casos de corrupção que supostamente envolvia unicamente o partido dos trabalhadores.

¹⁰⁷ REDAÇÃO PRAGMATISMO. **Globo diz que errou e pede desculpas por apoio à ditadura.** 2013. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/09/globo-errou-pede-desculpas-apoio-ditadura.html>. Acesso em: 30 ago. 2022.

¹⁰⁸ GERALDES, Elen Cristina; RAMOS, Tânia Regina Oliveira; SILVA, Juliano Domingues da; MACHADO, Liliane Maria Macedo; NEGRINI, Vanessa. (Orgs). *Mídia, misoginia e golpe*. Brasília, FAC-UnB, 2016.

Estas notícias não apenas restringiam fortemente o foco no partido dos trabalhadores, mas ainda, fazia acusações e julgamentos públicos sem espaço para a defesa do acusado, o que apenas fomentava a população a aceitar as acusações como verdade.

Em suma, é possível afirmar que a mídia teve um papel importantíssimo no processo da construção da quebra da credibilidade que a população tinha para com o governo de Dilma Rousseff, criando-se uma ideia extremamente negativa, da imagem pessoal da presidenta Dilma Rousseff quanto de seu governo, a qual por muito tempo não teve uma base para retórica e ainda contou com uma cobertura jornalística extremamente polarizada.

A mídia adotava uma postura que estabelecia um enfoque muito claro no que seria o real problema do país, indicando e clamando alto para mobilizar a população para a luta anticorrupção, à responsabilização do governo pela crise econômica gerada no bojo da instabilidade política vivenciada desde 2013, a mídia não se dava o trabalho de ir mais a fundo em temáticas como: “a reforma trabalhista, mudanças de concessões ambientais, privatizações, redução e congelamento de investimentos em áreas de direitos fundamentais como saúde e educação.”¹⁰⁹ Estes tópicos eram simplesmente abafados, ou ainda, quando vinham à tona como objeto de pauta eram sempre diminuídos, como se fosse uma problemática secundária.¹⁰⁷

¹⁰⁹ KREIN, José Dari. O desmonte dos direitos, as novas configurações do trabalho e o esvaziamento da ação coletiva: consequências da reforma trabalhista. **Tempo Social**, [S.L.], v. 30, n. 1, p. 77-104, 26 abr. 2018. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.138082>.

Reforço na Lava-Jato

Janot amplia grupo de investigadores de olho no aumento das ações contra políticos

35 acordos de delação premiada foram firmados pelo Ministério Público	35 denúncias foram oferecidas pelo Ministério Público contra 173 pessoas	61 réus já foram condenados na primeira instância da Justiça Federal, em Curitiba	116 mandados de prisão foram cumpridos pela Polícia Federal, sendo 61 prisioneiros preventivos	941 procedimentos de investigação já foram tomados, 299 ainda estão sob sigilo	R\$ 2,4 bi patrimônio bloqueado pela Justiça, considerando bens e dinheiro em contas bancárias
---	--	---	--	--	--

ALTO NÍVEL DE CARIÓTIPO

investigação diligente

A Operação Lava-Jato, um processo na vida de muitos políticos e empresários influentes há quase dois anos, vem ganhando reforços. No início de dezembro o procurador geral, Rodrigo Janot, deu uma dura indicação de trabalho que terá pela frente: redobrar o grupo de trabalho encarregado das investigações sobre deputados, senadores e ministros com mais 4 investigadores e criou um grupo especial com 5 subprocuradores para atuar com exclusividade nos recursos da Lava-Jato no Superior Tribunal de Justiça (STJ).

Uma fase da investigação prevê que até julho os trabalhos em Curitiba (PR), onde está concentrada parte da força-tarefa do Ministério Público, cheguem ao fim. Até lá, o juiz Sérgio Moro deverá ter concluído todos os processos abertos até agora, na avaliação dessa fonte. Porém, os desembargadores da Operação Lava-Jato nas demais instâncias judiciais e a abertura de novas investigações contra políticos com foro privilegiado ainda não permitem prever um horizonte.

Com isso, a linha de frente das investigações sobre envolvimento de políticos, empresários, lobistas, políticos e servidores públicos com a corrupção na Petrobras terá em 2016 um efetivo de mais de 30 procuradores, subprocuradores e promotores. Um dos maiores números de investigadores, só do Ministério Público, destinados para atuar num mesmo caso. Nenhum outro recorde do país mobilizou tanta mão-de-obra.

— Vem muita coisa forte por aí e não vai diminuir muito — afirma a fonte vinculada ao caso, acrescentando que nos próximos meses, a força-tarefa deverá atuar na prática numa grande operação.

A equipe conta a missão mais espinhosa, o grupo de trabalho vinculado ao gabinete de Janot, que formado por nove investigadores, sob a coordenação do procurador Douglas Fischer. No início deste mês, Janot destacou mais quatro investigadores para reforçar o grupo, que tem como tarefa investigar deputados federais, senadores e ministros suspeitos de envolvimento ou de serem beneficiários das fraudes na Petrobras e em outros casos da administração pública.

FRENTE PARA INVESTIGAR POLÍTICOS

Com base na atuação do grupo, Janot pediu no início do ano abertura de inquérito contra mais de 30 políticos, entre eles 13 senadores e 2 deputados federais. Mas a demanda cresceu especialmente depois das delações de empresário Ricardo Pessoa e do lobista Fernando Soares, o Fernando Bialoni, e do aumento de delações ainda mais com novos acordos de delação premiada e com as recentes buscas realizadas em endereços do presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), do ministro do Turismo Henrique Eduardo Alves e do ex-presidente da Transportes Sérgio Machado. Até agora já foram fechados 33 acordos de delação premiada.

— Temos mais dois anos de trabalho. Mas os delírios da Lava-Jato podem ser prolongar por mais cinco ou até dez anos — afirma o chefe de uma das bancas de advocacia que atua na Lava-Jato. A nova equipe do STJ é formada pelos subprocuradores-gerais Francisco de Assis Vieira Sant'anna, Aurora Maria Barbosa Pierre, José Adalberto Calvão de Araújo Sá, Maria Helena Marajó Pri-



Reforço. Rodrigo Janot aumenta grupo responsável pelas investigações e prevê mais ações para este ano



Parto do fim. Processos conduzidos na primeira instância da Justiça podem ser concluídos até julho

to e Maria José Gisi. Ele teria como missão fazer frente à demanda de habeas corpus e recursos especiais que estão chegando no STJ contra decisões da primeira instância.

A criação da força-tarefa foi sugerida pela 5ª Câmara de Coordenação e Revisão e acolhida pelo procurador-geral. A ideia de Janot é distribuir a Lava-Jato entre campo delatado e identificação no STJ das decisões do juiz Sérgio Moro, da 1ª Vara Federal de Curitiba.

— O que se prevê é que, a partir de agora, muitos recursos vão chegar ao STJ depois de passarem por tribunais regionais federais. Por isso, se criou essa força-tarefa — explica uma das autoridades do caso.

Desde o início do ano também, a equipe da vice-procuradora geral, Iza Vitório, já consultou no âmbito do STJ as investigações sobre o suposto envolvimento de governadores com delitos na Petrobras. No momento, estão abertos dois inquéritos no STJ contra os governadores Márcio Negromonte, conselheiro do Tribunal de Contas da Bahia, e as investigações podem ser ampliadas se confirmadas as suspeitas contra magistrado estadual no início do ano.

A força-tarefa de Curitiba, coordenada pelo procurador Delmiu Dalpogian, conta com 18 investigadores. O grupo foi criado por Janot em abril do ano passado com um número menor, mas cresceu de acordo com a demanda. Com a supervisão do procurador Carlos Fernando dos Santos Lima, o grupo costuma se reunir em acordos de delação premiada e com isso abre as portas da corrupção encoberta na Petrobras. Desde o início dos trabalhos da Lava-Jato, há mais de 21 meses, já foram bloqueados R\$ 2,4 bilhões em bens e dinheiro em contas bancárias de pessoas envolvidas no esquema de corrupção.

RELAÇÕES REVERTAS

Os acordos com o ex-diretor Paulo Roberto Costa e do lobista Alberto Yonasi e o lobista João Camargo, entre outros, levaram à prisão pela primeira vez na história do país dezenas de grandes empresários e criaram as bases para as investigações contra deputados federais, senadores e ministros em curso no STJ.

Colégas dos procuradores de Curitiba entendem, no entanto, que o trabalho ficou incompleto. Depois da primeira fase dos acordos, procuradores do grupo de trabalho de Brasília, tiveram que interrogar novamente alguns investigados, entre eles João Camargo, Sérgio Amâncio, Camargo Abreu e João em relação aos importantes nomes, o presidente da Calmar, Eduardo Cunha (PMDB-RJ) e o ex-ministro José Dirceu.

Mais recentemente, a força-tarefa de Curitiba denunciou o empresário José Carlos Basilio por intermediar falsos empréstimos do Banco Sichel para o PT. O caso viveu forte repercussão. Basilio é suspeito de usar o nome do ex-presidente Luiz Inácio de Silva para intermediar negócios entre empresas privadas e o governo.

Parte das investigações da primeira instância já foi transferida para outras federais no Rio de Janeiro e em São Paulo, entre outros estados. O chefe da Lava-Jato deverá produzir o fim em Curitiba enquanto ganha fôlego em outras praças.

— Parece que a Lava-Jato não terá fim — conclui um procurador.

Deputados criticam TV Câmara, que editou discursos contra Cunha

Oposição do presidente da Câmara critica o conteúdo da programação da TV Câmara

Adversários e aliados do presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), reagiram a decisão da cúpula da TV Câmara de cortar e editar críticas feitas no premonitório ao programa 'Fatos e Opiniões', veiculadas na semana de

para evitar a votação do processo contra ele por quatro do decano parlamentar, como sucedeu ontem à GLD (R).

Os jornalistas da TV Câmara criticaram uma primeira versão veiculada na noite das críticas, que chegou a ser revertida pelo canal de TV na internet, que durou 9 minutos e 20 segundos. Mas nas notas de uma terceira versão a TV Câmara veiculou uma versão com cortes, sem ataques di-

rectiva e lavagem de delatado e por agouro uso da presidência da Câmara e do mandato para autajural investigações da Lava-Jato. No Conselho de Ética, respondeu o processo por quatro de cinco parlamentares acusados de ter cometido um delito perante a CP da Petrobras, segundo que tivesse contas bancárias no exterior.

Allados de Cunha, como Carlos Marum (PMDB-MG), manifestaram a situação, inconstante

— O presidente Cunha não tem medo de críticas, não vejo ele agindo a ponto de interferir e cortar que elas fossem reproduzidas. Não sei o que aconteceu, mas edição e edição. Dito isto, não me dá uma entrevista de 15 minutos para a TV Câmara e só entro, 15 segundos. Hoje há direcionamento para prejudicar Cunha em vários órgãos da nossa imprensa e nem por isso fico avaliando

— disse Marum.

maistas concusados da Casa, que tentam a interferência na edição dos programas. Procurado para o GLOBO, não deu retorno ao contato.

— É a primeira grande prova de que a TV Câmara é imparcial, a serviço dos interesses, no caso, do presidente da Câmara, e não do partido — disse Bandeira.

Nu famosa sessão, a deputada tucana cadete Maria Gabrielli (SP) foi a última a discursar. De ferreza para a Cunha, ela conso-

O deputado Paulo Pimenta (PT-ES) diz que a censura 'não surpreende' porque há uma orientação de Eduardo Cunha de usar a estrutura da Casa em seu benefício e a sua defesa na Lava-Jato.

— É uma orientação dele, de usar a estrutura da Câmara, legislativa, de comunicação, tudo o que é utilizado para o defesa do presidente — afirmou Pimenta.

O presidente da Câmara votou a favor social para sair a re-

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160104>

É possível notar o papel da mídia na disseminação da instabilidade política no ano de 2015, onde era visível a composição quase homogênea da mídia nacional que se tratava quase que de forma exclusiva destes aspectos associados a crise econômica e à Lava Jato, em uma tentativa exaustiva de promover a condenação da esquerda.

A partir deste momento, com o cenário que já demonstrava a quebra da confiança da população na gestão do país, as mídias passaram a trazer então o foco para o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, apontando o processo de como sendo em verdade um componente legal que poderia ser utilizado conforme os apelos das massas, num esforço de justificar a (i)legalidade deste processo, dispensando a abordagem dos motivos que então levariam a aplicabilidade deste processo como uma pauta a ser abordada.

O discurso foi simplificado e seletivo: a maior emissora de TV aberta do país, a TV Globo, transmite ao vivo a sessão parlamentar de admissão do processo de impedimento num domingo inteiro, enquanto que no dia da defesa da presidenta não realizou a transmissão em TV aberta, sendo possível vê-la apenas no canal fechado do Grupo Globo (Globo News). Após o impedimento, a tempestade midiática tem uma súbita normalidade com o presidente interino¹¹⁰.

A partir deste momento, com o cenário que já demonstrava a quebra da confiança da população, que mesmo mediante os apelos da presidência, população está que já não davam mais ouvidos a nada que não fosse o seu próprio senso de dever e justiça para tornar o Brasil um lugar “melhor e livre de corrupção”.

Imagem 67: Edição O Globo 10/03/2015.



Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150310>

¹¹⁰ BENTES, Ivana. Mídia brasileira construiu narrativa novelizada do impeachment. 2016 Disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/2016/09/02/midia-brasileira-construiu-narrativa-novelizada-do-impeachment/>. Acesso em: 24 dez 2022.



Fonte: <https://acervo.globo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020150310>

Mediante o proposto é possível identificar a forte intervenção da mídia no desenvolvimento deste processo de impeachment, como estas questões que voltaram o foco para a presidenta foram cada vez mais ganhando corpo ante as massas ao ponto de se tornar quase que um espetáculo para a população aos seus momentos finais. Neste sentido, é possível concluir que de fato, foi uma infelicidade da presidenta ter se manifestado em momentos não muito oportunos e não saber lidar com a pressão exercida sobre ela, que acabou por fomentar ainda mais a insatisfação popular que era cada vez mais inflamada pelos canais midiáticos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de; LIMA, Vitória Thess Lopes da Silva. Dilma Rousseff na imprensa brasileira: Da Reeleição ao Processo de Impeachment. **Revista Encontros**. Vol. 14, N° 26. 2016. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/encontros/article/view/747>. Acesso em: 18 jan. 2022.

ALMEIDA, Ivana Veloso de. **A mídia e sua influência: estudos do processo de impeachment de Dilma Rousseff em comparação a Fernando Collor de Mello**. Recife. 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564667306_ARQUIVO_ArtigoIvanaVelosodeAlmeidaANPUH2019.pdfAcesso em: 17 jan. 2022.

BIBLIOTECA BRASILIANA. Correio Braziliense ou o Armazém Literário. **Periódicos**. São Paulo, 2001. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/1303>. Acesso em: 21 jan. 2022.

BORGES, Gabriela Silveira. Pró ou contra impeachment: análise de conteúdo sobre as manifestações nas capas do jornal O Globo. 2016. 99 f., il. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social). **Universidade de Brasília**, Brasília, 2016. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/15162> Acesso em: 19 jan. 2022.

BRASIL. Série Periódicos Brasileiros - Gazeta do Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1808. **Biblioteca Nacional**, [S. l.], jan. 2022. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/explore/curiosidades/serie-periodicos-brasileiros-gazeta-rio-janeiro-10-setembro>. Acesso em: 21 jan. 2022.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou o ofício de historiador**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

CARLOS, Eliana Natividade. **A mídia e as manifestações de junho de 2013: uma análise de produtos midiáticos**. 2015. 97 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Cásper, [S. l.], 2015. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/04/ELIANA-NATIVIDADE-CARLOS.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2022.

CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto;Edusp, 1988.

Carta Capital. "Manifestações contra o governo encolhem em todo Brasil". 12 de abril de 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/manifestacoes-encolhem-e-governo-federal-e-pt-nao-se-manifestam-2961/> Acesso em: 29 mar. 2022

CAUDURO, Douglas Hinterholz. *A opinião do Estado de S. Paulo nos impeachments dos presidentes Fernando Collor de Mello e Dilma Rouseff*. 2018. Dissertação (Pós Graduação de Comunicação Social) - **Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, [S. l.], 2018. Disponível em: http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/7980/2/DIS_DOUGLAS_HINTERHOLZ_CAUDURO_COMPLETO.pdf. Acesso em: 17 jan. 2022.

CIRINO, Thais Emmanuelle da Silva; LEITE, Alexandre César Cunha; NOGUEIRA, Silvia Garcia. *Mídia e política externa brasileira: a diplomacia midiática na crise do impeachment de Dilma (2016)*. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação** [online]. 2019, v. 42, n. 1 pp. 57-71. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/DS5Y3Q6zsjQSb5cwPKMBYcL/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 19 Jan 2022.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FONSECA, F. *O Consenso Forjado. A grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2005

FONSÊCA, Daniel. Não dá para não ver: As mídias nas manifestações de junho de 2013. São Paulo. Fundação Friedrich Ebert. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/10419.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2022.

GUAZINA, Liziane; PRIOR, Hélder; ARAÚJO, Bruno. Enquadramento de uma crise brasileira: o impeachment de Dilma Rousseff em editoriais nacionais e internacionais. **Journalism Practice**, [s. l.], ano 2019, v. V. 13, ed. 5, p. 620-637, 6 nov. 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.080/17512786.2018.1541422?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 18 jan. 2022.

GUROVITZ, Helio. Game over, presidente Dilma. In. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/post/game-over-presidente-dilma.html>. Acesso em: 20 jan. 2022.

GROHMANN, Rafael; SOUZA, Livia Silva de. A midiatização das jornadas de junho: o consumo na rede. **Ciberlegenda**, [s. l.], p. 134-143, 8 out. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/download/36969/21544>. Acesso em: 17 jan. 2022.

HOHLFELDT, Antônio. Correio e Gazeta: comparações e influências. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [S. l.], ano V, n. 2, p. 11-26, 13 jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n2p12/10182>. Acesso em: 20 jan. 2022.

INTERVOZES. Vozes silenciadas. Mídia e protestos. A cobertura das manifestações de junho de 2013 nos jornais O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo. São Paulo: Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, 2014

JOHNSON, Reed; MAGALHAES, Luciana. Protesters Call for Ouster of Brazil's President Dilma Rousseff. *The Wall Street Journal*. 16 ago. 2015. Disponível em: https://www.wsj.com/articles/panoply-of-causes-unites-against-brazilian-leader-1439719203?mod=article_inline Acesso em: 30 mar. 2022.

LIMA, Venício A. de. As manifestações de junho e a mídia. In: Carta Maior. 2013. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/As-manifestacoes-de-junho-e-a-midia/4/28178> Acesso em: 25 fev. 2022

MIGUEL, Luís Felipe. Retrato de uma ausência: a mídia nos relatos da história política do Brasil. Revista Brasileira de História [online]. **Revista Brasileira de História**. v. 20, n. 39, pp. 191-199, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/VqmBLqHJSjWJKp5WB8CLyF/?lang=pt#> Acesso em: 21 jan. 2022.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MORITZ, Maria Lúcia; RITA, Mayara Bacelar. Mídia Impressa e Gênero na construção do impeachment de Dilma. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação** [online]. 2020, v. 43, n. 2, pp. 203-223. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/GqKkzKJdfWrGrMdhY8LBHBK/?lang=pt#>. Acesso em: 19 Jan 2022.

NOGUEIRA, Thulio Guilherme Silva. O impeachment de Dilma Vana Rousseff: qualquer semelhança com a história é mera coincidência. **VirtuaJus**, Belo Horizonte, vol. 12, n. 28, 2016, p. 244-253. Disponível: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/virtuajus/article/view/13765> Acesso em: 18 jan. 2022.

OLIVEIRA, Caroline. Impeachment 5 anos: a relação entre junho de 2013 e a ascensão da extrema-direita: Como a extrema direita se apropriou de manifestações legítimas contra o aumento do ônibus e feriu a democracia. **Brasil de Fato**, São Paulo, 18 abr. 2021. Política. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/18/impeachment-5-anos-a-relacao-entre-junho-de-2013-e-a-ascensao-da-extrema-direita>. Acesso em: 19 jan. 2022.

RODRIGUES, Theófilo Machado. O papel da mídia nos processos de impeachment de Dilma Rousseff (2016) e Michel Temer (2017). **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 02, pp. 37-58, ago. 2018/ nov. 2018.

SCHEINVAR, E. A indústria da insegurança e a venda da segurança. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v.19, n.3, p. 481-490, jul/set. 2014.

TATAGIBA, Luciana. Entre as ruas e as instituições: os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff. **Lusotopie**, [s. l.], 2018, p. 112-135. Disponível em: https://www.cesop.unicamp.br/vw/1IMb2Ta0wNQ_MDA_c2b2c_/entre%20as%20ruas%20e%20as%20instituic%C3%A7%C3%B5es_%20os%20protestos%20e%20o%20impeachment%20de%20Dilma%20Rousseff.pdf. Acesso em: 17 jan. 2022.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.

VIEIRA, Martha Victor. A "opinião pública" e a liberdade política na perspectiva do periódico *A Matutina Meiapontense* (1830-1834). In: **Simpósio Nacional de História**, 28., 2015, Florianópolis. Anais [...]. São Paulo: Associação Nacional de História, 2015. p. [1-9]. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/5012> . Acesso em: 18 jan. 2022.